

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA**

MICHEL SORES DO CARMO

PONDO NA RODA AS METAPRAGMÁTICAS DO ARMÁRIO GAY

Goiânia
2017

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS
DE TESES E
DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: **Dissertação** **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do autor: Michel Soares do Carmo

Título do trabalho: Pondo na Roda as Metapragmáticas do Armário Gay

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.



Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:



Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 14/08/2017.

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente
- Submissão de artigo em revista científica
- Publicação como capítulo de livro
- Publicação da dissertação/tese em livro

²A assinatura deve ser escaneada.

MICHEL SOARES DO CARMO

PONDO NA RODA AS METAPRAGMÁTICAS DO ARMÁRIO GAY

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras e Linguística.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Linha de pesquisa 5: Linguagem, Sociedade e Cultura.

Orientadora: Profa. Dra. Joana Plaza Pinto

Goiânia
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Soares do Carmo, Michel
Pondo na Roda as Metapragmáticas do Armário Gay
[manuscrito] / Michel Soares do Carmo. - 2017.
128 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Joana Plaza Pinto.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e
Linguística, Goiânia, 2017.
Bibliografia. Apêndice.

1. Armário Gay. 2. Metapragmática. 3. Youtube. 4. Põe na Roda.
5. Etnografia digital. I. Plaza Pinto, Joana, orient. II. Título.

CDU 81

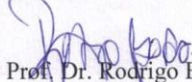


ATA Nº 17/2017

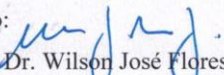
**ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO
ALUNO MICHEL SOARES DO CARMO**

Aos dez dias do mês de julho do ano de dois mil e dezessete, a partir das quatorze horas no Miniauditório Professor Egídio Turchi da Faculdade de Letras, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação intitulada **“Pondo na roda as metapragmáticas do armário gay”**. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Joana Plaza Pinto com a participação dos demais Membros da Banca Examinadora: Professor Doutor Rodrigo Borba (UFRJ) e Professor Doutor André Marques do Nascimento (Faculdade de Letras/UFG). A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato aprovado pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Joana Plaza Pinto, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora e visada pelo Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Goiânia, dez dias do mês de julho do ano de dois mil e dezessete.


Prof. Dr^a Joana Plaza Pinto - Presidente


Prof. Dr. Rodrigo Borba


Prof. Dr. André Marques do Nascimento

Visto: 
Prof. Dr. Wilson José Flores Júnior

MICHEL SOARES DO CARMO

PONDO NA RODA AS METAPRAGMÁTICAS DO ARMÁRIO GAY

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do grau de Mestre em Letras e Linguística para ser avaliada pela Banca examinadora constituída pelos/as seguintes professores/as:

Profa. Dra. Joana Plaza Pinto – UFG
(Presidenta)

Prof. Dr. André Marques do Nascimento – UFG

Prof. Dr. Rodrigo Borba – UFRJ

Profa. Dra. Tânia Ferreira Rezende – UFG
(Suplente interna)

Profa. Dra. Glenda Cristina Valim de Melo – UNIRIO
(Suplente externa)

JULHO DE 2017

A todas as mulheres que de forma direta ou indireta me deram suporte para que eu me tornasse quem hoje sou e para que alcançasse meus objetivos:

*À minha mãe, **Maria**, e minhas avós, **Divina e Geralda**, pelos exemplos de dignidade e de luta por uma vida melhor.*

*Às minhas professoras, especialmente **Ceila Luz, Maria Cláudia, Maurícia Pereira, Anna Cláudia Passani, Maria Cristina Dalacorte, Rosane Rocha Pessoa, Tânia Rezende e Joana Plaza Pinto**, por mostrarem como conhecimento pode ser politizado e criativo, por ampliarem meus horizontes com suas aulas e pontos de vista e por mostrarem que sempre podemos ser pessoas e profissionais melhores e engajados.*

*À **Carlianne Paiva**, pelo apoio, abertura e discussões sobre raça, gênero e sexualidade imprescindíveis para meu desenvolvimento intelectual-acadêmico.*

*À minha prima **Maiara**, pelas conversas intermináveis e influências musicais durante o ensino médio.*

*Às minhas amigas, especialmente **Jake, Aida, Joyce, Lohana, Rhanya, Lorrany e Rita**, por seu suporte incondicional e suas palavras de amor, carinho e incentivo.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a CAPES pelo suporte financeiro durante a pesquisa.

Agradeço a minha orientadora, Joana Plaza Pinto, por sua dedicação e paciência.

Agradeço ao Róbson Lousa por todos os momentos ao meu lado e pelo apoio que tem me dado.

Agradeço aos meus amigos que estiveram ao meu lado durante toda esta jornada.

RESUMO

O armário gay tem sido considerado um dispositivo de controle de sexualidade em pesquisas em diversas áreas do conhecimento. Neste estudo, pretende-se estudá-lo a partir de um ponto de vista dos estudos sobre linguagem, mais especificamente, o campo dos estudos das metapragmáticas da língua em uso. Para tal, por meio de uma abordagem etnográfica digital, foi escolhido um canal de humor do YouTube voltado para o público gay chamado *Põe na Roda*. Foram selecionados para análise todos os vídeos em que o tema do armário gay aparecesse implícita ou explicitamente no período dos dois primeiros anos do canal, 15/04/2014 a 24/04/2016. Pode-se dizer que o armário é um elemento importante nos processos de entextualização que ocorrem nestes vídeos. Ele também apresenta função metapragmática e é central em discursos metapragmáticos articulados a gênero e ao binarismo hierarquizado “fora X dentro”. O canal apresenta o uso de diversos recursos semióticos para dar suporte a processos de indexicalização e discursos e avaliações metapragmáticas, que tentam apresentar o armário como um conjunto uniforme e simples. Tais estratégias indiciam uma série de acúmulos históricos que, além de ajudarem a organizar práticas vinculadas a performances e identidades gays, podem ser associados a determinadas formas de subjetivação homossexual, ao mesmo tempo em que revelam certas cartografias comunicáveis sobre estes processos de subjetivação e sobre o que é possível dizer sobre o armário neste contexto específico. O argumento é, portanto, que tanto a indexicalidade como a construção metapragmática dessas avaliações funcionam para produzir e comunicar modos de ser na linguagem e na sexualidade. Neste sentido, a produção de subjetividades gays é tanto pressuposta quanto projetada nas relações que envolvem tanto o se manter dentro quanto o sair do armário.

Palavras-Chave: Armário Gay. Metapragmática. Etnografia digital. YouTube. *Põe na Roda*.

ABSTRACT

The gay closet has been considered a dispositif of sexuality control in scholarship in diverse researching areas. In this research, we intend to study it from a language studies perspective, more specifically, from the field of study of the metapragmatics of the language in use. For that, through a digital ethnographic approach, we chose a YouTube humour channel directed to the gay public, named *Põe na Roda*. It was selected all videos in which the gay closet appeared implicitly or explicitly published during the two first years of the channel, from April 04th of 2014 to April 24th of 2016. We can assert the gay closet is an important element in the entextualization processes which occur in the select videos. It presents metapragmatic functions and is central in metapragmatic discourses articulated to gender, and to the hierarchized binary “outside X inside”. The channel makes use of diverse semiotic resources to give support to indexicalization processes and metapragmatic discourses and evaluations, which try to present the gay closet as an uniform and simple set. Such strategies indicate a series of historical accruals that, besides helping to organize practices related to gay performances and identities, can be associated with determined forms of homosexual subjectivation, at the same time in which they reveal certain communicable cartographies about these processes of subjectivation and about what is possible to communicate concerning the gay closet in this specific context. The argumentative line is, therefore, that indexicality and metapragmatic construal in these evaluations work to produce and communicate modes of being in the language and in sexuality. In this sense, production of gays subjectivities, rather, is, simultaneously, presupposed and projected in relations involving both being in the gay closet and coming out.

Key-Words: Gay Closet. Metapragmatics. Digital Ethnography. YouTube. *Põe na Roda*.

Gostaria de sugerir uma outra forma de prosseguir em direção a uma nova economia das relações de poder, que é mais empírica, mais diretamente relacionada a nossa situação presente, e que implica relações mais estreitas entre a teoria e a prática. Ela consiste em usar as formas de resistência contra as diferentes formas de poder como um ponto de partida.

Foucault (1995, p. 234)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 ESTUDOS SOBRE O “ARMÁRIO GAY”	18
2 PRAGMÁTICA - METAPRAGMÁTICA: ELOS SOBRE USOS LINGUÍSTICOS E SOCIAIS.....	38
3 METODOLOGIA.....	56
3.1 A abordagem etnográfica digital e a escolha do canal	56
3.2 A plataforma YouTube e o canal Põe na Roda	61
4 BOTANDO A CARA NO SOL: um canal do YouTube fora do armário.....	67
4.1 Sobre entextualizações, gêneros discursivo-textuais e humor	67
4.2 Funções e discursos metapragmáticos articulados a gênero	74
4.3 Avaliações metapragmáticas binárias sobre armário	85
4.4 Usos de recursos semióticos e ordens de indexicalidade	90
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	101
REFERÊNCIAS DOS VÍDEOS.....	109
APÊNDICE	115
APÊNDICE A – TABELA DOS VÍDEOS	115

INTRODUÇÃO

A importância da linguagem para pesquisas sobre sexualidade humana e/ou gênero é um tema recorrente e já argumentado, por exemplo, em textos como de Borba (2014a) e Leap e Provencher (2011). Borba (2014a) destaca, baseando-se em Butler, como noções de gênero são produzidas performativamente por meio da linguagem estabelecendo relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, práticas sexuais e desejo, enquanto Leap e Provencher (2011) apontam como a atenção a aspectos linguísticos provê entrada para pontos que podem ajudar a entender os desejos, práticas e identidades sexuais. Tão importante quanto a linguagem é a perspectiva adotada sobre ela para estas pesquisas. Assim, é importante dimensionar a perspectiva adotada nesta pesquisa, uma perspectiva pragmática e performativa de linguagem.

Pode-se dizer inicialmente que o “armário gay” é um ponto entre vários outros no tecido dos estudos sobre sexualidade, principalmente sobre homossexualidade. Neste sentido, a sexualidade abarcaria todos os aspectos eroticamente significativos da vida, como desejos, práticas, relações e identidades e, ainda, permearia tantos outros. Mais especificamente, adotamos a visão de Bucholtz e Hall (2004, p. 470) para quem a sexualidade pode ser definida como “*os sistemas de mutuamente constituídas ideologias, práticas e identidades que dão significação sociopolítica ao corpo como um lugar erotizado e/ou reprodutivo*”¹ (BUCHOLTZ; HALL, 2004, p. 470, grifos no original).

Neste contexto de estudos sobre (homo) sexualidade, localizar a relação dos estudos sobre armário com outros estudos sobre homossexualidade e/ou gênero é uma tarefa árdua que não é possível fazer aqui. Por isso, pretendo apenas situar o campo de pesquisa que irei abordar neste estudo e pontuar relações recorrentes no campo.

Em torno do sexo e da sexualidade foi construída uma imensa aparelhagem para produzir regulações (BUTLER, 2014), mesmo as que servem para mascará-las. Como propôs Foucault (1988), discursos sobre o sexo articulam poder e saber em uma série de segmentos descontínuos, cuja função não é uniforme nem estável, existindo uma

¹ *the systems of mutually constituted ideologies, practices, and identities that give sociopolitical meaning to the body as an eroticized and/or reproductive site* (BUCHOLTZ; HALL, 2004, p. 470, grifos no original).

multiplicidade de elementos discursivos que se constroem historicamente e de maneira situada. Em um jogo complexo, os discursos podem ser considerados, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder. Nas relações de poder e construção de diferença, a sexualidade, que é sempre articulada com outras categorias como pontua Piscitelli (2008), é um dos elementos centrais e podem servir de articulação às mais variadas estratégias e dispositivos.

Toma-se dispositivo aqui, principalmente, no sentido colocado por Agamben (2005), isto é: “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (AGAMBEN, 2005, p. 13). Neste sentido proposto por ele, como iremos conferir mais à frente, a noção de dispositivo é muito importante para o que tem se discutido sob a nomenclatura de metapragmática, principalmente no campo da antropologia linguística, e sob o nome de metadiscursividade na área da análise do discurso e algumas subáreas da Linguística, por serem modos, muitas vezes, mais explícitos dessa capacidade. Ao definir dispositivo de modo tão abrangente, Agamben (2005) propõe duas grandes classes: as dos seres viventes (ou as substâncias) e os dispositivos. E entre eles uma terceira:

E, entre os dois, como terceiro, os sujeitos. Chamo sujeito o que resulta da relação e, por assim dizer, do corpo-a-corpo entre os viventes e os dispositivos. Naturalmente as substâncias e os sujeitos, como na velha metafísica, parecem sobrepor-se, mas não completamente. Neste sentido, por exemplo, um mesmo indivíduo, uma mesma substância, pode ser o lugar dos múltiplos processos de subjetivação: O usuário de telefones celulares, o navegador na internet, o escritor de contos, o apaixonado por tango, o não-global etc., etc. A ilimitada proliferação dos dispositivos, que define a fase presente do capitalismo, faz confronto a uma igualmente ilimitada proliferação de processos de subjetivação. Isto pode produzir a impressão de que a categoria da subjetividade no nosso tempo vacila e perde consistência, mas trata-se, para sermos precisos, não de um cancelamento ou de uma superação, mas de uma disseminação que acrescenta o aspecto de mascaramento que sempre acompanhou toda a identidade pessoal (AGAMBEN, 2005, p. 13).

Neste excerto, Agamben nos coloca dois pontos importantes: 1) os dispositivos são essenciais para compreendermos os processos de subjetivação e 2) estes processos têm sido cada vez mais dispersivos, complexos e multifatoriais. Assim, para entendermos mais sobre as correlações entre dispositivos, processos de subjetivação, dinâmicas de organização (discursiva) de categorias sociais e seus processos discursivos e semióticos de maneira situada, a metapragmática me parece uma ferramenta analítica importante justamente por permitir descrever e analisar a coesão e coerência entre planos semióticos e

sociais mais amplos. Isto é, a partir da análise das metapragmáticas, é possível pensar como índices são acionados para regimentar/garantir determinada relação não somente entre escalas interativas/discursivas, mas de determinados conjuntos heterogêneos que englobam diversas esferas. Para isso, voltemos à noção de dispositivo proposta por Foucault.

A noção de dispositivo foi utilizada no primeiro volume de *História da Sexualidade I – a vontade de saber*, de Michel Foucault (1988), para se referir a um dispositivo de sexualidade. Para Foucault, como ele pontua em uma discussão posterior a este primeiro volume, o termo dispositivo pode ser demarcado a partir de três pontos. Primeiramente, ele pode ser considerado

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos” (FOUCAULT, 1979, p. 244)

O segundo ponto refere-se às relações entre estes elementos heterogêneos, as quais podem variar, mudar, reinterpretá-las: “entre estes elementos, discursivos ou não, existe um tipo de jogo, ou seja, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes” (FOUCAULT, 1979, p. 244). O terceiro trata da sua urgência por entender “dispositivo como um tipo de formação que, em determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante” (FOUCAULT, 1979, p. 244). Para ele, esta função estratégica se mantém no primeiro momento a partir de um objetivo estratégico. Depois, ao se constituir como tal, ele se mantém a partir de um processo duplo:

por um lado, processo de *sobredeterminação funcional*, pois cada efeito, positivo ou negativo, desejado ou não, estabelece uma relação de ressonância ou de contradição com os outros, e exige uma rearticulação, um reajustamento dos elementos heterogêneos que surgem dispersamente; por outro lado, processo de perpétuo *preenchimento estratégico*. (FOUCAULT, 1979, p. 245)

Ainda, a leitura de dispositivo de Deleuze, aliada à de Agamben (2005), também pode auxiliar na perspectiva adotada neste estudo por traçar linhas de visibilidade, linhas de dizibilidade e linhas de subjetivação. Ele defende que estas linhas somente são possíveis por causa do primado do enunciado (DELEUZE, 2005[1988]) e seus elementos pragmáticos:

Em suma, os enunciados só se tornam legíveis ou dizíveis em relação com as condições que os determinam e que constituem sua única inscrição sobre “um pedestal enunciativo” (Como vimos, não há duas inscrições, uma oculta e outra aparente). A única inscrição, a forma de expressão, é composta pelo enunciado e sua condição, o pedestal ou a cortina (DELEUZE, 2005[1988], p. 64).

O armário, entendido como dispositivo, forja campos de visibilidade (dentro e fora), de dizibilidade e de subjetivação. Tais campos governam a relação de si consigo e com os outros. Assim, para entender estes campos e relações que são constituidores dos enunciados, a metapragmática e os processos de indexicalidade se tornam materializações do enunciável e do visível sob determinadas condições.

Deste modo, portanto, dentre os dispositivos que perpetuam essas articulações e reproduções de diferença apontadas acima e tendo uma função estratégica dominante, o “armário gay” é apontado por estudos contemporâneos como um dispositivo de controle de sexualidade homossexual, como já aponta Sedgwick (1990) ao discutir e definir *the gay closet*. Ele tem se construído sócio-historicamente em função/relação de regimentações de identidades sexuais e de gênero heteronormativas e é usado para a projeção de certas identidades que procuram estar em consonância com regras sociais aceitas e manter outras identidades em sigilo. No mesmo sentido, os espaços de socialização para homossexuais têm sido negados e restritos a guetos ou espaços privados. Desta forma,

o armário se caracteriza por um conjunto de normas nem sempre explícitas, mas rigidamente instituídas que faz do espaço público sinônimo de heterossexualidade, relegando ao privado as relações entre pessoas do mesmo sexo. (MISKOLCI, 2013, p. 302)

Entre os conjuntos de ações, discursos e normas que garantem o funcionamento de dispositivos de controle de sexualidade, mais especificamente do armário, a linguagem é elemento fundamental, já que a busca pela inteligibilidade no campo da sexualidade tem se dado por meio de conexões entre corpo e linguagem (CAMERON, 2005; KULICK, 2000; PINTO, 2007). O armário gay opera assim como sistema de reconhecimento social, no sentido proposto por Borba (2014a), que intersecciona diferentes sistemas semióticos de maneira situada, operacionalizando práticas reguladoras, calcadas na heteronormatividade, como o “gaydar” (NEVES JÚNIOR, 2012). Desta forma, o armário e a saída dele, assim como outras formas de regulação associadas a ele, buscam “a produção de parâmetros de pessoas, isto é, a construção de pessoas de acordo com normas abstratas que ao mesmo tempo condicionam e excedem as vidas que fabricam – e quebram” (BUTLER, 2014, p. 272).

A noção de armário enquanto dispositivo tem sido bastante frutífera para diversos estudos no campo da homossexualidade. No entanto, por ser dispositivo um conceito bastante abstrato, este estudo pretende buscar uma operacionalização da análise, uma busca para entender como ele opera na linguagem em uso. E creio que pensar em seus processos de indexicalização e seus usos metapragmáticos é uma maneira de entender como esta operacionalização ocorre. Assim, este trabalho pretende adotar uma perspectiva linguística que seja centrada no uso e, conseqüentemente, na sua dimensão metapragmática, pois

é com e pela linguagem-em-uso e é com e pelos recursos semióticos aos quais temos acesso que determinados sistemas de saber/poder se solidificam em nossas práticas diárias na forma de performances semióticas situadas que têm como efeito a projeção local de certos modelos de identidade (WORTHAM, 2006; cf. capítulo 4) que guiam nossa vida social. (BORBA, 2014b, p. 22)

Ao pensar o dispositivo como uma estrutura que sempre está se rearticulando, se reajustando, se dispersando e se interconectando a outros campos, discursos, práticas, vale a pena investir em uma compreensão linguística do dispositivo de controle de sexualidade conhecido como armário gay que aborde essas ramificações e rearticulações sócio-históricas. Ademais, nesses discursos do/sobre o “armário gay”, as novas tecnologias e mudanças sociais trazem novas formas de sociabilidade gay para o cenário, implicando em novas dinâmicas discursivas e, mais especificamente, de entextualização.

Além do mais, como propõe Blommaert (2010), temos um colapso de contextos interativos/discursivos tradicionais e aumento da reflexividade na contemporaneidade e uma multiplicação de processos de subjetivação, conforme mencionou Agamben (2005) acima. Por isso, devemos nos perguntar como mudanças contemporâneas nos usos linguísticos abalam as funções metapragmáticas do armário, isto é, os usos que ajudam a dar coerência e inteligibilidade social às interações, às pessoas (tornando-as sujeitos) e aos textos, bem como seus discursos metapragmáticos, que são as avaliações, referências e orientações sobre o uso, seus contextos (in)apropriados etc., gerando relações dinâmicas entre poder e resistência. Podemos perguntar, portanto, como esses novos contextos usam, interferem, recriam, contestam ou performam o armário gay? E como o armário enquanto dispositivo (MISKOLCI, 2013) é reatualizado nestes novos cenários?

Partindo destas reflexões gerais, foram construídas as seguintes perguntas de pesquisa: 1) Como são construídas, regimentadas e projetadas as metapragmáticas do dispositivo de sociabilidade/controlado de sexualidade conhecido como “armário” no canal do YouTube *Põe na Roda?*; 2) De quais formas os códigos de sociabilidade deste

dispositivo, o armário, se constroem metapragmaticamente e se articulam e se relacionam com outros discursos metapragmáticos/metadiscursos e com outras esferas do público e privado construídas sócio-historicamente no Brasil para a (re)produção de diferença, desigualdade e resistência?; e 3) Como este dispositivo cria e regimenta esferas de sociabilidade neste canal e como são construídas certas cartografias comunicáveis dentro dele?

Para responder a estas perguntas, objetivo nesta dissertação 1) descrever como são construídas, regimentadas e projetadas as metapragmáticas do dispositivo de sociabilidade conhecido como “armário” no canal do YouTube *Põe na Roda*; 2) mapear como este dispositivo cria e regimenta esferas de sociabilidade e identidades e como são construídas certas cartografias comunicáveis dentro dele; 3) Identificar os códigos de sociabilidade deste dispositivo (o armário) que se constroem metapragmaticamente e se articulam e se relacionam com outras esferas do público e privado construídas sócio-historicamente no Brasil para a (re)produção de diferença e desigualdade, como também suas resistências.

Desta forma, para entendermos como armário tem sido estudado e situar o campo temático do objeto desta dissertação, no primeiro capítulo, *Estudos sobre o “armário gay”*, faço uma breve revisão sobre alguns estudos que possuem o “armário gay” como temática e procuro, paralelamente, explorar algumas percepções centradas em elementos linguísticos, tendo em vista sua relação com performatividade, identidades e práticas, além de outras dimensões vinculadas ao “armário gay”.

Em seguida, no segundo capítulo, *Pragmática - Metapragmática: elos sobre usos linguísticos e sociais*, apresento as categorias teóricas vinculadas principalmente aos estudos linguísticos que serão fundamentais para a análise dos vídeos do canal *Põe na Roda* e, por isso, discuto conceitos, tais como pragmática, metapragmática, indexicalidade, entextualização, função e discursos metapragmáticos, explorando algumas de suas possíveis relações com o armário gay.

No terceiro capítulo, *Metodologia*, conduzo uma revisão da perspectiva metodológica adotada, uma abordagem etnográfica digital, bem como dos procedimentos adotados para a escolha do canal *Põe na Roda*. Em seguida, discuto sua plataforma, o YouTube, e faço algumas explorações sobre as características do canal.

Por fim, no quarto capítulo, *BOTANDO A CARA NO SOL: um canal do YouTube fora do armário*, parto para a análise das metapragmáticas do armário encontradas nos vídeos. Começo a análise destacando aspectos vinculados aos processos de entextualização, aos gêneros textuais/discursivos utilizados e à função do humor. Após, discuto como funções e discursos metapragmáticos são articulados a gênero e geram avaliações metapragmáticas binárias sobre o armário gay. Para finalizar o capítulo discuto como tais aspectos analisados se valem também do uso de recursos semióticos que geram ordens de indexicalidade situadas.

Finalizo retomando as perguntas e objetivos e algumas consequências da análise que são possíveis indicar no momento deste fechamento da pesquisa. De maneira breve, nesta seção, destaco relações entre a análise empreendida e modos e estruturas de subjetivação e criação de cartografias comunicáveis. Defendo que estas relações indiciam e projetam tentativas de construção de trajetórias narrativas coerentes vinculadas ao desenvolvimento de identidade gays que são, em parte, operacionalizadas pela capacidade de sintetização/acúmulo do dispositivo conhecido como armário gay e sua relação com elementos que mantêm estreita conexão com heteronormatividade.

1 ESTUDOS SOBRE O “ARMÁRIO GAY”

O “armário gay” (*the gay closet*) tem sido estudado nas últimas três décadas, com produção em diversas áreas, sendo que psicologia, sociologia, antropologia e comunicação são as áreas que mais se destacam. Além disso, ele aparece em vários estudos em que o foco é outro. Sua produtividade e recorrência são dois aspectos importantes que devem ser pensados por indicarem o quanto este conceito é necessário para as discussões entorno da homossexualidade. Segue, assim, neste capítulo uma revisão de algumas perspectivas em que ele tem sido explorado, apontando, ainda, como elementos linguísticos aparecem e são desenvolvidos ou poderiam ser nestes estudos. Estes aspectos linguísticos são aqui realçados justamente para entender como a linguagem é vista nestes estudos e como ela é marcada como um elemento operacionalizador daquilo que tem sido estudado sobre a rubrica de “armário gay”.

Primeiramente, um dos trabalhos considerados seminais nesta área dos estudos sobre armário é o de Sedgwick (1990; 2007). Em seu debate, Sedgwick (1990, 2007) argumenta que há uma **epistemologia do armário**, isto é, uma forma de produção de conhecimento articulada pelo armário e que gera controle sobre suas formas de significação social. Esta perspectiva é bastante abrangente, trazendo pontos fundamentais para se pensar o armário, esboçando “uma reflexão sobre o ‘armário’ como um dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas que concerne, também, aos heterossexuais e seus privilégios de visibilidade e hegemonia de valores” (SEDGWICK, 2007, p. 19).

A pesquisadora afirma que, enquanto regime/dispositivo, **o armário possui regras contraditórias e limitadoras nas/das relações privacidade/revelações, público/privado, conhecimento/ignorância** e “serviu para dar forma ao modo como muitas questões de valores e epistemologia foram concebidas e abordadas na moderna sociedade ocidental como um todo” (SEDGWICK, 2007, p. 19). É possível ver que esses binarismos indicados estão presentes na maior parte dos estudos apresentados mais adiante e também nos resultados apresentados na análise deste estudo. Essas relações polarizadas têm sido tomadas como base para a construção de conhecimento acadêmico sobre sexualidade e gênero, mais especificamente sobre homossexualidade, mas não somente.

Para Sedgwick, o armário propicia e faz parte de uma “estrutura narrativa tão elástica e produtiva [que] não afrouxará facilmente seu controle sobre importantes formas de significação social” (SEDGWICK, 2007, p. 21), isto é, o processo de construção de significação social da sexualidade é altamente impactado pelo armário, seja em termos linguístico-discursivos, seja em termos propriamente corporais, produzindo um processo contraditório de interdições e regulações que se baseiam nas, principalmente, relações de público e privado e na primazia da heteronormatividade, que auxilia em grande medida na estruturação destes binarismos e regulações

Assim, pode-se dizer que

O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. Mas, para muitas delas, ainda é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays, por mais corajosas e sinceras que sejam de hábito, por mais afortunadas pelo apoio de suas comunidades imediatas, em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora (SEDGWICK, 2007, p. 22).

Esta característica formadora é um dos motivos pelos quais identidade aparece como ponto chave em vários estudos e é desenvolvida de diferentes formas. De qualquer modo, se manteve em consonância com aquilo que Sedgwick propõe como uma epistemologia do armário, no qual este é usado como parâmetro ou um dos elementos norteadores para a produção de conhecimento sobre a identidade gay. Isto provavelmente se deve ao fato de o armário ser um dispositivo que organiza, ou, como coloca Deleuze (2005 [1988]), torna enunciável, dizível (tornando-os visíveis ou não)² aspectos vinculados à homossexualidade ou desejo homossexual.

Entre estes estudos que discutem identidade, estão, por exemplo, Alonge (2007), Neves Júnior (2012), Gudelunas (2012), Jesus (2014), Manning (2014a; 2014b; 2014c), Birnholtz *et al* (2014). Um ponto a se salientar é que a associação entre armário e identidade perpassa muitos outros temas ou aspectos pesquisados (apresentação de si, sociabilidade gay, uso de plataformas digitais, erotização dos espaços etc.), o que ocorre devido à produtividade conceitual da categoria identidade que pode significar coisas bem diferentes de acordo com cada área de conhecimento ou abordagem teórica e devido ao armário ser “símbolo de (auto)controle e vigilância sobre a identidade [sexual]” (NEVES JÚNIOR, 2012, p. 90).

² A realidade empírica definida como efeito de práticas é, na verdade, uma função e explica-se pela relação de pressuposição mútua, estabelecida como resultante de dois funtivos: o discursivo e o não discursivo ou dizibilidade e visibilidade (Deleuze, 1988; Foucault, 1987) (TEDESCO, 2006, p. 359).

Dentre os estudos em que as construções identitárias aparecem com maior intensidade, os processos de saída do armário (*coming out*) são bastante explorados por serem considerados parte elementar na construção identitária gay. Para a qual ser considerada “saudável”, este processo deve ocorrer, isto é, a saída do armário é utilizada como forma de legitimação identitária. Manning (2014b), por exemplo, explora uma tipologia de sete modos comuns pelos quais conversas em que ocorrem a saída do armário (*coming out conversations*) são conduzidas, sendo eles: pré-planejado, emergente, persuasivo, confrontativo/conflituoso, romântico/sexual, educacional/ativista ou mediado. Num segundo artigo (Manning, 2014c), esta tipologia é expandida tendo em vista comportamentos comunicativos, gerando uma tipologia baseada em comportamentos positivos e outra em comportamentos negativos.

Neste primeiro artigo, Manning (2014b) desenha uma trajetória de pesquisas, principalmente no campo da psicologia, de como modelos de saída do armário têm sido elaborados desconsiderando elementos relacionais, tais como estas conversas e, conseqüentemente, aspectos linguísticos. Ao fazer isso, Manning coloca em evidência um ponto essencial sobre o armário enquanto dispositivo, o de que, apesar de atuar indubitavelmente em um nível individual, ele é sempre relacional por tratar de uma (não) revelação da identidade ou do desejo sexual e, por isso, deveria ser pensado de forma interacional e performativa, assim como propõe Neves Junior (2012) para a noção de gaydar, por afetar todas as pessoas envolvidas de formas distintas.

Neste sentido, ao concebê-lo numa perspectiva interacional e performativa, como faz Ward e Winstanley (2005) ao discutir a relação entre assumir-se, performatividade e negociações identitárias no ambiente de trabalho, pensar na sua relação com elementos linguísticos-interacionais e como gerador de economias semióticas que devem ser sempre situadas se torna imprescindível para se avançar neste tipo de tipologias ou modelos sobre a saída do armário e também para se aprofundar estudos sobre sexualidade/gênero na área de linguística.

Ainda pensando em aspectos linguísticos abordados por Manning (2014a; 2014b; 2014c), apesar de ele não fazer isso explicitamente e não haver este tipo de intersecção teórica em seus estudos, as tipologias elaboradas pelo autor sobre o processo de saída do armário a partir do viés da psicologia e dos estudos sobre comunicação podem ser pensadas ou discutidas a partir de ponto de vista metapragmático, pois se tratam de

reflexões sobre uso de formas específicas de saída do armário, tendo em vista o contexto de conversas ou interações por que as pessoas passam durante ou perante a necessidade de se assumir e como isso se conecta a elementos de construção de uma identidade gay. Assim, o ponto de vista adotado por Manning poderia se valer de categorias ou aportes construídos a partir de uma perspectiva metapragmática dos estudos linguísticos, bem como estes estudos linguísticos podem se pautar em como elementos vinculados ao armário podem ser adicionados ao que já se tem pensado sobre gênero e sexualidade nesta área de estudos.

Nesta mesma linha adotada por Manning, Freire (2015) aborda os processos de construção de identidades homossexuais, discutindo como a elaboração de uma identidade homossexual masculina é perpassada por uma série de negociações. Para ele, esta construção se dá através de quatro processos distintos: percepção, aceitação, prática e comunicação. A partir da análise das trajetórias de alguns homossexuais, Freire (2015) evidencia como estes processos são dinâmicos e não-lineares, podendo ocorrer de modo simultâneo. Mesmo nessa visão mais dinâmica, a posição de Freire (2015) não permite pensar a identidade como performativa porque pressupõe algo anterior à linguagem que pode ser “percebido” e “aceito” para depois ser “comunicado”.

Para Freire (2015), a percepção se trata da tomada de consciência do desejo homossexual; a aceitação é o processo de atribuição de significados e compreensão de seus desejos; a prática vincula-se a concretização destes desejos; e a comunicação trata da emissão de informações sobre a orientação sexual. Dentre estes processos, o processo de comunicação é o mais eminentemente linguístico. Os modelos de saída do armário propostos por Manning (2014a; 2014b; 2014c) acima se encaixariam unicamente nesta etapa comunicativa, pois é possível entender neles a saída do armário como performativa (cf. estudos mais a frente nesta seção), apesar de o autor não usar esta terminologia. Estes processos de Manning ressaltam naquilo já evidenciado por Sedgwick e outros pesquisadores: **o armário atravessa e controla muito da formação identitária gay assim como as possíveis performances, negociações e significações sociais que se vinculam a ela.** Como também aparece na maior parte dos estudos sobre armário, Freire (2015) explora como estes processos se relacionam com questões de gênero ou como **aquilo que é relatado como vinculado à identidade sexual na verdade se trata de performance de gênero.**

Ainda no campo de formação identitária, Clarke e Smith (2015) exploram como homens gays britânicos fazem sentido de sua aparência e práticas de vestuário e apresentam **como o imperativo da saída do armário nas comunidades gays e o estar ou não no armário afetam como estes homens constroem suas identidades visuais**. Esta relação entre identidade visual e armário fica muito evidente durante a discussão e principalmente na tabela, apresentada por elas, que sumariza os principais temas apresentados por estes homens.

Vale salientar que, segundo Clarke e Smith (2015), quanto mais há uma exposição de sua sexualidade, mais há a tendência de se adotar um estilo visual mais próximo ao feminino, isto é, **muitos homens gays têm usado feminilidade como modelo para construção identitária para afirmar sua identidade gay em desenvolvimento e comunicá-la a outros e para conseguir entrar para “meio gay”**.

Ambas pesquisas em ciência social e de consumo têm identificado uma imagem ‘afeminada’ como marcador visível de sexualidade gay masculina em uma sociedade heterossexual. Deste modo, muitos homens gays usam ‘afeminação como molde para construção identitária’ (Schofield; Schmidt, 2005, p. 316; ver também Cole, 2000) para afirmar o desenvolvimento de sua identidade gay e comunicá-la para outros e para conseguirem entrar para o meio gay. Ao mesmo tempo, para muitos homens gays, ‘se assumir’ é associado à expressão de sua sexualidade e à liberdade de pressões vinculadas à aparência heterossexual (Hutson, 2010; Kates, 2002). Entretanto, esta ‘liberdade’ é restringida pela operação de demandas coercivas de aparência do meio gay e pela importância de ‘ter boa aparência’ e ‘estar na moda’ e a hegemonia de ‘camisetas coladas, calças apertadas e uma apresentação bem cuidada’ (Hutson, 2010, p. 225; ver também Clarke e Turner, 2007; Kates, 2002). Adicionalmente, expressar individualidade (mais que sexualidade) torna-se mais importantes enquanto homens (CLARKE; SMITH, 2015, p. 6).³

Outro ponto importante abordado pelas pesquisadoras é o fato de que, para esses homens, outros traços comportamentais e linguísticos têm se tornado mais importantes na atualidade para a identificação da homossexualidade. Em termos linguísticos, **estas considerações sobre como elementos linguístico-comportamentais têm se tornado mais necessários para a identificação sexual do outro num estudo sobre identidade**

³ Both consumer and social science research has identified an ‘effeminate’ image as the visible marker of gay male sexuality in straight society. As such, many gay men have used ‘effeminacy as a template for identity construction’ (Schofield & Schmidt, 2005: 316; see also Cole, 2000) to affirm their developing gay identity and communicate it to others, and to gain entry to the gay scene. At the same time, for many gay men ‘coming out’ is associated with the freedom to express their sexuality, and freedom from heterosexual appearance pressures (Hutson, 2010; Kates, 2002). However, this ‘freedom’ is constrained by the operation of coercive appearance mandates on the gay scene and the importance of ‘looking good’ and ‘looking the part’, and the hegemony of ‘tight shirts, tight pants, and a wellgroomed presentation’ (Hutson, 2010: 225; see also Clarke & Turner, 2007; Kates, 2002). Furthermore, expressing individuality (rather than sexuality) becomes more important as men (CLARKE; SMITH, 2015, p. 6).

visual gay abrem a possibilidade para se pensar como se dá esta complexa articulação entre estes diversos sistemas semióticos e armário gay e para se fazer esta articulação a partir de um viés dos estudos da linguagem que privilegie aspectos da interação, pois ela parece ser essencial.

No mesmo caminho, Davis (2015) aponta como práticas de vestuário são estratégicas e profundamente marcadas por identidades sexuais, instituições e intimidade, sendo que o armário também aparece com um elemento essencial para expressão de sexualidade através de vestuário. Assim como Clarke e Smith (2015), Davis discute como **gênero impacta tais práticas e como a expressão de homossexualidade** por meio de vestimentas é tradicionalmente associada a estilos mais femininos. Davis (2015) traz um ponto importante ao refletir sobre como os tipos de interações que terão ou tiveram impactam as escolhas de suas vestimentas, mas que isso é vinculado a que tipo de energia emocional pretendem demonstrar. Isto, segundo ela, revela que há um “entrelaçamento entre emoção, interação e sexualidade que tende a formatar as escolhas de vestuário” (DAVIS, 2015, p. 973).

Outros estudos focam na relação entre armário e internet/mídias digitais. O surgimento da internet fez com que novos padrões interativos e de comunidade aparecessem e/ou que conjuntos de normas sejam atualizados, negociados e adequados aos novos contextos e processos de construções identitárias na atualidade. Diante da tendência de crescimento do acesso ao meio digital, cada vez mais pessoas estão migrando algumas atividades do cotidiano para o meio online. Assim, o desenvolvimento tecnológico e da acessibilidade à internet fez com que este novo espaço formasse um excelente espaço para a sociabilidade gay, pois se encaixa perfeitamente com características vinculadas ao armário como, por exemplo, a possibilidade de anonimato e busca por relações secretas.

Há vários trabalhos de etnografia virtual sobre a construção/observação deste espaço, os quais tentam interpretar como são construídas as relações nesse espaço e como circula o desejo e a construção de identidades e papéis sexuais sócio-historicamente marginalizados, apontando aspectos locais vinculados à formação sócio-histórica e cultural do Brasil que são alterados ou reatualizados nestes novos contextos interacionais. No entanto, com raras exceções qual a de Melo e Moita Lopes (2014), a maior parte desses estudos são basicamente sociológicos e/ou antropológicos e não se detêm a uma análise que reflita especificamente sobre aspectos e mecanismos linguísticos e sua relação com o

contexto dessas interações virtuais e principalmente como se dá o funcionamento pragmático-metapragmático nesses novos espaços interativos ou de (en)textualização que possuem características bem particulares.

Miskolci (2013), por exemplo, desenvolve uma etnografia virtual sobre armário, colocando-o como espaço de controle da sexualidade e das relações homoeróticas, trazendo “elementos sociológicos e históricos para refletir sobre o caráter social do desejo que alimenta essa procura e o novo regime de visibilidade em que esses homens se inserem” (MISKOLCI, 2015, p. 61) e negociam-na (MISKOLCI, 2014). Marsiaj (2003, p. 132), numa retomada histórica, que auxilia no entendimento de como chegamos à conjuntura atual, “analisa a relação entre o processo de modernização e o surgimento de redes e comunidades gays e lésbicas”. Assim, tais processos, como expõe Camargo (2015, p. 110), implicam numa “circulação global de corpos, desejos e capitais” que pode ser analisada por uma abordagem etnográfica (CAMARGO, 2012) que é ainda não-virtual, mas que pode ser também observada online, como em Miskolci (2009).

No mesmo sentido, Zago (2013a, p. 974) faz uma “análise teórica que articula os conceitos de corpo, sexualidade e armário para pensar a biossociabilidade gay na internet”, na qual, além da “demanda por intensa visibilidade, a metáfora do armário adquire novos contornos: criam-se situações de intensa visibilidade e exposição dos corpos e, ao mesmo tempo, de insidiosa vigilância acerca da discrição da sexualidade gay neste contexto” (ZAGO, 2013a, p. 974). De modo semelhante ao que faz Miskolci (2009; 2013; 2014; 2015), Zago argumenta sobre **o uso da discrição e do armário como organizadores e orientadores da produção de significação nos contextos online pesquisados por ele**, isto é, como seu uso tem uma dimensão metapragmática (apesar de não usarem esta terminologia), **ajuda na construção de determinados tipos de sociabilidade baseadas em regimes de visibilidade e no corpo** e, como isto, traz implicações para a construção de determinados tipos de subjetividades de pessoas não-heterossexuais. Esta visibilização é vista, tanto por Zago (2013a) quanto por Camargo (2012), como elemento propagante de uma hipersexualização nas construções de subjetividades de indivíduos homossexuais já sedimentadas na história recente. Este fato está dentro da dinâmica que o dispositivo de controle homossexual procura manter, na qual há uma redução da dizibilidade e visibilidade (DELEUZE, 2005[1988]), do que é possível comunicar (BRIGGS, 2007).

Percebe-se assim que o ambiente online tem sido muito produtivo para estudos sobre o armário, aparecendo em diversas plataformas digitais: weblogs (ALONGE, 2007), salas de bate papo (MISKOLCI, 2009; 2013), sites de relacionamentos gay (ZAGO, 2013), aplicativos móveis (BIRNHOLTZ *et al*, 2014; BLACKWELL *et al*, 2015; MISKOLCI, 2014; 2015; PADILHA, 2015). Ainda na área das mídias digitais, uma das perspectivas adotadas é foco em como pessoas manejam a apresentação de si, sua visibilidade a outros e a formação de impressão tendo em vista o cruzamento de círculos sociais e limites geográficos propiciados por estes aplicativos baseados em localização geográfica (BLACKWELL *et al*, 2015; PADILHA, 2015).

Como reitera Birnholtz *et al* (2014), enquanto este tipo de aplicativo tem recentemente se tornado popular para a busca de parceiros do sexo oposto, eles já vêm a um tempo bem mais longo sendo usados por homens que fazem sexo com outros homens, os quais muitas vezes querem manter isto em sigilo. Desta forma, semelhantemente ao que apontam Clarke e Smith (2015) e Davis (2015) com relação ao vestuário, os autores ponderam que **a apresentação de si pode ser um importante aspecto para evitar tanto estigma quanto atenção indesejada**. Birnholtz *et al* (2014) coloca ainda que estes atributos podem ser bastante importantes em estágios formativos de identidades em desenvolvimento, na exploração da sexualidade e na “saída do armário”.

Assim, **elementos usados na apresentação de si em aplicativos podem funcionar de maneira metapragmática por orientarem como estes indivíduos querem ser percebidos em relação não somente ao armário em si, mas com relação a como lidam e exploram suas sexualidades**. Por outro lado, a apresentação de si pode ser manejada a partir de outros interesses que não sua relação com o armário, mas que igualmente são usadas de forma metapragmática, tendo em vista que

peças podem desejar se identificarem com suas localizações geográficas, tais como bairro, cidade ou instituição, um ato que Jones nomeia como atração social [...] Isto pode servir para estabelecer se estão próximos e pode ainda dar dicas sobre status socioeconômico, raça e outros fatores que variam entre limites geográficos e institucionais (BIRNHOLTZ *et al*, 2014, p. 4).⁴

⁴ People may wish to identify themselves with their geographic location, such as a neighborhood, city or institution, an act that Jones terms social attraction. [...] This can serve to establish that they are nearby, and may also convey cues about socioeconomic status, race, and other factors that can vary across geographic and institutional boundaries (BIRNHOLTZ *et al*, 2014, p. 04).

Um dos elementos mais proeminentes na perspectiva apresentada neste estudo de Birnholtz *et al* (2014) é como estes fatores e preocupações são manejados linguisticamente, de maneira bem diversificada. A análise começa por mostrar como são implementadas estratégias linguísticas que são usadas de maneira metapragmática (apesar de os autores não usarem o termo e estarem focados em outros aspectos do uso linguístico), pois os perfis dos usuários no Grindr, por exemplo, podem revelar informações substanciais sobre o usuário antes mesmo da conversa começar. Assim, os autores chegam a **categorizações sobre o uso linguístico tais como linguagem de identificação, linguagem locativa e a linguagem para evitar estigma**: “com o Grindr, pessoas parecem estar usando eufemismo como uma estratégia para negociar a tensão entre o que Litt [23] se refere a como audiências imaginada e real, ou para separar facetas de suas vidas online” (BIRNHOLTZ *et al*, 2014, p. 11)⁵.

Outro foco transversal nos estudos sobre armário presente em todos apresentados acima é relação entre visibilidade e ocultamento, a qual é bastante desenvolvida por Miskolci (2009; 2013; 2014; 2015). Miskolci aponta como historicamente a esfera de sociabilidade homossexual é impactada por um regime de visibilidade que gera “restrições morais, simbólicas e materiais que configuram a economia do desejo que lhes demanda discrição e segredo” (Miskolci, 2015, p. 61). Para ele, **tal regime não parte de proibições diretas, mas sim indiretas, as quais gerem o que é/pode ser visível e aceito no cotidiano**. Assim:

regime de visibilidade é uma noção que busca sintetizar a maneira como uma sociedade confere reconhecimento e torna visível certos arranjos amorosos enquanto controla outras maneiras de se relacionar por meio de vigilância moral, da coibição de sua expressão pública, em suma, pela manutenção dessas outras formas amorosas e sexuais em relativa discrição ou invisibilidade. (Miskolci, 2015, p. 68)

Para Miskolci (2015), tal regime se vincula à centralidade do trabalho e à manutenção da segurança em/de suas vidas e configuram uma economia do desejo que se mantém por meio do sigilo e da discrição, o que é reiterado por Padilha (2015) em sua pesquisa sobre como a gestão da visibilidade do desejo homoerótico é perpassada por estes dois elementos e como as mídias digitais móveis auxiliam neste processo. O sociólogo, para dar suporte a esta argumentação que tem desenvolvido na última década, faz o

⁵ With Grindr, people appear to be using euphemism as a strategy for negotiating the tension between what Litt [23] refers to as the imagined and actual audiences, or for separating facets of their online lives (BIRNHOLTZ *et al*, 2014, p. 11).

apontamento de como o armário é um dispositivo de controle de sexualidade, como já apontado na introdução, constituído por esse regime de visibilidade e deve ser pensado a partir de elementos históricos e sociais.

Tendo em vista sua pesquisa com mídias digitais, ele aponta como tais elementos históricos e sociais “explicam o uso dessas ferramentas tecnológicas assim como o que estrutura as interações dentro delas” (MISKOLCI, 2015, p. 65) concluindo que, ao mesmo tempo em que tais ferramentas são um modo de vivência destas sexualidades tidas como desviantes, elas perpetuam tal regime. Este é um traço relevante, o de ruptura e continuidade, mas também inevitável, pois estas ferramentas surgem em contextos históricos e sociais específicos, ou como coloca Foucault (1979) ao caracterizar dispositivo, surgem a partir de urgências que ocorrem nestes contextos. **A relação entre continuidade e ruptura é de extrema importância para os estudos sobre formação de identidades sexuais e também para entender como o armário é negociado propiciando a manutenção de estruturas já existentes, tais como regulações de gênero, mas também agenciando novas formas de interação, de se viver, isto é, o estabelecimento de novas subjetividades.**

No cenário brasileiro, Miskolci (2009; 2013; 2014; 2015) contribui bastante para os estudos sobre armário ao discutir vários fatores sociais e históricos. No entanto, é preciso ainda discutir como fatores linguísticos se interseccionam com o que ele apresenta. Por exemplo, o regime de visibilidade proposto por ele é perpetuado acentuadamente por meio de estratégias linguísticas. Um exemplo disso é linguagem vaga para mencionar parceiro/a ou a neutralização dos pronomes para não indicar preferências sexuais, como aparecem nos estudos de Barton (2015). Na própria análise de Miskolci, aparecem várias vezes reflexões que indicam a importância de aspectos linguísticos no uso dessas plataformas digitais para a efetivação/propagação deste regime de visibilidade, como o uso de vocabulário vinculado a armário com função metapragmática, tal como “discreto” e “fora do meio”.

Ainda neste entrelaçamento entre novas formas de comunicação, sociabilidade, identidade e visibilidade/ocultamento, no entanto, em dissonância com Zago (2013a; 2013b), Alonge (2007) aponta como o ciberespaço pode ser utilizado como um espaço de auto-afirmação e auto-construção identitária que faz com que homoculturas rompam com a clandestinidade, mudando as relações entre público e privado na gestão da identidade

homossexual. Alonge (2007) propõe que as mídias digitais possibilitam novas formas de “gestão de uma identidade (in)dizível”, a qual, no entanto, continua indizível em vários outros âmbitos sociais. De um ponto de vista linguístico, as reflexões que Alonge (2007) traz sobre a relação entre poder dizer algo/falar sobre si e construção identitária (gay) são muito importantes para o que ele chama de homossociabilidade e para se entender a relação entre armário e linguagem, pois, para ele, assumir-se seria uma forma de autogestão identitária que torna dizível aquilo que antes era silenciado, relegado ao privado.

É relevante notar que na literatura disponível que discute o armário gay é muito pequeno o volume de textos que discutem intersecções importantes como a relação entre sexualidade e raça/etnia. Seidman (2002), Jesus (2014), Melo e Moita Lopes (2014) e Holmes (2015) são exemplos que discutem esta relação. Seidman (2002) coloca como definidores os seguintes aspectos: 1) estar no armário significa que indivíduos agem para ocultar quem eles são daqueles que mais importam em suas vidas: família, amigos, e às vezes esposa e filhos; 2) estar no armário é sobre isolamento social; 3) segredo e isolamento são sustentados por sentimentos de vergonha, culpa e medo; 4) pressiona os indivíduos a levar uma vida que envolve muita enganação e duplicidade. Porém, estes aspectos serão vividos diferentemente por causa da inter-relação entre armário e outras categorias – classe, raça e gênero –, o que gera tipos diferentes de armário. É isso que Holmes (2015) discute ao indicar que o armário tem funcionado de modo diferente historicamente para negros gays e como estas diferenças impactam formas de consciência política na história do ativismo negro gay estadunidense.

Ao interseccionar raça, gênero, sexualidade, armário e performances discursivas, Melo e Moita Lopes (2014) analisam as ordens de indexicalidade mobilizadas nestas interseções por Hiago, um garoto de programa. Em sua pesquisa de cunho etnográfico virtual, eles se ancoram “nas Teorias Queer e em teorizações sobre a web como um espaço de coexistência de discursos e atores” (MELO; MOITA LOPES, 2014, p. 653). Muito próximo em certa medida do que será feito neste estudo, seu instrumental analítico embasa-se “nas propostas de Goffman ([1979]1998) de alinhamento e enquadre e na perspectiva de ordem de indexicalidade” (MELO; MOITA LOPES, 2014, p. 653), a partir dos quais eles observam “que foram mobilizadas algumas ordens de indexicalidade contraditórias nas múltiplas performances discursivas de Hiago” (MELO; MOITA LOPES, 2014, p. 653). Este artigo é particularmente relevante por trazer interseções marginalizadas

nos estudos sobre armário analisados neste capítulo e nos estudos sobre linguagem a partir de uma perspectiva teórico-analítica que valoriza os elos linguísticos-sociais entre diversos pontos nodais na contemporaneidade.

De acordo com o que vimos até aqui, o armário é considerado formativo para identidade gay, mas pode-se dizer que ele opera de modo muito mais amplo. Como um dispositivo de controle de sexualidade que subsiste em grande medida por meio de práticas regulatórias de sexualidade e de gênero, o armário está intrinsicamente conectado ao que tem sido chamado “gaydar”. Esta ferramenta tem sido pesquisada seja de forma explícita enquanto gaydar (SHELP, 2003; NEVES JÚNIOR, 2012; BARTON, 2015) ou mais implícita sob a forma de julgamento/percepção de orientação sexual (RULE; AMBADY, 2008).

Como argumenta Neves Júnior (2012), **o gaydar pode ser considerado uma parafernália de invasão, ajustamento e reajustamento**. Apesar de ser considerado uma ferramenta para se identificar a sexualidade do outro, o gaydar opera interseccionando-se com gênero, isto é, não-conformidade de gênero é avaliada como não-conformidade sexual (BARTON, 2015; NEVES JÚNIOR, 2012). Assim, uma área com produção mais intensa sobre armário, apesar de normalmente não mencionar o termo, mas que a produção de conhecimento gira em torno daquilo que Sedgwick (1990; 2007) denominou epistemologia do armário, é a de estudos sobre gaydar e percepção/julgamentos de orientação sexual. Os estudos sobre percepção e julgamentos sobre orientação sexual são predominantemente da área de estudos linguísticos ou da psicologia. Nesta área de pesquisa, assim como Sedgwick se tornou seminal para os estudos sobre armário, Gaudio (1994) se constituiu como base para os estudos sobre percepção e julgamento de orientação de sexualidade que viriam depois.

Num caminho semelhante a Miskolci em relação ao armário como dispositivo de controle de sexualidade, para Neves Junior, o “gaydar “[r]evela-se uma parafernália de invasão, ajustamento, reajustamento, ligada a um pano de fundo, vagamente percebido, de entidades globais muito mais amplas” (GIDDENS, 1997, p. 77)” (NEVES JÚNIOR, 2012, p. 147). Ele entende

o gaydar como um dispositivo que opera “estratégias performativas”, pois ele nada constata sobre o gênero e a sexualidade, mas sim os performa. É performativo porque age em conformidade com as normas que nos regulam; é de

ordem da matriz heterossexual, pois ele aponta alguém que deveria ter sido pressuposto como hétero. (NEVES JÚNIOR, 2012, p. 148)

Porém, como pontua Neves Júnior, “devemos considerá-lo [o gaydar] como um dispositivo linguístico e identitário-sexual que funciona em uma conjuntura histórica e ‘arquitetada’ que forneceu bases necessárias para seu surgimento” (NEVES JÚNIOR, 2012, p. 146). Ao destacar **a importância dos elementos históricos e linguísticos para o surgimento e construção do gaydar, é notável o impacto de uma matriz heterossexual já estabilizada e naturalizada tanto histórica quanto linguisticamente**, o que deve ser levado em consideração. Isto pode ser ampliado também para a discussão da noção de armário, já que são estes elementos naturalizadores associados à heterossexualidade construídos historicamente que relegam ao privado ou a serem ocultados aspectos vinculados a homossexualidade, como é pontuado no excerto a seguir.

Essas possibilidades, a nosso ver, devem ser tomadas como as “estratégias de relações de forças que sustentam tipos de saber”, como defende Foucault (2007). Como vimos, enquanto algumas sexualidades forem menos prestigiadas, impedidas e policiadas, o armário existirá. **O armário é símbolo de (auto)controle e vigilância sobre a identidade.** Por isso, estabelece relações com o biopoder. De certa forma, podemos considerar que tanto os atos homofóbicos, quanto a vontade em jamais sair do armário, **são estratégias discursivas do dispositivo de sexualidade que agem sobre os não-heterossexuais** (NEVES JÚNIOR, 2012, p. 90, grifos meus).

No entanto, não se pode dizer que tais estratégias discutidas por Neves Júnior (2012) ajam somente sobre não-heterossexuais, pois mesmo aqueles que se declarem heterossexuais, mas não se conformem a padrões de gênero sofrem penalidades semelhantes, controle e vigilância também de modo comparável a que sofrem indivíduos homossexuais. Claro que não são os mesmos casos, pois, a priori, outros aspectos subjetivantes pelos quais homossexuais passam não são uma questão para indivíduos heterossexuais, como são os casos dos processos vinculados ao armário discutidos acima ou com relação à negação do desejo ou o preconceito que têm sobre si mesmos durante o processo que muitos autores mencionados neste capítulo têm chamado de “aceitação”.

Ao contrário da perspectiva histórica e performativo-linguística adotada por Neves Júnior (2012) com relação ao gaydar e de Melo e Moita Lopes (2014) com relação a interseção entre categorias descrita anteriormente, outros estudos linguísticos focam em aspectos da fala gay (*gay speech*) seguindo uma linha (sócio) linguística mais tradicional (LEVON, 2006; 2007; MACK, MUNSON, 2010; MENDES, 2007; 2012; PANFILI, 2011; RENDALL; VASEY; MCKENZIE, 2008; SMYTH; JACOBS; ROGERS, 2003;

VALENTOVA; HAVLÍČEK, 2013), usando, por exemplo, avaliações quantitativas, análises fonológicas e análises estatísticas. No entanto, a maior parte deles chega a conclusões semelhantes no sentido de que não há diferenças extremamente relevantes entre as avaliações das falas como de homossexuais ou mais femininas e as que são realmente de sujeitos autodeclarados homossexuais. Há ainda que se destacar que alguns destes estudos tentam fazer uma aproximação de conceitos menos estruturalistas ou tradicionalmente usados em análise (sócio)linguística em níveis fonológicos para a ampliação da análise em termos sociais, mas estas análises são minimamente desenvolvidas.

Neste sentido, Piccolo (2008) é um exemplo de quem faz um tipo de análise fonológica e estatística e chega à conclusão de que uma fala que soa como homossexual é associada a determinados traços linguísticos/performances linguísticas como, por exemplo, abaixamento das vogais baixas, mas refuta resultados anteriores sobre a acurácia da identificação de orientação sexual de falantes. Além disso, ela busca fazer uma análise mais ampla e qualitativa ao tentar explorar a noção de heteronormatividade de Judith Butler (1990), a qual é reduzida a alguns elementos da conclusão e minimamente desenvolvida.

Em outro exemplo, Valentova *et al* (2011, p. 1145) definem gaydar como a “habilidade de distinguir indivíduos homossexuais de heterossexuais usando pistas indiretas”. Neste estudo, partindo de uma comparação entre culturas, buscou-se testar a acuidade de julgamento sobre orientação sexual e da percepção de masculinidade-feminilidade dos sujeitos avaliados usando uma escala avaliativa/classificativa baseada na escala de Kinsey⁶. Esta pesquisa, apesar de trazer uma breve revisão dos estudos sobre percepção e julgamento de orientação sexual e apontar que tais julgamentos e percepções são modulados culturalmente associando-os a uma não-conformidade de gênero, traz resultados baseados em termos estatísticos com pouca discussão e análise deles em termos históricos, sociológicos ou dos estudos sobre gênero e sexualidade de uma ótica mais humanista. Em termos linguísticos, a discussão dos dados aponta um fato relevante: a

⁶ Os pesquisadores doutores Alfred Kinsey, Wardell Pomeroy e Clyde Martin desenvolveram a Escala de Classificação Heterossexual-Homossexual conhecida como Escala Kinsey em 1948. A escala vai de 0 – exclusivamente heterossexual – à 6 – exclusivamente homossexual – com uma classificação adicional em X para aqueles que não reportavam contatos ou reações sócio-sexuais. Tal escala propunha que pensamentos, sentimentos e comportamentos sexuais não eram sempre consistentes através do tempo e que a classificação apenas em três categorias – homossexuais, heterossexuais e bissexuais – não era suficiente para captar as nuances da sexualidade humana, isto é, era necessário um *continuum* para captar estes aspectos (Fonte: <https://www.kinseyinstitute.org/research/publications/kinsey-scale.php>. Acesso em Jan/2017).

importância de aspectos linguísticos para este julgamento. Mas, para além disso, a associação entre estes aspectos e outros índices de comportamento não verbais que são culturalmente específicos e socialmente relevantes não são discutidos.

Barton (2015) é um dos poucos exemplos destes estudos sobre gaydar que centra sua metodologia em termos qualitativos. Seus dados consistem de grupos com 4 a 7 participantes com duração de uma a duas horas cada e observações auto-etnográficas. E, em suas palavras, sua pesquisa buscou “investigar o que lésbicas e homens gays percebem quando discutem gaydar” (BARTON, 2015, p. 5). Isto é, sua pesquisa focou em como estas pessoas definiam gaydar, suas características, sua importância para eles e como ele operava em suas vidas. A forma como ela divide as seções nos dá indícios sobre os pontos mais associados ao gaydar. De certa forma, tais pontos são semelhantes ao corpo de trabalho já discutido até este momento. O primeiro sendo a importância da apresentação física, pois os participantes elencaram como importantes pequenos detalhes vinculados à aparência, tais como cabelo, elementos faciais como sobrancelhas feitas, postura corporal e até mesmo expressões faciais.

A segunda seção aborda como elementos de gênero disparam o gaydar e são colocados em uso para a avaliação da sexualidade do outro. Barton (2015) aponta que “a política persistente de apresentação de gênero nos treina para localizar e notar os menores desvios de normas de gênero corporais/incorporadas, incluindo unhas e formas de sobrancelhas” (BARTON, 2015, p. 13). Assim, por exemplo, os participantes tenderam a associar a ausência de feminilidade evidente ou presença de características consideradas mais masculinas em mulheres como um traço que indica homossexualidade feminina. E o contrário é apontado pelos participantes para os homens gays. A presença de traços considerados femininos indica a possível homossexualidade masculina. Assim, como é possível notar em outros estudos, a não-conformidade de gênero é um traço marcante para a construção da percepção e julgamento de homossexualidade e para associação com o armário, isto é, tal qual assevera Barton (2015), para boa parte dos participantes “*qualquer um* que não seguisse as regras normativas de gênero seria provavelmente gay, só não teria saído do armário ainda” (BARTON, 2015, p. 13). A avaliação da autora sobre como a apresentação de gênero aparece e dispara o gaydar dos participantes nos mostra como há uma relação paradoxal e problemática, pois

é importante reconhecer que o uso de padrões heteronormativos de apresentação de gênero para detectar um ao outro podem inconscientemente reforçar estereótipos opressivos e pode nos fazer cúmplices de uma ordem social problemática, da qual muitos de nós, de outro modo, resiste (BARTON, 2015, p. 14).⁷

A seção mais explicitamente linguística trata de como elementos omitidos da fala ou da vida pública disparam o gaydar dos participantes. Tais elementos variam desde a falta de um retrato de família no escritório até a omissão de conversas prototípicas sobre o que fez durante o fim de semana ou nas férias ou certas formas de linguagem sexista e sexualizada de homens ou ainda a omissão do gênero do parceiro, por exemplo. Outra seção foca nas relações feitas pelos participantes entre o que dispara seu gaydar e alguém estar no armário. Nesta seção a autora discute como participantes avaliam quem está no armário como sujeitos mais propensos a serem visíveis para outros gays, pois por passarem pelas mesmas experiências seria mais fácil identificá-los. Segundo os participantes, quanto mais um indivíduo tenta esconder, mais visível ele se torna para outros que desenvolveram as mesmas habilidades e mecanismos do armário.

Este texto de Barton (2015) é especialmente frutífero pelas relações feitas e desenvolvidas entre armário, gênero e linguagem e a construção de determinadas formas de subjetividades construídas por estes sujeitos participantes deste estudo. Neste sentido, ela aponta como elementos metapragmáticos vinculados ao armário são discutidos por pessoas que se autodeclaram como gays ou bissexuais. É neste caminho que esta dissertação pretende ir, apontando como elementos linguísticos, de gênero e características vinculadas ao armário se interconectam de maneira situada para orientar e avaliar o uso do armário no contexto escolhido. De modo mais geral, todos estes estudos sobre gaydar e percepção/julgamento de orientação sexual são, apesar de seu caráter muitas vezes estruturalista e positivista, indicativos de como se constituem e se dão as complexas relações das metapragmáticas do armário e ideologias sobre gênero e sexualidade, o que será discutido nos próximos capítulos.

Ligado a este querer saber, a exposição ou não da homossexualidade, do ato de se assumir e seu desenrolar também são áreas profícuas nos estudos que têm o armário como temática. Por exemplo, Aguilera (2012) apresenta diferentes estratégias para lidar com a

⁷ It is also important to acknowledge that using heteronormative standards of gender presentation to detect each other may unwittingly reinforce oppressive stereotypes, and make us complicit with a problematic social order that many of us otherwise resist (BARTON, 2015, p. 14).

sexualidade desde a saída até a permanência. Em seu artigo, são discutidas negociações de identidades em contextos transnacionais, no caso do estudo, peruanos nos Estados Unidos. No entanto, elementos linguísticos são secundarizados, apesar de, na construção argumentativa, as categorias linguísticas (transnacionais e predominantemente da cultura de origem dos participantes dos estudos) usadas para estas negociações, caracterizações e avaliações que centram-se na relação entre se estar ou não no armário e na apresentação masculina ou não de si.

Algo interessante discutido neste estudo é noção de *'secreto a voces'/open secrets* – segredos abertos. Esta noção é usada para caracterizar o contexto em que família e amigos próximos a estes migrantes sabem de sua sexualidade, mas é evitado se falar sobre, abertamente tentam se afastar da revelação ou do assunto. Esta expressão sintetiza uma contradição sob a qual muitos vivem e que tem a ver com performances sobre o armário que vai além de sua saída, mas com o convívio diário com pessoas importantes para estes sujeitos.

Ao contrário dos termos trazidos e utilizados por estes migrantes peruanos em contextos transnacionais, especificamente no Estados Unidos, Benozzo (2013) discute sob outro ponto de vista a circulação de cultura gay. Ela trata da importação de vocabulários e modelos de expressão de identidade sexual, como se fosse este o padrão global, mas não é assim, como discutem Holt e Griffin (2003). Isto é perceptível neste de Aguilera. Um exemplo de como Benozzo procede:

'Coming out [of the closet]⁸' migrou, de modo nômade, do inglês para o italiano, nas palavras originais do inglês – isto é, sem tradução – da mesma forma que os termos 'gay', 'camp' e 'AIDS'. Esta migração não é acidental, mas é parte de um processo mais amplo de globalização relacionado à propagação de categorias de lésbicas e gays, em si ligado à emergência do Capitalismo Norte Americano (SHAHANI, 2008 *apud* HENNIKER, 2010). Palavras e imagens da cultura gay circulam ao redor do mundo (por meio da internet, filmes, seriados de TV, propagandas e discursos políticos) e são também vendidas para audiência geral (gay e heterossexual) (CRUZ-MALAVÉ; MANALANSAN, 2002) (BENOZZO, 2013, p. 338-339)⁹.

⁸ Sair do armário.

⁹ 'Coming out [of the closet]' has migrated, nomad-like, from English to Italian, in the original English words – that is, without translation – as have the terms 'gay', 'camp', 'LGBTQ' and 'AIDS'. This migration is not accidental, but is part of a broader process of globalization related to the spread of lesbian and gay categories, itself linked to the emergence of North American capitalism (Shahani, 2008 in Henniker, 2010). Words and images of gay culture circulate all around the world (through internet, films, TV series, advertisements and political discourses) and are also sold to the general (gay and straight) audience (Cruz-Malave´ and Manalansan, 2002) (BENOZZO, 2013, p. 338-339).

Benozzo segue uma linha de estudos que tratam do assumir-se (*coming out*) nas mídias mais tradicionais (HERMAN, 2005; MARTIN JR, 2015; MCGEE, 2010; ROY, 2012). Comparativamente, Bannink e Wentink (2015) trazem neste sentido uma análise que se foca nos atos de fala de saída do armário e de um gênero específico de programa de TV. A relação feita pelas autoras é relevante por trazer para o centro da análise não somente elementos linguísticos, mas sua performatividade, o que ocorre de maneira situada e mostra como a performatividade de saída do armário pode ser paradoxal e não-emancipatória.

Ambos o programa de TV e o ritual de ‘saída do armário’ serão analisados como eventos de fala: ocasiões socialmente reconhecíveis nas quais participantes interagem via linguagem de certo modo convencional para chegar a um resultado específico (cf. HYMES, 1964). No programa sob investigação, o evento de fala ‘sair do armário’ está embutido no evento de fala ‘programa de TV de *reality show*’ (‘integração recursiva’ de Polanyi e Scha, 1983). Isto implica que o evento embutido herda os constrangimentos e permissões daquele ao qual é integrado. Nós arguiremos que isto resulta em paradoxos e dilemas que impedem aqueles que o fazem de atingir seus objetivos emancipatórios (BANNINK; WENTINK, 2015, p. 2).¹⁰

Os dados mostram que os Produtores do ‘Uit de Kast’ são bem sucedidos em produzir um programa que obedece às leis do gênero de TV de *reality show* ((cf. Beck et al., 2012): o foco durante todo o episódio é no drama e conflito e nos sentimentos pessoais do convidado. A audiência é conduzida por uma montanha russa de emoções: esperança e medo alternam em sucessões rápidas. E, embora o resultado desta empreitada deixe o convidado confuso e inseguro sobre o futuro, o apresentador força um final verbal feliz. O mesmo padrão pode ser observado em outros episódios no corpus (BANNINK; WENTINK, 2015, p. 21)¹¹.

Seguindo esta linha que trata da performatividade do armário, há ainda uma tradição de estudos linguísticos sobre o armário (i.e., narrativas de saída do armário) que foi fundante para a linguística *queer*. O foco destes estudos recai, em geral, na qualidade performativa das narrativas (CHIRREY, 2003; 2011) e na estrutura narrativa do armário (HERMAN, 2005; LIANG, 1997; 1999; WOOD, 1999; ZIMMAN, 2009).

¹⁰ Both the TV show and the ritual of ‘coming out’ will be analyzed as speech events: socially recognizable occasions in which participants interact via language in some conventional way to arrive at a particular outcome (cf. Hymes, 1964). In the program under investigation, the speech event ‘coming out’ is embedded in the speech event ‘reality TV show’ (‘recursive embedding’; Polanyi and Scha, 1983). This entails that the embedded speech event inherits the constraints and affordances of the one in which it is embedded. We will argue that this results in paradoxes and dilemmas that prevent the makers from achieving their emancipatory aims. (BANNINK; WENTINK, 2015, p. 2)

¹¹ The data show that the makers of ‘Uit de Kast’ succeed in producing a show that obeys the laws of the reality TV genre (cf. Beck et al., 2012): the focus throughout the episode is on drama and conflict and on the personal feelings of the guest. The audience is taken on a rollercoaster of emotions: hope and fear alternate in rapid succession. And although the outcome of the enterprise leaves the guest confused and insecure about the future, the presenter forces a verbal happy end. The same pattern can be observed in the other episodes in the corpus. (BANNINK; WENTINK, 2015, p. 21)

Alguns destes estudos tratam ou discutem a saída do armário como ato performativo e/ou ato de fala que afeta/altera tanto aquele que faz quanto aquele que ouve (CHIRREY, 2003; LIANG, 1997; NEVES JÚNIOR, 2012). Já Herman (2005) faz relações sobre como personagens agem/são estruturados no que se refere a suas sexualidades, antes, durante e depois de saírem do armário, traçando recuperações e reavaliações. Para ele, isto “ é importante porque tais representações antecedentes estão intimamente conectadas às posteriores em termo de como revelações subsequentes geram significados e efeitos” (HERMAN, 2005, p. 11)¹². Herman (2005) foca nas narrativas e suas transformações, de modo comparativo em diferentes programas de TV, pois “transformations of sexuality are conveyed in a range of ways, from subtle signals involving eye contact or coded words, to explicit announcements of identity and/or desire” (HERMAN, 2005, p. 15).

Para Chirrey (2003), o ato de se assumir cria um novo self, mas também novas realidades para este self e para outros. Isto ocorre por meio da performatividade deste ato e pelas suas características narrativas. Por meio da análise de narrativas, sua discussão **explora como qualquer ato de saída do armário, linguístico ou não-linguístico, é experienciado a partir de múltiplas perspectivas e, como uma consequência, como seus significados e efeitos não são constantes nem não-negociáveis**. Este aspecto é relevante, pois há uma linha de desdobramento dos estudos sobre armário gay em que busca-se normalizações a cerca deste processo, o qual é sempre situado. Este fato não é algo que ocorre na academia unicamente. É sobre isso que Chirrey (2011, p. 283) discute em outro texto ao analisar textos disponíveis na internet sobre o ato de saída do armário:

Um dos propósitos destes textos é normalizar a saída do armário como um evento rotineiro e como curso de ação racional para um indivíduo LGB. Além disso, o uso de formulações em forma de roteiro é tida como características de textos escritos e uma estratégia pela qual escritores de conselhos podem legitimar-se como qualificados para aconselhar.¹³

Por fim, tendo em vista os estudos sobre armário apresentados durante este capítulo, pode-se considerar que as seguintes características perpassam no geral os estudos

¹² It is important because such antecedent representations are intimately connected to later ones in terms of how subsequent revelations generate meanings and effects” (HERMAN, 2005, p. 11)

¹³ One of the purposes of these texts is to normalize coming out as a routine event and as a rational course of action for an LGB individual. Furthermore, the use of script formulation is seen to be characteristic of written texts and a strategy by which advice writers can legitimize themselves as qualified to give advice (CHIRREY, 2011, p. 283).

desta temática: O armário 1. é considerado essencial para formação/construção identitária gay/homossexual; 2. norteia e ajusta as formas de interação e sociabilidade gay e relações sociais no geral (trabalho, família); 3. não é somente sobre identidade sexual, mas também de gênero, isto é, estar fora do armário implica em se aproximar do feminino; 4. é sempre guiado/exercido/articulado a partir de binômios: público/privado, dizível/indizível, visível/oculto, aceitável/não-aceitável, sigilo/não-sigilo, proibido/não-proibido; 5. gera controle sobre outras esferas da vida, tal como o vestuário ou trabalho; 6. proporciona uma hipersexualização dos indivíduos homossexuais; 7. opera como um dispositivo de subjetivação que se intersecciona com outros dispositivos; 8. gera economias de desejo, emocional etc.

Evidencia-se, portanto, nestas características que perpassam estes estudos o impacto da heteronormatividade nas pragmáticas do armário gay e, por consequência, nos estudos que focam nele. É ainda salutar destacar que estes elementos são fundamentados em grande medida por aspectos linguísticos que, muitas vezes, são secundarizados e poderiam ampliar o escopo e complexidade destes estudos. Cabe, deste modo, perguntar de que forma e quais elementos podem ser usados para estes elos entre aspectos linguísticos e sociais? É sobre isto que discutiremos a seguir.

2 PRAGMÁTICA - METAPRAGMÁTICA: ELOS SOBRE USOS LINGUÍSTICOS E SOCIAIS

Partindo desse panorama dos estudos sobre/deste dispositivo de sexualidade conhecido como armário, discutidos anteriormente no Capítulo 1, como estratégias para articular diferenças e desigualdades, de que maneira a linguagem é também vista como recurso pragmático-metapragmático usado para que esta articulação aconteça? Por outro lado, outro questionamento faz-se necessário: essa articulação tem sido reconhecida na Linguística como campo de pesquisa? Moita Lopes (2006, p. 85) propõe que outras vozes sejam ouvidas e outras formas de conhecer alternativas, que estão no Sul, sejam incorporadas à forma de fazer pesquisa no campo da linguagem, de modo a

criar integridades sobre a vida contemporânea ao produzir conhecimento e, ao mesmo tempo, colaborar para que se abram alternativas sociais com base nas e com as vozes dos que estão às margens: os pobres, os favelados, os negros, os indígenas, homens e mulheres homoeróticos, mulheres e homens em situação de dificuldades sociais e outros, ainda que eu os entenda como amálgamas identitários e não de forma de essencializada (MOITA LOPES, 2006, p. 86).

Esta proposição de uma **linguística aplicada “indisciplinar”** e que articule, entrelace vozes de sujeitos que falam de lugares diferentes, isto é, que articulam diferenças a partir de contextos específicos, tem sido executada a partir de uma perspectiva pautada em estudos sobre ideologias linguísticas e pragmáticos-metapragmáticos? É a partir destes questionamentos que este capítulo pretende discutir alguns conceitos do campo dos estudos linguísticos.

Ao pensar-se nestas perguntas, é importante ter em mente o que expõe Blommaert (2008, p. 106), que a **história de uso, avaliação e julgamento dos usos linguísticos** estão conectados diretamente à **estruturação social, a hierarquização social** e afetam a estrutura e o conteúdo das narrativas, isto é, “são sistematicamente relacionadas a outras áreas como a natureza das pessoas, do poder e de uma ordem moral desejável” (GAL, 1995, p.171).

Tendo em vista que esse funcionamento dá autoridade e legitimidade às suas versões, a hierarquização não ocorre somente por meio da seleção linguística, mas também por meio de generalizações e hierarquização de “categorias” sociais, de identidades. Essas alterações na forma **como a articulação das categorias ocorrem delineiam os**

movimentos dos textos, discursos e dispositivos em diferentes contextos, isto é, o processo de (re)entextualização que envolve questões de poder e acesso a determinados recursos e que marcam a construção da diferença através da linguagem e afetam categorias, saberes e relações de poder, ou, de modo mais geral, dispositivos.

Nesse sentido, então, em consonância com Borba (2014a), é necessário “atentar [que a] vida linguística que indivíduos produzem, na qual estão imersos e pela qual são produzidos, é um vetor central na análise de performances identitárias” (BORBA, 2014a, p. 441). Assim, entender como as performances identitárias gays, sempre linguísticas, fazem funcionar e/ou alteram o dispositivo conhecido como armário ou, de outra forma, como a vida linguística produz o armário e este ajuda a produzir sujeitos e também a produzir identidades deveriam ser um dos aspectos por excelência das pesquisas sobre armário gay. Nesta linha, o estudo de elementos metapragmáticos vinculados ao armário, e por conseguinte suas formas de entextualização, é uma forma de entender a construção destas performances ou, em outros termos, de construir uma “reflexão sobre gênero e sexualidade no interior das condições semânticas e pragmáticas, metassemânticas e metapragmáticas, que fazem com que sejamos e nos tornemos sujeitos humanos” (POVINELLI, 2016, p. 209).

Na área de estudos da linguagem, já há estudos que interseccionam metapragmática, pesquisas online e uma abordagem etnográfica, como são, por exemplo, os casos de Fabrício (2014) e Silva (2014), da mesma forma como me proponho nesta pesquisa. O único trabalho encontrado na revisão bibliográfica no Brasil que segue uma linha semelhante e está dentro do arcabouço dos estudos linguísticos é o de Melo e Moita Lopes (2014), descrito brevemente no capítulo 1. No entanto, de modo geral, as temáticas são outras que não o armário, o qual, como exposto no capítulo anterior, possui grande produtividade dentro deste novo contexto online e quando se estuda a temática sob uma perspectiva linguística, o foco se mantém em aspectos outros dos propostos aqui, como em elementos narrativos da saída do armário (CHIRREY, 2003; 2011; HERMAN, 2005; LIANG, 1997; 1999; WOOD, 1999; ZIMMAN, 2009). Nesta articulação, a noção de ideologias linguísticas adquire relevância.

Dentro dos estudos linguísticos no Brasil, o conceito de ideologia tem sido sempre influente nas análises em diversas subáreas. Por isso, as relações construídas entre língua(gem) e ideologia têm sido variadas. Também é comum a noção de que “ideologias

culturais e políticas são constituídas, codificadas e representadas na língua” (WOOLARD; SCHIEFFELIN, 1994, p. 55). Em *Language Ideology*, Woolard e Schieffelin (1994) discutem o surgimento e desenvolvimento dos estudos sobre **ideologia linguística**, bem como esse conceito. Elas deixam claro que

ideologias da linguagem são tão importantes para o social quanto as análises linguísticas porque elas não são sobre língua somente. Mais que isso, tais ideologias preveem e reproduzem links que associam línguas a grupos e identidades pessoais, à estética, à moralidade e à epistemologia (WOOLARD; SCHIEFFELIN, 1994, p. 55-56).

Ainda na introdução (WOOLARD; SCHIEFFELIN, 1994, p. 56), as autoras apontam que uma das metas do estudo de ideologias linguísticas é mostrar a especificidade das visões sobre língua e que os pesquisadores de língua(gem) devem focar-se na dimensão ideológica e aguçar o entendimento de questões linguísticas entre estudantes de ideologia, discurso e dominação social. Neste texto, discute-se como tem se definido o termo ideologia(s) linguística(s), sendo as seguintes definições apresentadas:

- “conjunto de crenças sobre língua articulado por usuários como uma racionalização ou justificação de percepção da estrutura e do uso linguístico” (SILVERSTEIN, 1979 apud WOOLARD; SCHIEFFELIN, 1994, p. 57);

- “ideias autoevidentes e objetivos que um grupo mantém acerca dos papéis da língua nas experiências sociais de membros de modo que eles contribuam para a expressão do grupo” (HEATH, 1977 apud WOOLARD; SCHIEFFELIN, 1994, p. 57);

- “o sistema cultural de ideias sobre relações sociais e linguísticas, juntas com sua carga de interesses morais e políticos” (IRVINE, 1989 apud WOOLARD; SCHIEFFELIN, 1994, p. 57).

- “corpos compartilhados de noções de senso comum sobre a natureza da língua no mundo” (RUMSEY, 1990 apud WOOLARD; SCHIEFFELIN, 1994, p. 57).

No entanto, de acordo com Woolard e Schieffelin (1994, p. 57), há distinções na concepção de ideologias linguísticas, segundo critérios variados, por exemplo, enquanto Rumsey (1990) propõe uma definição neutra de ideologia linguística, Silverstein (1979) concentra as ideologias linguísticas dentro de uma categoria mais geral: a metalinguística, sendo que, enquanto a metalinguagem se mostra uma condição suficiente para se identificar ideologia, os conceitos de ideias autoevidentes e noções de senso comum

podem dificultar sua elicitación direta, pois “embora ideologia em geral seja frequentemente tida como explicitamente discursiva, teóricos influentes têm visto isto como comportamental, pré-reflexivo ou estrutural, isto é, uma organização de práticas de significação não em consciência mas nas relações vividas” (WOOLARD; SCHIEFFELIN, 1994, p. 58).

Woolard e Schieffelin (1994, p. 58) discorrem ainda que pesquisadores desta área de pesquisa compartilham “uma visão de ideologia como enraizada em ou responsiva à experiência de uma posição social particular”, sendo assim, “o termo ideologia nos lembra que as concepções culturais que estudamos são parciais, contestáveis e contestadas, e carregadas de interesses”. Esta visão retira o tom naturalizante dos estudos da linguagem, o que configura um grande avanço para uma Linguística mais voltada para o social.

Kroskrity (2004, p. 498) define que “ideologias linguísticas são crenças, ou sentimentos, sobre línguas como usadas em seus [do falante] mundos sociais”. Na sua seção seguinte, ele aborda o desenvolvimento conceitual de ideologias linguísticas. Para tal, ele inicia com o pensamento pioneiro de Silverstein que defendia que “a consciência linguística e racionalizações do falante sobre sua estrutura e uso foram frequentemente fatores críticos na moldagem da evolução da estrutura de uma língua” (KROSKRITY, 2004, p. 498).

A importância de Silverstein, especialmente de seu artigo de 1979, conforme expõe Kroskrity (2004, p. 499-500), está não somente no resgate da consciência linguística, mas também das negligenciadas funções não-referenciais da linguagem. Esta mudança para modelos semióticos, como de Pierce, foi fundamental, sendo eles que:

Reconheciam uma larga variedade de relações “pragmáticas” focada em signos entre estes signos e o mundo. Uma das vantagens teóricas chave, para pesquisadores, destes modelos semiótico-funcionais é seu reconhecimento de que muitos “significados” que formas linguísticas têm para seus falantes emergem de conexões “indexais” entre os signos linguísticos e fatores contextuais de seu uso (KROSKRITY, 2004, p. 500).

É possível dizer que as ideologias sobre linguagem, mas não somente elas, não são geralmente imediatamente perceptíveis, mas a análise de discursos metapragmáticos e das funções metapragmáticas podem torná-las mais salientes. Este é um dos pontos que poderia ajudar numa possível cooperação entre estudos sobre armário e estudos linguísticos, tendo em vista que ideologias sobre linguagem muitas vezes servem de base

para manter o armário como um dispositivo de controle de (homo) sexualidade, por exemplo: homossexuais falam mais corretamente (MENDES, 2007), usam mais diminutivos (MENDES, 2012), há um “soar gay ou hétero” (PICOLLO, 2008). Há de se ressaltar que tais pesquisas se baseiam numa forma de diferenciação fonético-fonológica estruturalista, como em Mendes (2007) e Picollo (2008), e vários outros citados no capítulo anterior, que não levam em conta a associação de tais diferenciações linguísticas com índices da vida social (IRVINE; GAL, 2000). O estudo de ideologias sobre linguagem, portanto, poderia trazer enormes avanços para o desenvolvimento de tais temas. De mesmo modo, saber como a linguagem funciona nestes estudos sobre armário pode ajudar a se pensar como ideologias sobre linguagem operam e se alimentam no campo da sexualidade a partir de várias estratégias, tal qual o gaydar (NEVES JUNIOR, 2012).

Dentro desta área de estudo de ideologias linguísticas, para compreender a **relação pragmática-metapragmática** é necessário se atentar para diversos processos e conjuntos que estão não somente em níveis linguísticos como em outros níveis sociais. Posso dizer que esta perspectiva, adotada por Signorini, está em consonância com a forma como Foucault (1979) caracteriza dispositivo e Miskolci, mais especificamente, o de controle de sexualidade conhecido como armário (cf. introdução):

Compreender melhor como tais estruturas são instanciadas localmente na interação, constituindo (e não determinando) o conjunto de estruturas e processos que, naquela interação, tanto descrevem quanto condicionam e avaliam a propriedade, ou correção e legitimidade, das formas linguístico-discursivas produzidas nas/pelas ações interacionais em curso, é interessante focalizar mais de perto a relação que se estabelece na dinâmica interacional, entre metapragmática, construção sociointeracional de papéis e identidades, e ideologias linguísticas (SIGNORINI, 2008, p. 127).

Embora existam muitas definições para a palavra pragmática, a que mais me interessa diz respeito ao estudo da linguagem do ponto de vista de seus usuários e usuárias, analisando as escolhas lexicais feitas, as restrições encontradas no uso da linguagem em determinadas interações sociais e, principalmente, os efeitos que o uso da linguagem tem sobre os(as) outros(as) participantes no ato da comunicação. Sendo assim, a Pragmática pode ser considerada o ponto de convergência entre o linguístico, o comunicativo e social, comprovando a intrínseca relação entre a linguagem e a situação comunicativa em que ela está sendo empregada.

Portanto, compreende-se que elementos pragmáticos, isto é, do **uso linguístico**, e metapragmáticos, isto é, **da avaliação do uso linguístico**, são utilizados enquanto ações

sócio-interacionais de maneira reflexiva, de maneira explícita ou não, para **orientar e avaliar dinâmicas interacionais, relações sociais e atitudes, produzindo lugares e papéis hierarquizados**. Assim, como propõe Signorini (2008, p. 138),

há uma dimensão metapragmática, da língua em uso que se realiza na/pela própria maquinaria textual discursiva, vista como estratificada e multifuncional, isto é, como um folhado feito de estruturas semióticas multiniveladas e inter-relacionadas que garantem a “coexistência dinâmica” [...] entre as formas indexicais e o que elas pressupõem, rememoram, e/ou projetam.

Assim, pragmática, o uso da língua, e metapragmática, o uso reflexivo da língua, funcionam de maneira dialética (SILVERSTEIN, 1993). Para tal funcionamento é fundamental a **indexicalidade**, a capacidade que a linguagem tem de indexar informações socioculturais num determinado contexto, proposta em Silverstein (1993, p. 36) como o signo que “pressupõe (portanto, indexa) algo do seu contexto-de-ocorrência, ou acarreta (e, portanto, indexa) algo sobre seu contexto-de-ocorrência”. Ou ainda a indexicalidade pode ser considerada “a operação semiótica de justaposição, pela qual uma entidade ou evento aponta para outro” (BUCHOLTZ; HALL, 2004, p. 378).

A “Pragmática está, portanto, no reino semiótico do significado indexical, incluindo signos denotacionais e não denotacionais”¹⁴ (SILVERSTEIN, 1993, p. 41-42) e que, de algum modo, todo discurso é sempre já centrado de alguma forma, isto é, “dependente de nós indexicais ao contexto”¹⁵ (SILVERSTEIN; URBAN, 1996, p. 15). Isto é, Silverstein defende que toda forma linguística é uma forma indexical. Isto é, toda forma linguística refere-se tanto às condições envolventes de sua própria produção quanto à ordem macrossocial maior, sendo que ambos modelam a interação linguística (SILVA, 2010). Este efeito indexical criativo é a realização motivadora, ou execução performável, de um enquadre já constituído de valores semióticos (SILVERSTEIN, 2003, p. 194).

Blommaert (2010) propõe que a indexicalidade seja ordenada a partir de ordens: a indexical e a de indexicalidade. Indexicalidade é o que Blommaert considera **indexicalidade de primeira ordem** (*indexical order*), a qual está relacionado com padrões de estabilidade (*patterns of stability*), tais como registros, categorias sociais, emblemas semióticos reconhecíveis para grupos e indivíduos. Para explicar ordens de indexicalidade,

¹⁴ Pragmatics is thus the semiotic realm of indexical meaning, including denotational and nondenotational signs (SILVERSTEIN, 1993, p. 41-42)

¹⁵ all discourse is always already centered in some fashion, that is, dependent on indexical ties to context. (SILVERSTEIN; URBAN, 1990, p. 15)

Blommaert (2010) menciona a ordem do discurso de Foucault (2009). Para ele, **ordens de indexicalidade** “operam a partir de grandes complexos estratificados nos quais algumas formas de semiose são sistematicamente percebidos como valiosos, outros como menos valiosos e alguns não são nem sequer considerados, enquanto todos são assujeitados a regras de acesso e regulações de circulação”¹⁶ (BLOMMAERT, 2010, p. 38) Assim, ordem indexical se refere a tipos de categorias de símbolos, pessoas ou recursos semióticos e ordens de indexicalidade referem-se a como estas categorias, símbolos e recursos semióticos são ordenados em hierarquias de valor ou importância em diferentes contextos.

Tais ordens de indexicalidade apontadas por Blommaert são estratificadas e hierarquizadas, indicando, assim, as relações de poder nelas existentes (MELO; MOITA LOPES, 2015, p. 61-62). Silverstein argumenta que “‘ordem indexical’ é o conceito necessário para nos mostrar como relacionar o micro-social ao macro-social em seus quadros de análise de qualquer fenômeno sociolinguístico” (SILVERSTEIN, 2003, p. 193)¹⁷, sendo que para ele:

Qualquer *n* ordem indexical pressupõe que o contexto em que é normativamente usada tenha uma esquematização de algum tipo particular, relativa a qual nós podemos modelar a “adequação” de seu uso naquele contexto. Ao mesmo tempo, haverá a tendência de alguma vinculação contextual – um efeito “criativo” ou “efetividade” no contexto – regularmente produzida pelo uso da ordem indexical *n* sinalizada como uma consequência direta (causal) do grau de engajamento ideológico (institucionalizado) que os usuários manifestam com respeito da pertinência da ordem indexical *n* (SILVERSTEIN, 2003, p. 193-194)¹⁸.

Como propõe Urban (2006), pode-se dizer que a metapragmática “refere-se a signos que são sobre o código pragmático, sobre como interpretar significados extrasemânticos codificados na fala”¹⁹ (URBAN, 2006). Desta forma, a “pragmática *projeta*. A metapragmática *modela*” (SILVA, 2014, p. 74, grifos no original), nesse

¹⁶ operate within large stratified complexes in which some forms of semiosis are systematically perceived as valuable, others as less valuable na some are not taken into account at all, while all are subject to rules of access and regulations as to circulation” (BLOMMAERT, 2010, p.38)

¹⁷ ‘indexical order’ is the concept necessary to showing us how to relate the micro-social to the macro-social frames of anlysis of any sociolinguistic phenomenon (SILVERSTEIN, 2003, p. 193)

¹⁸ any *n*-th order indexical presupposes that the context in which it is normatively used has a schematization of some particular sort, relative to which we can model the “appropriateness” of its usage in that context. At the same time, there will tend to be a contextual entailment – a “creative” effect or “effectiveness” in context – regularly produced by the use of the *n*-th order indexical token as a direct (causal) consequence of the degree of (institutionalized) ideological engagement users manifest in respect of the *n*-the order indexical meaningfulness (SILVERSTEIN, 2003, p. 193-194).

¹⁹ refers to linguistic signs that are about the pragmatic code, about how to interpret the extrasemantic meanings encoded in speech (URBAN, 2006).

sentido, complementando a ideia de que “a linguagem produz e interpreta as práticas sociais, o conhecimento e a experiência” (PONTES, 2009, p. 28). Daí a importância desta relação indexical para se entender a formação de identidades e papéis sociais, pois a “identidade social é uma das dimensões sociais ativadas pelos participantes para fazer parte de uma dada situação comunicativa e está diretamente relacionada aos papéis e ações sociais atribuídas e desempenhadas por estes, bem como suas posturas afetivas e epistêmicas” (PONTES, 2009, p. 28). Isto implica dizer com relação ao armário que seu uso (tanto como dispositivo que modela usos que se faz do corpo, da língua, do discurso, dos territórios etc., quanto no sentido de se referir a ele ou trazê-lo para interação ou para texto) traz ou acarreta certas projeções que são modeladas a partir de elementos metapragmáticos, isto é, que orientam e/ou avaliam o uso.

Elizabeth Povinelli (2016), com base em Silverstein (1993), faz uma distinção entre estes elementos metapragmáticos que orientam e avaliam o uso partindo de dois conjuntos: função metapragmática e discurso metapragmático. A **função metapragmática** “compreende os meios pelos quais locutores/as, de maneira inconsciente na maior parte do tempo, incorporam aos seus atos de interlocução diversas classes ou diversos registros [...] de maneira a lhes conferir a coesão de textos interpretáveis (isto é, coerentes)” (POVINELLI, 2016, p. 209). Por meio de atos pragmáticos, segundo a autora, a função metapragmática ajuda os locutores a construírem unidades textuais de ordem acima, harmonizando a significação a contextos externos, tornando os textos suficientemente coerentes socialmente. Esta função, desta maneira, cria inteligibilidades sociais (BORBA, 2014a; 2014b; BUTLER, 2014), temporais etc²⁰. Por outro lado,

O **discurso metapragmático** remete aos discursos das pessoas (o que inclui o discurso acadêmico) sobre o uso da língua: trata-se nomeadamente de enunciados, localmente ou historicamente circunscritos, que têm tratado das regras específicas da etiqueta linguística; eles compreendem os discursos que especificam como se adquirem as diferentes etiquetas linguísticas, que julgam se tal aquisição é sustentável ou não e quais pessoas devem se submeter a ela, assim como os discursos que ditam os contextos de seu uso apropriado. [...] Esse aspecto da natureza do uso linguístico que pressupõe o contexto e o que dele resulta, o discurso metapragmático inclui todas as referências implícitas e

²⁰ Vale ressaltar aqui que predominantemente, quando Povinelli (2016) fala de função metapragmática, ela se refere a atos que conferem coerência e coesão a textos. Quando Butler (2014) fala de inteligibilidade, ela se refere a como indivíduos, em geral, são forçados, muitas vezes de forma inconsciente, a manter relações retilíneas entre sexo, gênero e desejo (outro efeito da heteronormatividade). Povinelli e Butler falam de diferentes inteligibilidades, ou melhor, de diferentes níveis destas relações que estão em articulação e em retroalimentação. Isto é, as inteligibilidades sociais destas relações retilíneas tem implicações diretas e são indicadas nestes atos que conferem coerência aos textos.

explícitas a tais codificações, usos e contextos, próprios ou impróprios. (POVINELLI, 2016, p. 211, grifo meu).

Tendo em vista esta distinção, o armário, de maneira mais explícita ou mais implícita, como pode-se notar nos e pela produtividade dos estudos, aparece como função metapragmática, no que ele forja campos de visibilidade a partir dos recursos que ele provê para projetar inteligibilidade sobre relações intersubjetivas, interacionais, territoriais etc. e como discurso metapragmático, ao sedimentar certos campos de dizibilidade: como falar sobre ele, como sair dele, como narrar/avaliar suas experiências nele, etc. Pode-se exemplificar como função metapragmática do armário o fato de ele dar coerência a determinados tipos de interação ou relação, como ocorrem nos aplicativos de relacionamento gay. Os discursos metapragmáticos sobre o armário são variados. Por exemplo, existe o discurso sobre como se assumir, isto é, sobre como contar que se é gay para alguém, dividindo os usos linguísticos para se assumir para família, para amigos e no trabalho.

A interação, nessa perspectiva, é vista basicamente como processo de **(en)textualização** (BAUMAN; BRIGGS, 1990), que é um traço da linguagem que faz uso da função metapragmática para articular aquilo que se faz, onde e com quem (POVINELLI, 2016). Nesse sentido, a entextualização é marcadamente indexical e metapragmática e opera para a produção de identidades e papéis sociais. E, desta forma, produz diferenças e desigualdades. A **contextualização** é de essencial valor para o entendimento da indexicalidade e da interação, pois “o contexto é resultado do conjunto sempre movente dos sistemas denotativos e predicativos de um grupo” (POVINELLI, 2016, p. 222). O processo de entextualização é colocado por Bauman e Briggs (1990) como decorrente da propriedade reflexiva da linguagem, vinculada à metapragmática (SIGNORINI, 2008), e então:

Em termos simples, apesar de isto estar longe de ser simples, é o processo de tornar o discurso passível de extração, de transformar um trecho de produção linguística em uma unidade – um *texto* – que pode ser extraído de seu cenário interacional. Um texto, então, nesta perspectiva, é discurso tornado passível de descontextualização. Entextualização pode muito bem incorporar aspectos do contexto, de tal forma que o texto resultante carregue elementos da história de seu uso consigo. (BAUMAN; BRIGGS, 1990, p 73, grifos no original)²¹

²¹ In simple terms, though it is far from simple, it is the process of rendering discourse extractable, of making a stretch of linguistic production into a unit – a *text* – that can be lifted out of its interactional setting. A text, then, from this vantage point, is discourse rendered decontextualizable. Entextualization may well

Deste modo, o processo de entextualização ajuda a criar aparentemente cultura transmissível, compartilhável, no entanto, ele reflete e constitui relações sociais assimétricas. Disso, temos o texto, que pode ser considerado uma noção metadiscursiva que se baseia em iterações de textualidade sedimentadas ao longo do tempo. Neste processo, a função metapragmática está sempre presente e é de grande importância, tendo em vista que ela auxilia na construção da coerência nestes processos de entextualização.

Segundo Silverstein e Urban (1996), entextualização pode ser entendida como o processo de tornar discurso texto. Este processo “revela uma arquitetura das relações sociais e torna-se a base para inúmeras **projeções metadiscursivas**, como o fundo interacional de um dado texto é projetado para outros, produzindo uma imagem genérica de identidades fixas e de categorias sociais” (SILVERSTEIN; URBAN, 1996, p. 14, grifo meu)²². Isto é, “ela é a capacidade reflexiva do discurso de ser compartilhado em diferentes sistemas de significação e o enquadramento do texto que carrega suas marcas para outros espaços” (MELO; MOITA LOPES, 2015, p. 61).

Segundo Silverstein e Urban (1996), texto pode ser considerado uma categoria metadiscursiva que traz características aparentemente opostas. Tanto nossa **capacidade de (re)calibragem** (meta)linguístico-discursiva quanto a capacidade de extrair o discurso de seu contexto e torná-lo reiterável estão vinculadas ao conceito de texto:

De um lado, a categoria metadiscursiva [...] parece congelar ou consertar o texto sociointeracional, projetando a partir de entextualizações específicas para todas as passadas e futuras, como efeito provendo um *template* potencial, ou modelo, ou um exemplar textual “canônico”, sob as condições próprias. Por outro lado, toda instância discursiva é emergente e criativa e, por isso, capaz e recalibrar a categoria discursiva para futuras projeções (SILVERSTEIN; URBAN, 1996, p. 8)²³.

Do mesmo modo que o texto é uma categoria metadiscursiva, o armário também parece ser por cumprir as condições descritas neste excerto acima. Cabe dizer, neste

incorporate aspects of context, such that the resultant text carries elements of its history of use within it (BAUMAN; BRIGGS, 1990, p 73).

²² “[Entextualization] reveals an architecture of social relations, and becomes the basis for numerous metadiscursive projections, as the interactional back drop of a given text is projected onto others, producing a generic image of fixed identities and social categories.” (SILVERSTEIN; URBAN, 1996, p. 14).

²³ On the one side, the metadiscursive category [...] seems to freeze or fix the social-interactional text, projecting from specific entextualizations to all past or future ones, in effect providing a potential template, or model, or “canonical” textual exemplar, under proper conditions. On the other side, every discourse instance is emergent and creative and hence capable of recalibrating the metadiscursive category for future projections. (SILVERSTEIN; URBAN, 1996, p. 8)

sentido, que o armário enquanto regulador de práticas discursivas vinculadas, principalmente, à identidade homossexual pode ser analisado tendo em vista como estas entextualizações ocorrem e geram consequências e projeções sócio-políticas principalmente num plano metadiscursivo. É claro que, como asseveram Silverstein e Urban:

Nós não estamos, certamente, preparados para afirmar que toda política acontece em um plano metadiscursivo, envolvendo disputas sobre a descrição e regulação de práticas discursivas. Ao mesmo tempo, a aceitação de metadiscursos por uma comunidade é sempre potencialmente politicamente significativa. [...] A disputa metadiscursiva é importante não apenas nas margens contestadas das práticas discursivas de uma comunidade, mas obviamente também no próprio centro das categorias sociais organizadoras de uma comunidade e de suas relações, incluindo hierarquias políticas. [...] Processos de entextualização envolvem, limitadas por papéis e gêneros, a criação de identidades, frequentemente projetadas através de sítios interacionais, durante todo o tempo projetados a partir de algum(ns) momento(s) culminante(s). Mas tal leitura projetiva é, de fato, em si metadiscursiva, a qual foi previamente aceita (ou que são potencialmente constituíveis) por meio da ação social de entextualização/co(n)textualização (SILVERSTEIN; URBAN, 1996, p. 12)²⁴.

Os processos de entextualização, portanto, projetam e auxiliam na organização de categorias sociais e de suas relações, bem como em suas práticas, tendo uma dimensão política importante, em seu sentido vinculado aos micropoderes e às ações entextualizadas rotineiramente que constituem e performam práticas. Isto leva a pensar de que maneira o armário tem se construído nestas **práticas de entextualização**, tendo em vista dimensões semióticas diversas e a mobilizações discursivo-ideológicas, e como isso tem sido sedimentado e construído sócio-historicamente em diversas escalas (BLOMMART, 2006; 2010) ou ordens de indexicalidade (BLOMMAERT, 2006; SILVERSTEIN 2003). Sem dúvidas analisar aspectos metapragmáticos por meio do fenômeno da indexicalidade é um ponto essencial:

²⁴ We are, of course, not prepared to assert that all politics takes place at the metadiscursive plane, involving struggles over the description and regulation of discursive practices. At the same time, acceptance of a metadiscourse by a community is always potentially politically significant. [...] metadiscursive struggle is important not only at the contested margins of a community's discursive practices, but obviously as well at the very center of a community's organizing social categories and their relationships, including political hierarchies. [...] entextualization processes involve the role-bound and genre-bound creation of identities, frequently projected across interactional sites, all the while projected from some culminating moment(s). But such projective reading is, of course, itself metadiscursive which have been previously accepted (or which are potentially constitutable) through the social action of entextualization/co(n)textualization. (SILVERSTEIN; URBAN, 1996, p. 12)

Outro aspecto relevante a mencionar é que, nesta viagem de textos, a indexicalidade é central (BLOMMAERT, 2006), pois tais textos, pelos índices linguísticos (SILVERSTEIN, 2003), também apontam para valores que permeia sociedade, ou seja, precipitam sentidos do contexto translocal nos Discursos locais. É por meio do fenômeno da indexicalidade (OCHS, 1992; BLOMMAERT, 2006, 2010; ROCHA, 2013), que os valores, as normas, os Discursos e as ideologias são impulsionados em uma perspectiva translocal, mostrando-nos, assim, que sentidos do mundo impessoal podem ser mobilizados em nível pessoal ou em escala local por atores variados. (MELO; MOITA LOPES, 2015, p. 61)

Por estes fatores, o funcionamento deste regime de controle de sexualidade conhecido como armário pode ser interpretado a partir destes pressupostos, pois ele é baseado e reatualizado a partir de práticas de entextualização indexicalizadas nas interações que seguem regulações bastante específicas a priori – por serem relações baseadas no sigilo e que buscam envolvimento basicamente sexual, por exemplo – e se pautam em **processos semióticos** – de reconhecimento social – que utilizam processos pragmáticos e metapragmáticos para regular estas interações e produzir diferenças e relações hierarquizadas, projetando e modelando identidades e papéis sociais. Por isso, “tal sistema de reconhecimento [...] é, em grande parte, produzido e sustentado na/pela linguagem que constitui um dos elementos chave para o reconhecimento social e cultural”. (BORBA, 2014a, p. 467)

Tendo em vista as relações esboçadas até aqui entre **metapragmática, indexicalidade, ideologia e identidade**, as discussões feitas por Bucholtz e Hall (2004), em seu texto *Language and Identity*, sobre **processos semióticos de identificação**, são uma boa forma de refletir como tais elementos compõem a identidade. Os processos discutidos pelas autoras são: prática, indexicalidade, ideologia e performance. Elas apontam como tais processos são produtivos para o estudo da relação entre linguagem e identidade. Para Bucholtz e Hall (2004), a **prática** refere-se à atividade social habitual, a série de ações que constituem nossas vidas diárias, tendo em vista que nossas identidades se formam também por meio da sedimentação de ações habituais. Assim, a prática é instrumental para o segundo processo, a **indexicalidade**, já discutida acima. É por meio de uma cadeia de associações semióticas indexicalizadas que estruturas linguísticas se tornam associadas com categorias sociais, muitas vezes, não diretamente, mas de maneira indireta. Segundo as pesquisadoras, seguindo Irvine e Gal (2000), as ideologias linguísticas são instanciadas por processos semióticos tais como **apagamento, iconização e recursividade**

fractal, sendo que a iconização é também um processo de essencialização, isto é, “a criação de uma conexão naturalizada entre o linguístico e o social que vem a ser visto ainda mais inevitável que as associações geradas por meio da indexicalidade” (BUCHOLTZ; HALL, 2004, p. 380)²⁵. Desta forma,

Iconização e indexicalidade são processos inversos de formação identitária: indexicalidade produz ideologia através da prática, enquanto iconização representa a prática por meio da ideologia. No primeiro caso, ideologias de identidades culturalmente inteligíveis emergem da prática habitual de atores sociais. No segundo, a prática real pode ser retirada de práticas imaginadas que ideologia constrói com base em semelhanças metafóricas percebidas ou literalizadas entre linguagem e organização social. Em ambas as situações, ideologia se mantém nas sombras. De fato, estes processos não podem operar com êxito se sua base ideológica é exposta (BUCHOLTZ; HALL, 2004, p. 380).²⁶

Por fim, Bucholtz e Hall (2004) discutem como a noção de performance foi ampliada, a partir da noção de exibição social altamente deliberada e autoconsciente, tendo em vista a noção de performatividade de gênero de Judith Butler (1990), isto é, como gênero é realizado da mesma forma que atos de fala performativos: através de sua própria invocação sob condições felizes. Desta maneira, segundo as autoras, **performance** não apenas se refere ao mundo, mas o cria e frequentemente envolve estilização, o destaque ou exagero de associações ideológicas.

Ainda neste texto, elas propõem o conceito de identidade como “o resultado de semióticas culturais que são realizadas por meio da produção de relações sociopolíticas contextualmente relevantes de similaridade e diferença, autenticidade e inautenticidade e legitimidade e ilegitimidade” (BUCHOLTZ; HALL, 2004, p. 382). Tais relações são desenvolvidas de maneira mais pormenorizada em outro trabalho das pesquisadoras (BUCHOLTZ; HALL, 2005) com a proposição de cinco princípios para análise de identidade como constitutiva da interação.

²⁵ The creation of a naturalized link between the linguistic and the social that comes to be viewed as even more inevitable than the associations generated through indexicality. (BUCHOLTZ; HALL, 2004, p. 380)

²⁶ Iconization and indexicality are converse processes of identity formation: indexicality produces ideology through practice, while iconization represents practice through ideology. In the first instance, ideologies of culturally intelligible identities emerge from social actors' habitual practice; in the second instance, actual practice may be far removed from the imagined practices that ideology constructs on the basis of perceived and literalized metaphorical resemblance between language and social organization. In both situations, however, ideology remains in the shadows. In fact, these processes cannot operate successfully if their ideological foundation is exposed. (BUCHOLTZ; HALL, 2004, p. 380)

O primeiro princípio – **Emergência** - é o de que “identidade é mais bem vista como produto emergente do que a fonte pré-existente de práticas linguísticas e outras práticas semióticas e, portanto, como fundamentalmente um fenômeno social e cultural” (BULCHOLTZ; HALL, 2005, p. 588)²⁷. Esta visão nos permite ver identidade não somente como um mecanismo psicológico de autodeclaração que seria o reflexo de comportamento social, mas sim como constituída por meio de ação social e, especialmente, linguagem, sendo então produzida discursivamente até nas situações mais mundanas e banais. Este princípio se contrapõe a uma tendência nos estudos sobre armário revisados no capítulo anterior uma vez que colocam, por exemplo, processos de construção ou formação identitária como anteriores à interação ou às práticas que estão muitas vezes sendo analisadas, tal qual acontece em Freire (2015). Outro problema, ligado a esse, é que esses estudos também tendem a entender o armário como pré-discursivo, o que não ocorre de fato. Assim, não somente a identidade, mas também o armário são emergentes na interação.

O segundo princípio – **Posicionalidade** - é o de que “identidades abarcam (a) categorias demográficas de macro-nível; (b) posições culturais, locais e etnograficamente específicas; e (c) posturas temporárias e interacionalmente específicas e papéis participantes” (BULCHOLTZ; HALL, 2005, p. 592)²⁸. Neste sentido, as pesquisadoras apontam que posições e papéis temporários contribuem para a formação de subjetividade e intersubjetividade no discurso não menos que categorias identitárias sociológicas mais amplas que são frequentemente menos eficientes em capturar os tipos mais nuançados e flexíveis de relações identitárias que surgem em contextos locais. Assim, pode-se dizer que o uso e as vinculações com armário podem variar por questões de posicionalidade e em interações específicas.

A **Indexicalidade** é colocada como o terceiro princípio, o qual considera que:

Relações entre identidades emergem na interação por meio de vários processos indexicais relacionados, incluindo: (a) menção explícita a categorias identitárias e rótulos; (b) implicaturas e pressuposições referentes a posições identitárias de si e do outro; (c) orientações epistêmicas e avaliativas exibidas durante o progresso da conversa, bem como posições interacionais e papéis participantes; e

²⁷ Identity is best viewed as the emergent product rather than the pre-existing source of linguistic and other semiotic practices and therefore as fundamentally a social and cultural phenomenon. (BUCHOLTZ; HALL, 2005, p. 588)

²⁸ Identities encompass (a) macro-level demographic categories; (b) local, ethnographically specific cultural positions; and (c) temporary and interactionally specific stances and participant roles. (BUCHOLTZ; HALL, 2005, p. 592)

(d) o uso de estruturas e sistemas linguísticos que são ideologicamente associados com pessoas específicas ou grupos (BULCHOLTZ; HALL, 2005, p. 592).²⁹

Como exposto acima, indexicalidade trata da criação de links semióticos entre formas linguísticas e significação social. Este processo, que ocorre em todos os níveis de estrutura e uso linguístico, segundo as autoras, depende enormemente de estruturas ideológicas, pois associações entre linguagem e identidade são enraizadas em valores e crenças culturais sobre os tipos de falantes que podem ou devem produzir determinados tipos de linguagem. O excerto acima reitera como o funcionamento metapragmático da linguagem, que se dá em grande parte de modo indexical, é de fundamental importância para os processos semióticos, isto é, para os processos de significação e como contribuem para se entender os processos de formação identitária e suas posições. O excerto corrobora ainda as noções já discutidas acima de função e discurso metapragmático e como ambos se estruturam de modo amplo e em todos os níveis linguísticos, pois os “processos indexicais díspares de rotulação, implicatura, tomada de posição, marcação de estilo e escolhas de código trabalham para construir identidades, tanto macro quanto micro, bem como aquelas em seu entremeio” (BULCHOLTZ; HALL, 2005, p. 598)³⁰.

O quarto princípio – **Relacionalidade** – discute como “identidades são construídas intersubjetivamente através de relações diversas e complementares, frequentemente sobrepostas, incluindo similaridade/diferença, genuinidade/artificialidade e autoridade/deslegitimação” (BULCHOLTZ; HALL, 2005, p. 598)³¹. Bucholtz e Hall (2004; 2005) chamaram estas relações de táticas de intersubjetividade (*tactics of intersubjectivity*), baseando-se em Certeau (1998), e propuseram que elas não são mutuamente excludentes, tendo em vista que são processos relacionais. A referência e inspiração em Certeau segue uma linha muito semelhante adotada nesta pesquisa a de que

²⁹ Identity relations emerge in interaction through several related indexical processes, including: (a) overt mention of identity categories and labels; (b) implicatures and presuppositions regarding one’s own or others’ identity position; (c) displayed evaluative and epistemic orientations to ongoing talk, as well as interactional footings and participant roles; and (d) the use of linguistic structures and systems that are ideologically associated with specific personas and groups. (BUCHOLTZ; HALL, 2005, p. 594)

³⁰ Disparate indexical processes of labeling, implicature, stance taking, style marking, and code choice work to construct identities, both micro and macro, as well as those somewhere in between. (BUCHOLTZ; HALL, 2005, p. 598)

³¹ Identities are intersubjectively constructed through several, often overlapping, complementary relations, including similarity/difference, genuineness/artifice, and authority/delegitimacy. (BUCHOLTZ; HALL, 2005, p. 598)

as sutilidades das construções e performances identitárias estão nas interações quotidianas e são em grande dimensão linguísticas.

As duas primeiras táticas são adequação e distinção. A adequação tem a ver com o fato de grupos ou indivíduos serem vistos como semelhantes, isto é, serem entendidos como suficientemente similares. A distinção por outro lado foca na relação de diferenciação, sendo que a adequação depende da supressão de diferenças sociais, enquanto a distinção se ancora na marcação das diferenças e na supressão de similaridades. As duas táticas de intersubjetividade seguintes apontadas pelas pesquisadoras são autenticação e desnaturalização. Ambas têm a ver com **autenticidade**, porém, enquanto a autenticação é um processo social que busca dar autenticidade, muitas vezes por meio de tradicionalização, se valendo frequentemente de laços históricos, a desnaturalização subverte isso. Por fim, há as táticas de autorização e ilegitimação, que são eminentemente institucionais e estruturais. Assim, segundo Bulcholtz e Hall (2005), a **autorização** afirma ou impõe certas identidades por meio de estruturas institucionalizadas de poder e ideologia e, por outro lado, a ilegitimação trata de como identidades são rejeitadas, censuradas ou ignoradas pelas mesmas estruturas.

Estas táticas são de extrema utilidade para se pensar como o armário é/se tornou parte tão importante da formação da identidade gay, pois, por exemplo, os mecanismos de ilegitimação são altamente impactantes para relegar ao privado qualquer tipo de relação vinculada à homossexualidade, o que ocorre também por meio de uma autenticação destas identidades e práticas como não públicas e uma desnaturalização de pessoas com desejo que não são autenticados por ideologias e práticas dominantes.

Finalmente, abordando a relação entre estrutura e agência, o quinto princípio – **Parcialidade** – dispõe que:

Qualquer dada construção de identidade pode ser em parte deliberada e intencional, em parte habitual e, por isso, frequentemente menos que plenamente consciente, em parte o desfecho de negociações e contestações interacionais, em parte o resultado das percepções e representações de outros e em parte um efeito de processos ideológicos mais amplos e de estruturas materiais que podem se tornar relevante para a interação. Ela está, portanto, se alterando constantemente tanto enquanto a interação se desdobra quanto através de contextos discursivos (BULCHOLTZ; HALL, 2005, p. 598)³².

³² Any given construction of identity may be in part deliberate and intentional, in part habitual and hence often less than fully conscious, in part an outcome of interactional negotiation and contestation, in part an

Neste princípio, Bucholtz e Hall (2005) propõem que o grau de autonomia ou intencionalidade de qualquer ato é mais produtivamente visto como uma realização de ação social. Desta forma, ao ver a relação entre agência e estrutura não como dicotômica, mas como interacional, pode-se dizer que ambas estão interligadas como componentes de micro e de macro articulações de identidade. Nesse sentido é interessante refletir sobre as relações entre estrutura e agência com relação ao armário, pois, por exemplo, a saída do armário pode ser considerada uma forma de agência e normalmente é gerada por certa intencionalidade individual, o que, no entanto, não impede que também seja um processo de “agência coletiva” que se dá a partir de uma forma de se estruturar a identidade gay que se baseia em determinadas formas de subjetivação que estruturam, orientam e avaliam seu uso.

Nesse sentido, como é possível inferir das discussões feitas até aqui, somos sujeitos de linguagem, a qual atua de diversas formas e a partir de diversas ordens de fenômenos linguísticos. Como assevera Povinelli (2016), “as diferentes ordens de fenômenos linguísticos devem transmitir na forma de sinal, na função, a capacidade ou a condição de ser o meio comunicativo de uma forma particular de ser, o ser humano que se torna um sujeito falante” (POVINELLI, 2016, p. 226). Desta forma, a noção de “pragmáticas íntimas” de Povinelli (2016) se faz interessante para pensar as relações entre metapragmática, identidade e **processos de subjetivação** pelos quais os indivíduos passam. Para Povinelli, “pragmática íntima da pessoa [são] suas primeiras e subsequentes perturbações e gramaticalizações das normas sociais da linguagem” (POVINELLI, 2016, p. 226), isto é:

A pragmática íntima de uma pessoa incluiria as delicadas estruturas específicas de uma pragmática, tais como a aprendizagem da maneira apropriada e inapropriada de classificar os gêneros, de se referir a eles e de identificá-los; ela incluiria os traços fonológicos ínfimos do registro social que desenha o espaço social no ato de fala. Mas ela compreenderia também os espectros fragmentários de inumeráveis encontros microdiscursivos e corporais, meios-tópicos e traços da memória, esperanças não linguísticas, aspirações, desapontamentos, superfícies corporais e contornos que impregnam os traços fonológicos, as escolhas lexicais, os truques sintáticos (POVINELLI, 2016, p. 226).

O armário, assim, participaria da **estruturação subjetivante** das pragmáticas íntimas de pessoas gays impactando seus usos linguísticos, suas performances e

outcome of others’ perceptions and representations, and in part an effect of larger ideological processes and material structures that may become relevant to interaction. It is therefore constantly shifting both as interaction unfolds and across discourse contexts. (BUCHOLTZ; HALL, 2005, p. 598)

construções identitárias, bem como suas resistências a imposições ou regulações (BUTLER, 2014). Desta maneira, o uso linguístico pode também ser visto como uma técnica simbólica estratégica para a luta social. Luta na qual

Os discursos e as funções pragmáticas e metapragmáticas fornecem à linguagem meios sutis e vigorosos para assegurar a “fixação” dos textos denotativos aos corpos, aos contextos, às instituições e aos psiquismos. E os corpos, os contextos e os espaços concretos fornecem superfícies, densidades, plasticidades, massas, vazios e solidez com as quais a linguagem está lutando (POVINELLI, 2016, p. 226).

Compreendemos, então, que em cada percurso há um novo texto, múltiplas entextualizações são possíveis e novos valores são precipitados por sujeitos sociais, cujos repertórios diversos dependerão de suas histórias de vida.

3 METODOLOGIA

3.1 A abordagem etnográfica digital e a escolha do canal

Entendendo pesquisa nos termos em que a define Minayo (2006, p. 47), “como a atividade básica das Ciências na sua indagação e construção da realidade”, procuramos um tema, o dispositivo de controle de sexualidade conhecido como armário, e delimitamos um objeto capaz de contribuir para a reflexão sobre os caminhos desse tema nos estudos linguísticos: o funcionamento metapragmático do dispositivo conhecido como armário na internet/online. Para os propósitos deste estudo, optamos por uma abordagem no âmbito das metodologias qualitativas de pesquisa, uma vez que o método qualitativo, de acordo com Denzin e Lincoln (2006, p. 17),

é um campo interdisciplinar, transdisciplinar e, às vezes, contradisciplinar, que atravessa as humanidades, as ciências sociais e as ciências físicas. A pesquisa qualitativa é muitas coisas ao mesmo tempo. Tem um foco multiparadigmático. Seus participantes são suscetíveis ao valor da abordagem de múltiplos métodos, tendo um compromisso com a perspectiva naturalista e a compreensão interpretativa da experiência humana. Ao mesmo tempo, trata-se de um campo inerentemente político e influenciado por múltiplas posturas éticas e políticas.

Como apontam vários artigos (NOVELI, 2010; AMARAL, 2010), a etnografia na internet ou no ciberespaço tem se desenvolvido sob diferentes nomenclaturas: webnografia, netnografia (AMARAL, 2010), ciberantropologia, etnografia virtual (HINE, 2000) etnografia digital (VARIS, 2014). Por se tratar de uma pesquisa que se dará num ambiente virtual, optamos por fazer uma abordagem etnográfica digital como proposta em Varis (2014), a qual vê este tipo de abordagem como impossível de ser conduzida se não há uma relação entre micro e macro contextos. Como ela mesma aponta, as pesquisas atuais têm focado mais em formar imagens mais acuradas de repertórios. Contextos sociolinguísticos e dados digitais são uma parte orgânica disso em vez de um fim em si mesmo, sendo que a internet não pode ser concebida como uma esfera da vida que não tem conexões com o mundo fora dela (VARIS, 2014). Deste modo:

Com etnografia, os tipos de macro-contextos mais amplos discutidos aqui se tornam parte da investigação; enquanto é o nível micro que frequentemente ganha mais atenção das interrogações linguísticas e discursivas, etnografia digital mantém que o nível micro somente faz sentido quando visto dentro do nível macro. Tais contextos devem ser interrogados e em estudos futuros abordando conjuntos de dados mais complexos (ambos online e offline)

provavelmente aparecerá: que seria justificável considerar o modo como online e offline em muitos casos são inseparáveis (VARIS, 2014, p. 9)³³.

Esta abordagem é essencial para se evitar a reificação do objeto de pesquisa e conseguir um foco mais processual, pois para se entender o funcionamento metapragmático há de se pensar que são os processos que geram fenômenos que observamos (MILLER; SLATER, 2004). Tal olhar auxilia a perceber o “relacionamento complexo e nuançado entre os mundos online e off-line que produz as estruturas normativas desses dois mundos” (MILLER; SLATER, 2004, p. 47).

Este ambiente online tão diverso (blogs, mídias sociais, sites, chats etc.), móvel e interconectado, exige que a abordagem etnográfica privilegie um olhar “de perto e de dentro”, no qual se observem e, espera-se, compreendam as regularidades (meta) pragmáticas e socioculturais produzidas por uma teia de sentidos compartilhada neste dispositivo de controle de sexualidade, o armário. Assim, da mesma forma que Briggs (2007, p. 333), mas focando na relação entre armário e recursos metapragmáticos, essa pesquisa

Irá também se basear em pesquisas da antropologia da mídia e o modo que ela tem explorado, por meio de etnografias de produção midiática, circulação, recepção e tecnologias, a importância da mídia para relações sociais e conceitos de identidade, linguagem, consumo, gênero, nacionalismo, classe, sexualidade e idade (BRIGGS, 2007, p. 333).³⁴

A referência teórico-metodológica de uma abordagem etnográfica digital serviu, portanto, como eixo orientador não só da pesquisa de campo, como também da forma pela qual os dados serão interpretados e apresentados. Segundo Marcus (1995), o pesquisador deve seguir as cadeias, trajetórias e fios que fazem parte de um fenômeno específico, neste caso o funcionamento metapragmático do dispositivo conhecido como armário na internet, e tratar de fazer conjunções ou justaposições de situações e estabelecer uma conexão ou associação entre elas. Essa metodologia introduz uma inovação na pesquisa online, na medida em que o objeto de estudo está no ambiente online em si, tendo como foco o dia-a-

³³ With ethnography, the kinds of broader macro-contexts discussed here become part of the investigation; while it is the micro-level that often gains most of the attention from linguistic and discursive interrogations, digital ethnography maintains that the micro-level only makes sense when seen within the macro-level. Such contexts should be interrogated, and in the future studies addressing more complex data sets (both online and offline) will probably appear: that would be justifiable considering the way in which online and offline are in many cases inseparable (VARIS, 2014, p. 9).

³⁴ [It] will also build on research on the anthropology of media and the way it has explored, through ethnographies of media production, circulation, reception, and technologies, the importance of media to social relations and concepts of identity, language, consumption, gender, nationalism, class, sexuality, and age (BRIGGS, 2007, p. 333).

dia das pessoas na internet, o uso que fazem do meio e como se relacionam com esse mundo virtual.

Mesmo o ambiente de pesquisa sendo primeiramente online, isto não significa que todos os locais precisem ser tratados com o mesmo conjunto de práticas de trabalho de campo, sendo investigados na mesma intensidade, pois a abordagem etnográfica é inevitavelmente o produto de bases de conhecimento de várias intensidades e qualidades. De todo modo, as práticas e discursos multimodais e multisemióticos estão cada vez adquirindo mais importância e como apontam Leppänen e Kytölä (2017, p. 158) “as noções de ressemiotização e entextualização são meios úteis para modelar as interconexões complexas entre várias camadas de elementos a comunicação digital contemporânea”. Para eles, estas duas noções são cruciais para investigações de discursos de mídias sociais, pois eles auxiliam na compreensão de como são multiplicadas a circulação e apropriação de discurso nestes ambientes.

Assim, para entender melhor este ambiente e saber como tratar cada ambiente, procedi a uma identificação, observação e escolha dos ambientes virtuais durante os meses de agosto a outubro de 2015, para somente depois decidir qual ambiente seria pesquisado. A priori, os ambientes observados foram blogs, vlogs/canais do YouTube e sites gays que têm a temática voltada para o “armário”, bem como sites e aplicativos móveis de relacionamento gay. A observação destes ambientes revelou que há grandes diferenças não somente contextuais dos próprios suportes midiáticos e seus recursos semióticos, mas em como o armário é usado e em como suas metapragmáticas se dão e que, por conseguinte, os campos semânticos e metasemânticos que embasam associações com o armário giram em torno do não assumir-se.

Há blogs em que pessoas descrevem/comentam/avaliam suas vidas no armário e/ou seu processo de se assumir e como este dispositivo afeta suas vidas. O uso (reflexivo) do armário e suas motivações/implicações em sites e aplicativos móveis já têm sido estudados em algumas áreas, principalmente sociologia e comunicação, como discutidas no capítulo 1. Tais usos, bem como suas metapragmáticas, como corroborado nas observações, giram muito em torno de fazer com que as interações se mantenham em sigilo ou que haja discrição, isto é, seu uso e metapragmáticas, no geral, centram-se numa relação muito forte ainda com não ser assumido.

Com relação aos vlogs/canais do YouTube, foi possível perceber que há uma quantidade relevante de canais pessoais, normalmente individuais, nos quais pessoas que se autodeclararam gays, isto é, assumidas, comentam/discutem suas vidas e/ou assuntos variados, incluindo, por vezes, questões vinculadas ao armário gay. É extremamente comum, por exemplo, que estes canais pessoais tenham pelo menos um vídeo abordando como foi processo de se assumir, o qual é muitas vezes reduzido a contar para os pais e/ou família. Há também alguns canais voltados para o público gay que são menos pessoais no sentido de trazerem entrevistas ou convidados sempre, como é o caso do *Canal das Bee* e *Chá dos 5*. Tais tipo de canais se mostraram bastante produtivos para uma discussão sobre metapragmáticas do armário gay por, além de trazerem reflexões sobre o assunto abertamente, trazerem muitas vezes perspectivas mais amplas e variadas do que os ambientes discutidos anteriormente e por terem mais impacto social por serem bastante populares no meio LGBTT. Esta percepção está em consonância com o que afirmam Leppänen e Kytölä (2017, p. 159) ao dizerem que “as práticas digitais são frequentemente geradas em direção da criação, apropriação, compartilhamento e avaliação de cultura” ou práticas e produtos culturais, sendo que, no caso desta pesquisa, isso ocorre com relação às metapragmáticas do armário analisadas adiante.

Seguindo essa primeira fase exploratória do campo, o ambiente escolhido para a pesquisa foi o YouTube. Decidi então tomar como recorte apenas um canal do YouTube, o *Põe na Roda*, que será discutido de maneira mais detalhada adiante. Este canal foi escolhido justamente por sua postura em relação ao armário e por seu alcance na comunidade gay. O canal, abertamente voltado para o público gay, traz conteúdos audiovisuais em diversos gêneros discursivos (sketches, entrevistas, reportagens etc.). A partir disso, foram assistidos todos os vídeos do canal até o fim de abril de 2016. Foram selecionados então todos os vídeos em que “armário gay” explicita ou implicitamente aparecesse desde o início do canal, que postou o primeiro vídeo em 15 de abril de 2014, até o vídeo postado em 24 de abril de 2016. No total são 57 vídeos com durações variadas, mas com duração média de 5 a 12 minutos.

O primeiro passo após esse recorte foi fazer uma descrição geral dos vídeos selecionados, como é possível ver na Tabela 1 (Apêndice A). O passo seguinte foi tentar compreender, a partir de uma abordagem etnográfica digital, não só o funcionamento do canal em relação ao público, mas as dinâmicas de seu suporte e de sua produção. Por fim, chegamos à parte de se entender/analisar como, de maneira situada, o armário é usado e

suas metapragmáticas, fazendo conexões com seu contexto mais imediato, a internet, e questões histórico-sociais e macrocontextuais a partir de um ponto de vista mais linguístico-discursivo que foca em elementos indexicais e metapragmáticos.

Vale destacar que “armário” é uma categoria teórico-analítica, conforme fundamentação teórica que adoto e compõe-se em um regime de verdades, mas também está nos dados, é usada no mundo. Seu uso e impacto nas pessoas no mundo é justamente um dos motivos para se estudar suas metapragmáticas, pois isso indica sua produtividade pragmática no mundo gay e, mais ainda, seus efeitos nos corpos e nas subjetividades, nas interações, nas relações intersubjetivas entre o eu e o outro.

Poderíamos ainda elaborar toda uma problematização em torno de seu caráter performativo durante o processo de construção de uma identidade sexual gay porque, por exemplo, tanto o estar e o sair do armário têm suas implicações no sentido de produzir regulamentações sobre seres viventes, exigindo que eles façam escolhas político-identitárias sobre a exposição de suas sexualidades ou sejam forçados a fazerem, num processo de *outing*³⁵, por exemplo. De todo modo, seu impacto, como já defendia Sedgwick na década de 1990, está diariamente em suas vidas e causa desdobramentos sociolinguísticos diversos diante de novas tecnologias, como muito bem é pontuado neste excerto:

Neste contexto discursivo, movediço e arenoso, deparamo-nos com a mobilidade de pessoas, o que resultaria na mobilidade de recursos (socio)linguísticos (BLOMMAERT; DONG, 2007). Segundo os autores, da possibilidade de contato eletrônico - e acrescentamos, com os percursos imprevisíveis que os textos percorrem na atualidade - podem emergir novas formas de inovação da linguagem e de prestígio linguístico. Com base em tais estudiosos, é possível dizer que os repertórios linguísticos são menos previsíveis e significativamente mais complexos. Desse modo, se de um lado a linguagem ou tais repertórios ancoram os sujeitos sociais a contextos locais e/ou específicos, por outro lado eles também nos conectam aos contextos translocais. Ademais, a linguagem ainda se move juntamente com os atores pelo tempo e espaço, transformando-se também em uma ferramenta para a mobilidade (MELO; MOITA LOPES, 2015, p. 75)

É exatamente por estes motivos que os ambientes online devem ser pesquisados. Da mesma forma, o armário auxilia a entender a ancoragem desses processos. Devendo, assim, ser pesquisado como ele está no mundo e que relações ele indicia nos contextos

³⁵ Ato de retirar alguém do armário sem seu consentimento.

discursivos e de interação possibilitados pela internet. Ademais, como em diversas outras atividades além das mídias sociais, é importante “a identificação de nexos significantes de práticas e lugares de engajamento (Scollon & Scollon, 2004) em que práticas e estilos multilíngues e multiseimióticos emergem, obtém sucesso, circulam, são transformados e possivelmente descartados” (LEPPÄNEN; KYTÖLÄ, 2017, p. 167)

3.2 A plataforma YouTube e o canal *Põe na Roda*

O YouTube foi lançado em 14 de fevereiro de 2005 e é uma plataforma que permite aos seus usuários carregarem, assistirem e compartilharem vídeos. De acordo com Kintschner (2014), o YouTube foi fundado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim e a plataforma é a mais popular do tipo e os tipos de vídeos que podem ser encontrados nela variam enormemente. Para se carregar um vídeo, é necessário que o usuário possua uma conta e crie um canal. Os canais são como perfis em que ficam hospedados os vídeos. Desta forma, o YouTube é uma plataforma digital de hospedagem de vídeos que funciona a partir de canais. Os usuários do site podem se inscrever em canais e avaliar e comentar os vídeos tanto positiva quanto negativamente, além de poderem criar *playlists* públicas ou privadas.

Como se pode notar usando a plataforma, uma de suas características mais fortes é o controle de ações disponibilizado. Tal característica é uma das formas de atrair investimentos, por meio basicamente de propagandas, e gerar lucro. Atualmente, este é um dos benefícios oferecidos e que atraem os *YouTubers*. A plataforma contabiliza o número de inscritos em cada canal, as visualizações dos vídeos, as curtidas (avaliação positiva) e as descurtidas (avaliação negativa). Fazem mais sucesso os canais com mais inscritos e com mais visualizações.

Inicialmente, a plataforma trabalhava somente com a hospedagem de vídeos e sua manutenção, mas, devido à sua crescente popularidade, ela tomou novos contornos, tal como a contratação e pagamento de usuários para produção de conteúdo, os *YouTubers*. Anteriormente, os hoje conhecidos como *YouTubers* eram conhecidos como *vloggers*, usuários que produziam vídeos e postavam em seus canais. Eles eram uma variação dos já conhecidos *bloggers*. De modo semelhante aos blogs, os vídeos ou *vlogs* produzidos eram geralmente dos próprios usuários em frente à câmera relatando, comentando seu dia-a-dia

ou discutindo temáticas de seu interesse, tais como jogos virtuais, gosto musical etc. Estes *vloggers* começaram a se destacar e ganhar popularidade na internet contribuindo ainda mais para a popularização da plataforma, que, por sua vez, começou a pagá-los para/pela produção de conteúdo.

É neste contexto já bem estabelecido que surge o canal *Põe na Roda*. Seu primeiro vídeo, “ÁGUA (CHUCA CONSCIENTE)”, foi publicado em 22 de abril de 2014. Inicialmente, o canal tinha a intenção de ser um canal de humor voltado para público gay. Os criadores do canal foram o roteirista Pedro HMC, o jornalista e fundador do portal gay SuperPride, Nelson Sheep, e o fotógrafo Felipe Abbe. O canal se tornou rapidamente popular principalmente por causa do sucesso de seu segundo vídeo, “NÃO É POR EU SER GAY QUE EU...” (2014), que trata da diversidade de ser gay e que foi bastante compartilhado nas redes sociais, isto é, viralizou. Em 23 de setembro de 2016, o vídeo tinha sido visualizado no YouTube por 1.849.350 acessos e em 18 de janeiro de 2017, mais de 2.044.393. A partir desse segundo vídeo, de 22 de abril de 2014, o canal começou a postar vídeos semanais e se tornou um canal popular no meio LGBTT, principalmente no meio gay.

Segundo seu criador principal, Pedro HMC (24 PERGUNTAS PARA: PEDRO HMC, 2015), um dos principais motivos para a criação do canal foi a falta de opções que tratassem deste tipo de temática de maneira mais leve e a falta de representatividade gay³⁶ nas mídias em geral e principalmente no YouTube. E, ainda segundo ele, talvez por esse motivo o canal tenha tido a repercussão que teve no mundo virtual. Há outros canais com formatos semelhantes, que também tiveram início em épocas semelhantes e que são voltados para o público gay e/ou LGBTT, como são os casos do Chá dos 5 e do Canal das Bee, os quais, respectivamente, se centra em entrevistas ou mantém características mais convencionais vinculadas aos *vlogs*. Por outro lado, os gêneros produzidos pelo *Põe na Roda* são mais variados, o que amplia as possibilidades de análise metapragmática mais do que um gênero único possibilitaria.

³⁶ Mesmo no canal *Põe na Roda*, a representatividade é muito limitada, afinal seus apresentadores são brancos, de classe média, "discretos" no sentido de que não são fogem a uma aparência "normal", por exemplo, não há uma feminilidade extravagante demais ou "queer demais" etc. Felizmente, hoje em dia há uma profusão de outros canais voltados à comunidade LGBTIQ que apresentam outras intersecções.

Os tipos de vídeos postados pelo canal variam, mas centram-se, no geral, em elementos humorísticos, sendo os gêneros mais adotados o sketch, as paródias, entrevistas e reportagens. Inicialmente as temáticas revolveram-se em torno do mundo gay unicamente, mas diante de críticas recebidas (24 PERGUNTAS PARA: PEDRO HMC, 2015), que consideravam o canal muito “GGG”, isto é, se concentrava em questões gays e apagava outras identidades sexuais minoritárias, como as lésbicas, bissexuais e pessoas transexuais e transgêneros, o canal passou por uma ampliação temática e começou a abordar questões do universo LGBTT como um todo e a convidar pessoas que representassem outras identidades sexuais minoritárias, apesar de ainda predominar vídeos sobre o mundo gay e ainda haver um protagonismo branco e de classe média. Segundo um de seus criadores (24 PERGUNTAS PARA: PEDRO HMC, 2015), é a partir destas críticas e abertura temática que o canal passa a ter uma postura mais política/politizada e a produzir mais conteúdo reflexivo sobre identidades sexuais.

Segundo dados da própria plataforma YouTube, em 18 de janeiro de 2017, o canal contava com 531.770 inscritos e com 178 vídeos que já foram visualizados 65.093.853 vezes, sendo que os quatro vídeos mais famosos ultrapassam 1 milhão de visualizações no YouTube cada. Neste mesmo dia, o Facebook oficial do canal contava com 182.705 curtidas, o Instagram com 167 mil seguidores e o Twitter com 28,4 mil seguidores. Em suas redes sociais pessoais, Pedro HMC possui a seguinte quantidade de seguidores: YouTube: 7 mil; Facebook: 48 mil; Twitter: 38,6 mil; Instagram: 166 mil; e Nelson Sheep: YouTube: 9 mil; Facebook: 40 mil; Twitter: 23,2 mil; Instagram: 154 mil. Para além destas redes sociais, Nelson Sheep é editor chefe do site especializado em conteúdo LGBTT, principalmente gay, SuperPride, onde é possível notar uma ampla divulgação dos vídeos do canal.

Tendo em vista somente os números do canal no YouTube, não é possível dizer que estes números refletem a realidade em teia da circulação na Internet, onde, por exemplo, vídeos podem ser vistos e compartilhados no Facebook (o que se configura como uma forma de re-entextualização), mas não entram na contabilização de visualizações do YouTube, podem circular por outras mídias como o WhatsApp, Instagram, Tumblr etc. Assim, quanto mais conectividades, maior o impacto, pois há uma espécie de sociabilidade online que produz uma imensa densidade de diversas práticas de formas fáticas nas mídias sociais (VARIS; BLOMMAERT, 2015) que tornam possíveis fenômenos como memes e as diversas formas de textos virais. Esta potencialização da função fática nas mídias

sociais, isto é, de se comunicar e manter a comunicação (executado por meio de comentários, compartilhamentos etc.), é um elemento importante para a divulgação, popularização e, por conseguinte, para o impacto e circulação das informações online, bem como off-line.

O nome do canal, *Põe na Roda*, e seu slogan, “*Humor e informação fora do armário*”, são dois pontos que auxiliaram na escolha do canal para esta pesquisa, pois ambos já apresentam traços que podem ser considerados como metapragmáticos. O nome do canal significa de forma ambivalente, podendo ser tomado como expressão idiomática para o processo de colocar algo em discussão, deixando o tema discutido em evidência, visível, o que neste caso seria “assuntos do mundo gay”, e podendo ser como uma locução que tem conotação sexual relativo à penetração anal – algo que gera humor e é um dos elementos mobilizados pelo canal. Em consonância, seu slogan evidencia qual é a posição do canal em relação ao armário. Como ficará mais explícito mais a frente, isto reproduz certas hierarquias. Estar fora do armário é melhor, mais libertador e politicamente útil. Estar dentro do armário seria o oposto disso. Essas valorações são perigosas, pois esquecem que, situadamente, pode-se escolher ficar no armário, de forma estratégica, como proteção de um ambiente hostil.

Esta postura em relação à nomeação do canal e à criação de um slogan em que esta relação com armário aparece indica a importância destes elementos para a comunidade/identidade gay, tendo em vista que o processo de criação de uma marca não se dá de maneira aleatória. É, normalmente, uma construção que é considerada apelativa ao que seria considerado o público alvo ou, ainda, a possível audiência imaginada. Isto é, algo que seria de interesse comum ao público gay. Este é um ponto importante para mencionar sobre a plataforma e os *YouTubers*: O YouTube como local mediador de encontro de pares (identitários) e reflexividade sobre tais elementos identitários que ligam estes pares. Assim, o que ligaria estes pares seriam suas identidades sexuais. Saliento que isso não implica dizer todos que assistam tenham as mesmas identidades sexuais, mas há uma projeção de audiência que orienta a produção do canal para este público. De todo modo, neste contexto, a questão da demanda do público esperado é um ponto fundamental para os canais do YouTube. Isso ajuda a entender que tipo de vídeos se constrói para que sejam “consumidos” por aqueles que assistem vídeos nesta plataforma. Neste sentido, o canal *Põe na Roda* não trataria do assunto se ele não fosse tão importante e apelativo para a comunidade gay.

Ainda a partir do nome e do slogan, pode-se pressupor que os *YouTubers* do canal e normalmente seus convidados estejam fora do armário. Isso significa muitas vezes que a marca da heterossexualidade precisa ser visibilizada no canal, como no exemplo do vídeo: “HÉTÉROS RESPONDEM ft. Luba (Parte 1)”. Claro que isto ocorre por meio de uma superposição de camadas (*overlapping*) de significação, pois o impacto de aspectos contextuais mais amplos continua a delimitar a construção da inteligibilidade se contarmos escalas sociolinguísticas (BLOMMAERT, 2014) de ordem superior – no canal (escala local), não é preciso “dizer que é gay”, mas no YouTube em geral (escala de ordem imediatamente superior) é preciso afirmar a identidade LGBTT do canal.

Isto é, a visibilidade das categorias ‘gay’ e ‘heterossexual’ funciona neste ambiente de uma maneira específica e distinta da maior parte dos ambientes sociais, para qual o armário cumpre uma função metapragmática. Mas ainda assim as metapragmáticas já sedimentadas sócio-historicamente (naturalizadas) de outros ambientes são elementos formativos e contextuais nas pressuposições e visibilizações sobre categorias sexuais presentes no canal. Este *overlapping* ocorre também a partir de marcas dos mundos gay e hétero que são entrecruzados nos vídeos para a produção de significação e diferenças identitárias. Essa reificação de categorias pode ser considerada uma função metapragmática do armário, pois ele sedimenta e só funciona a partir de dicotomias bem definidas, as quais, como veremos adiante, são reiteradas pelo canal.

Este ambiente propicia outras formas de processo de significação, tais como o uso de diversos recursos semióticos e também da construção elementos da identidade gay, como a relação com o armário. É neste sentido que esta análise pretende discutir como estes elementos se intersectam sociolinguisticamente, como o uso do armário é orientado, avaliado e construído em termos semióticos, mas principalmente linguísticos no canal. É isso que será discutido nas seções a seguir.

Cabe ressaltar ainda que estes processos e usos de recursos semióticos trazem a necessidade de uma análise multimodal. No entanto, a análise empreendida neste estudo usará de maneira tangencial este recurso teórico-analítico, principalmente por causa dos objetivos da pesquisa e as limitações do estudo.

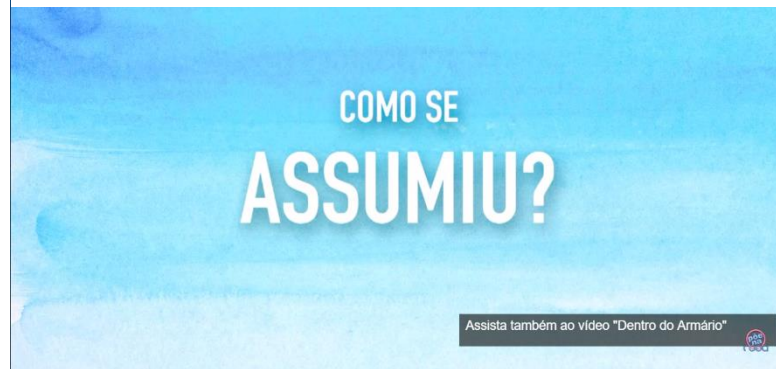
4 BOTANDO A CARA NO SOL: um canal do YouTube fora do armário

4.1 Sobre entextualizações, gêneros discursivo-textuais e humor

O fato de o campo de construção de material de análise ser um canal no YouTube tem vários meandros que precisam ser comentados. Primeiramente, o tipo-formato textual escolhido foi vídeo, o qual por si só é uma **categoria multimodal**, que envolve imagem, som e outras possibilidades de edição, por exemplo. Ademais, sua base também é multimodal e online, a qual possibilita formas de interação como comentários, avaliação dos vídeos, criação de *playlists*, compartilhamentos em outras mídias sociais, intertextualidade de diversos tipos, tais como links para outros vídeos, canais etc. Todos estes componentes impactam as trajetórias textuais do material, bem como os processos semióticos envolvidos.

Semelhantemente, o fato de a análise ser focada nos vídeos traz implicações para aquilo que Bauman e Briggs (1990) chamam de **co-textualização**. É inegável, pois, para o canal a importância dos co-textos e como eles interagem com a produção dos vídeos e dos conteúdos abordados pelo canal. Além de serem menos produzidos, os co-textos são mais imprevisíveis e/ou “espontâneos”, como é o caso dos comentários, os quais poderiam trazer mais complexidade para a análise, bem como expor contradições que são evitadas nos vídeos, como veremos mais à frente. Devido ao recorte, no entanto, decidimos nos ater aos vídeos basicamente, porém, uma análise destes níveis de multimodalidade na plataforma é um ponto importante para futuras pesquisas. Por exemplo, os comentários das pessoas que assistem aos vídeos, que muitas vezes (re)entextualizam discursos metapragmáticos dos vídeos, bem como os elementos semióticos que se apresentam simultaneamente, como outros vídeos do canal como sugestão.

Figura 1 - Momento do Vídeo "A vida fora do Armário" em que aparece uma sugestão de outro vídeo



Fonte: Print de tela do vídeo “A vida fora do armário” (2014) no YouTube, editada (2017).

Deste modo, o formato definido para análise, **vídeo**, deve ser pensado tendo em vista seu contexto imediato, suas características e seus objetivos. O vídeo enquanto **evento semiótico** pode ser considerado extremamente complexo, trazendo, neste canal, elementos de entextualização sobre o armário importantes para se compreender seu funcionamento/enquadre metapragmático e como **diversas articulações semióticas** (e não somente no sentido linguístico *strictu sensu*) ocorrem:

Como tem sido reconhecido, na medida que certos comportamentos não verbais que acompanham a fala determinam o modo pelo qual a totalidade do comportamento deve ser entendido *qua* evento semiótico, temos um enquadre metapragmático reflexivamente calibrado baseado na regimentação de privilégios do código não verbal com respeito ao verbal (SILVERSTEIN, 1993, p. 50)³⁷.

Assim, quando se pensa sobre em funcionamento ou enquadre metapragmático do armário nestes vídeos, é necessário considerar a totalidade do evento semiótico, incluindo não somente aspectos verbais, mas outros processos semióticos que integram seu funcionamento. Ainda, a política da entextualização dos vídeos do canal segue coerências vinculadas às formas de entextualizar dos canais no Youtube em geral, como as formas de se produzir vídeos de humor na plataforma. No entanto, os processos de entextualização podem ser tomados neste caso específico como políticos no canal por serem estratégicos

³⁷ As has been long recognized, insofar as certain nonverbal behaviors that accompany articulate speech determine the way the totality of communicative behavior is to be understood *qua* semiotic event, we have a reflexively calibrated metapragmatic framework based on regimenting privileges of the nonverbal code with respect to the verbal one. (SILVERSTEIN, 1993, p. 50)

para um dos objetivos do canal, que é o de suavizar e simplificar assuntos considerados tabus de forma informativa. O principal exemplo é a forma que é tratada a saída do armário em vários vídeos, de maneira humorística e “leve”.

Os vídeos do canal podem ser considerados uma construção textual-discursiva mais protegida principalmente por suas edições, isto é, é possível controlar várias nuances e interfaces daquilo que será comunicado, do conteúdo que será liberado no canal, o que, como veremos mais adiante, ajuda a manter um determinado tipo de coerência proposta pelo canal com relação às metapragmáticas do armário. Não obstante, esta proteção não garante que o canal, e particularmente seus vídeos, não sofram intervenções ou não interajam com seus co-textos. Como já mencionado, por exemplo, o fato da pressão em vários níveis de co(n)texto, fez com que o canal adotasse novos temas que são considerados de outras partes da comunidade LGBTT e, por conseguinte, efetuasse mudanças políticas em sua forma de lidar com o público.

Quanto aos gêneros textuais que aparecem nos vídeos, o canal apresenta diferentes formas de entextualizar o seu conteúdo, isto é, diferentes quadros, mas sempre envolvendo humor. É importante notar que a **função do humor**, basilar para a proposta do canal, perpassa vários aspectos importantes tanto para seu sucesso, quanto para as discussões sobre homossexualidade empreendidas pelo canal e pelo seu uso do armário, como é ratificado pelo próprio criador do canal em alguns dos vídeos. Predominantemente, o humor, neste contexto, adquire função metapragmática de tornar mais leve um assunto considerado por muitos como tabu e entextualizá-lo de modo a fazer com que ele se torne não somente mais “comum”, mas menos secreto, menos do domínio do privado, como algo que pode ser compartilhado e deleitado de modo positivo. Deste modo, eles trazem para um nível reflexivo o processo de falar ou da própria identificação sexual de si e ao mesmo tempo fazem isso de modo “leve” e positivo. Para além disso, o humor ajuda a captar a atenção do público.

O humor no canal, portanto, é um ponto importante para os processos de entextualização dos vídeos. Ele é empreendido a partir de várias **estratégias discursivo-textuais**. A primeira forma são os gêneros que já têm sedimentados em sua construção esta característica, como são o caso de sketches e paródias. Outro recurso bastante utilizado são as sátiras que ocorrem tanto nos níveis dos gêneros textuais, como é o caso do programa *Sauna Justa* e do *Põe na Roda Repórter*, quanto em performances mais pontuais durante os

vídeos. O uso de memes também é uma estratégia regular durante os vídeos. Por fim, os sons e imagens também são usados como estratégia para se gerar humor no canal. É nítido, deste modo, a importância do humor para o canal, mas é também importante ter em mente que esta importância se relaciona com **o modo como são calibrados metapragmaticamente os usos e avaliações do armário.**

Entre os vídeos que se encaixaram no recorte proposto pelos critérios de seleção, existem os seguintes quadros: Põe na Mala (2 vídeos); Vlog ocasional (1 vídeo); Sketches (16 vídeos); 24 perguntas (5 vídeos); Ajuda, *Põe na Roda* (10 vídeos); Paródias (1 vídeo); Reportagens (13 vídeos); *Põe na Roda* Repórter (2 vídeos); Retrospectiva (2 vídeos); Quizz (2 vídeos); Gayme (2 vídeos); Sauna Justa (1 vídeo). Os nomes de alguns quadros devem ser destacados por apresentarem ambiguidades de **marcas linguísticas** que **indiciam** campos pragmáticos associados à homossexualidade como prática social, assim constroem um ambiente abertamente marcado por um tipo de identidade sexual.

O primeiro é *Põe na Mala*, o qual usa de maneira polissêmica a palavra “mala” que se refere ao mesmo tempo ao objeto usado para viagens, que é o tema do quadro, e um de seus sentidos correntes usado para se referir ao órgão genital masculino. O segundo é *Gayme*, que nesse caso usa a pronúncia da palavra em inglês ‘game’ (jogo) para associar com ‘gay’, indiciando um tipo de jogo tanto ao tema quanto à suposta categoria de pessoas que estão participando. Por fim, o terceiro é o quadro *Sauna Justa*, o qual traz duas referências: a primeira ao programa de televisão *Saia Justa* e a segunda à sauna. Isto é, uma sátira do programa que é adaptada a um contexto “tipicamente homossexual”. A sauna é um local muito frequentado por homens que fazem sexo com outros homens, sendo que este local é considerado um **ambiente discreto e é associado a um conjunto de práticas sigilosas** que tornavam e, em certa medida, ainda tornam o armário um lugar associado ao sigilo, discrição e no qual se cabia no máximo práticas estritamente sexuais.

Tendo em vista que um dos pontos mais recorrentes apontados nos estudos sobre armário é a **hipersexualização dos indivíduos** gays e uma possível redução de suas subjetividades a sua identidade sexual, um processo em que indivíduo tem outros aspectos subjetivantes diminuídos ou mesmo anulados, faz bastante sentido que o canal, que é voltado para um público que tenha este tipo de identidade sexual, busque em seus repertórios e recursos semióticos elementos para abarcar e reafirmar, isto é, indiciar, este aspecto, numa espécie de recursividade fractal (KROSKRITY, 2004).

Estes quadros são construídos a partir, no geral, de gêneros textuais/discursivos já consideráveis estáveis. Isto é, **formas de entextualizar que têm sido iteradas e sedimentadas ao longo da história recente**, evidentemente uns mais e outros menos. Os gêneros que aparecem nos vídeos são: reportagem (17 vídeos); vlog (1 vídeo); sketch (16 vídeos); entrevista (5 vídeos); programa semanal tira-dúvidas (10 vídeos); paródia (1 vídeo); retrospectiva (2 vídeos); quizz (4 vídeos); programa de entrevistas (1 vídeo). Entre estes gêneros, é interessante notar que se pode ser tecida uma relação entre certos gêneros e seu funcionamento metapragmático, tanto no sentido de discurso metapragmático explícito quanto na engenhosidade indexical da função metapragmática em entextualizações em que o armário é constituído.

Uma possível explicação para isso é que certos gêneros talvez carreguem maior capacidade de construção de uma forma de textualização mais metapragmática, ou melhor, formas de indexicalização nos processos de entextualização que tornam aspectos metapragmáticos (mais implícitos em outros contextos) mais salientes e proeminentes. Mas por que este processo se daria em determinados gêneros e não em outros? Creio que isso tenha a ver com a sedimentação e objetivos e fins para que servem. Neste contexto, os vídeos que mais possuem elementos metapragmáticos mais explícitos no geral e em maior quantidade indexicalizada são os sketches e paródias. Talvez isso aconteça justamente pelo fato de serem gêneros humorísticos. O humor historicamente tem sido muito utilizado para reflexão, avaliação ou ainda crítica social. Isto tem a ver justamente com o plano metapragmático das interações/gêneros textuais/discursivos.

Por exemplo, em alguns sketches humorísticos, o ato de sair do armário é indiciado de diversas formas, mas geralmente entorno do binarismo foraXdentro: como gays femininos não conseguem ficar nele e que cultura pop e divas podem ser usadas como armadilhas para que saiam dele (THE WALKING DRAG, 2014); como tirar o amigo do armário (DAR PINTA, GRINDR, AMIGO NO ARMÁRIO - Glorinha KY, 2014); como contar que se é gay em situações não usuais (6 MANEIRAS DE CONTAR QUE É GAY, 2014); ou mesmo no natal (SAINDO DO ARMÁRIO NO NATAL – Paródia de Então é Natal, 2014)

Muitas vezes, em outros gêneros, aspectos metapragmáticos vinculados ao armário são indiciados de maneira mais pontual, para organizar a sequência discursivo-interativa, como são os casos da maior parte dos vídeos do quadro Ajuda, *Põe na Roda*. De fato, há exceções em outros gêneros, como as reportagens em que o armário é o tópico central de

todo o vídeo, mas nesses casos são vídeos expressamente sobre a avaliação dele (VIVENDO NO ARMÁRIO: GAYS NÃO ASSUMIDOS, 2014; A VIDA FORA DO ARMÁRIO, 2014; LÉSBICAS FORA DO ARMÁRIO, 2016).

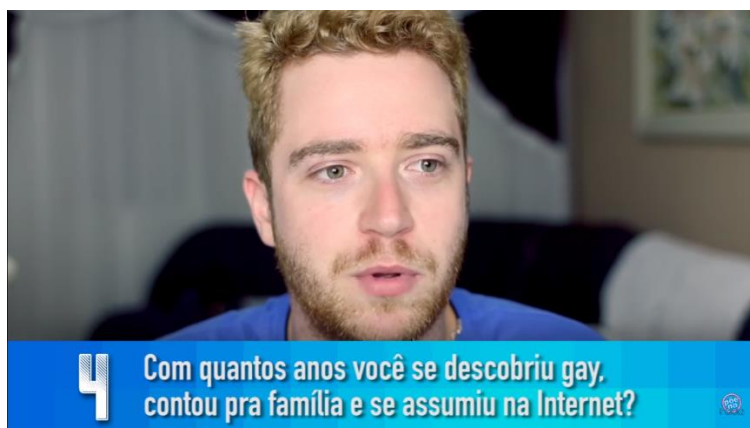
Vale nesse momento reiterar **o caráter de construção social, discursiva, performativa e histórica deste dispositivo conhecido como armário**. Este caráter faz com que em dadas épocas sejam geradas ou ainda atualizadas certas formas de o entextualizar, isto é, de tornar discurso sobre armário texto. No entanto, é inegável que diversas instituições continuem com suas estratégias pervasivas, como veremos mais adiante (cf. item 3.6).

As **práticas organizadas pelo armário** e, por conseguinte, suas formas de entextualização mudam com o tempo por diversos fatores e por conta da interação de diversos elementos, seja, por exemplo, por novas tecnologias que passam a fazer parte das vidas de pessoas gays, mas o armário continua fazendo parte do processos e práticas de entextualização desses seres humanos; seja por mudanças sociais, tais como a homossexualidade ter deixado de ser uma doença segundo critérios da Organização Mundial de Saúde (OMS) e sua descriminalização em muitos países. O tempo aqui se refere tanto a aspectos sedimentados historicamente, por exemplo, sobre as relações ideológicas entre homossexualidade e noções de público/privado, quanto a aspectos diacrônicos das vidas de pessoas gays. Portanto, torna-se necessário dizer que **o armário é muito importante para as práticas de linguagem/semióticas dos gays, já que estar ou não no armário tem implicações sobre suas práticas sociais e identitárias e, conseqüentemente, suas formas de entextualizar**.

De toda forma, apesar de a possibilidade de o gênero discursivo-textual ter a ver com a capacidade de expressão metapragmática do armário nos vídeos, o tópico e os participantes auxiliam no nível de explicitude do armário. **Se há gays e eles estão falando de suas trajetórias/vidas ou sendo entrevistados sobre elas, o armário ou coisas relacionadas a ele tenderão a aparecer**, pois o armário funciona de modo a organizar um conjunto de práticas vinculadas a este dispositivo. Não é aleatório que, no quadro “24 perguntas”, se tenha feito perguntas sobre armário/se assumir para seus participantes homossexuais, como ilustra a Figura 2 abaixo. Durante o período pesquisado de 2 anos, foram lançados 17 vídeos neste quadro no total, portanto, não levando em consideração somente os vídeos selecionados para análise devidos os critérios do recorte feito. Destes 17 vídeos, 9 cumpriam os critérios estabelecidos no recorte e 6 participantes destes vídeos

selecionados se autodeclararam como gays participaram e tiveram perguntas vinculadas a se assumir, sendo ainda que perguntas vinculadas ao armário apareceram para participantes que se consideram heterossexuais. Isto reforça a relação descrita acima.

Figura 2 – Luba participa do quadro 24 Perguntas.



Fonte: Print de tela no YouTube, editada (2017).

Até este momento, ficou implícito que a noção de armário pode ser considerada em seu uso aqui como uma categoria metapragmática, isto é, uma categoria que é utilizada para auxiliar e orientar a organização de práticas homossexuais. Tendo em visto isso, uma pergunta se faz necessária: como estas entextualizações ou estes discursos metapragmáticos do canal indiciam uma (re)calibragem metapragmática das orientações sobre seu uso? É assim que entender como o armário é entextualizado no canal aponta/indicia para projeções subjetivantes e posições políticas de uma identidade sexual (individuais e coletivas) que se tornam a base para inúmeras **projeções metadiscursivas** em suas práticas, produzindo uma imagem genérica de identidades fixas e de categorias sociais (SILVERSTEIN; URBAN, 1996).

No caso do armário enquanto categoria metapragmática, tais projeções, orientações e práticas são organizadas, de modo geral, por este dispositivo de controle sexualidade, o armário, que em grande medida surge de urgências de adequação à heteronormatividade e suas regulações sociais e tem impactos reais na vida das pessoas, em suas performances sociais (não somente sexuais) e em sua segurança e autovigilância. No entanto, os rearranjos entre os efeitos (meta) pragmáticos do armário, as regulações produzidas por ele nos modos de subjetivação (homo)sexual dos seres que sentem desejo pelo mesmo sexo (mas não somente) e as táticas de resistência são sempre situadas e específicas, sendo que a tendência é a prevalência de aspectos que se conectam e reiteram heteronormas. É nisto

que esta análise se centra e busca compreender de maneira situada nestes vídeos por meio de elementos metapragmáticos.

Tendo em vista o conjunto de vídeos, vale destacar que uma das formas de entextualização que acontece tem a ver com interação discursiva, no sentido de o uso do armário dar à sequência interativa um ajustamento para que ela continue ou forneça informações suficientes consideradas pertinentes para o contexto daquele momento. É este o caso do vídeo “ABUSO SEXUAL NA ESCOLA – AJUDA, *PÕE NA RODA* (LÉSBICAS)” (2014) no qual se fala se a menina que pediu conselho ao quadro é ou não assumida para contextualizar sua situação e poderem opinar como ela deveria proceder. Para fins deste estudo, enfatizo apenas que tais formas auxiliam na ordenação e coerência da interação em curso e, portanto, subsidiam a importância metapragmática desta categoria também para a calibragem de interações ordinárias de pessoas gays, para além das que veremos adiante.

4.2 Funções e discursos metapragmáticos articulados a gênero

É necessário destacar neste momento que o discurso metapragmático é uma forma de entextualização metapragmática mais explícita e não há a necessidade de sua ocorrência para que a função metapragmática ocorra. A função metapragmática sempre ocorre durante o processo de entextualização, sendo assim considerada uma de suas propriedades. Portanto, para a operacionalização disso, a indexicalidade, bem como as ordens de indexicalidade presentes, será um dos elementos mais utilizados para a análise.

Outro fato importante é que discursos metapragmáticos que aparecem na maior parte dos vídeos são bastante explícitos e constroem estas performances identitárias gays. Mas talvez isto seja um ponto a discutir sobre a seleção de vídeos, pois a função metapragmática do armário parece funcionar em diversas outras camadas discursivas que não possibilitam sua análise a partir do tipo de recorte feito para este estudo, por exemplo, a relação com o público e com os comentários dos vídeos, pois não se pressupõe que todos sejam (de) gays e também na própria maquinaria e organização discursivo-textual do canal.

Desta forma, nos interessa aqui também entender como, nos vídeos selecionados, a identidade gay é performatizada (BUCHOLTZ; HALL, 2004; 2005; BORBA, 2014a) – produção performativa de identidade – produzindo regulações e novas inteligibilidades (BUTLER, 2014; BORBA, 2014a), contestando, atualizando ou adaptando outras já instituídas (por exemplo, aquelas associadas a gênero e heteronormatividade) e como isto acontece linguisticamente por meio de elementos metapragmáticos vinculados ao armário.

Nesse sentido, uma das relações indexicais mais evidentes nos vídeos é a seguinte: é indiciada de maneira geralmente mais explícita nos vídeos a relação entre armário e gênero. Tais índices se dão basicamente por meio de discursos metapragmáticos, os quais performam, por exemplo, **inteligibilidades das relações entre armário e gênero**. Estas relações de inteligibilidade criadas por estas metapragmáticas baseiam-se em associações indexicais entre estar no armário e heteronormatividade – baseada em discricção e em uma aproximação com masculinidade hegemônica – e estar fora do armário e se aproximar do feminino.

Dois vídeos representativos dessas avaliações metapragmáticas que indiciam a associação entre armário e gênero são “AFEMINADO (Paródia de Exagerado do Cazuzo)” (2015) e “AFEMINADOS – *Põe na Roda* Repórter” (2015). Como é evidente em ambos os títulos, os vídeos discutem e giram em torno dos gays classificados pelo canal como ‘afeminados’. O primeiro é uma paródia da música “Exagerado”, do Cazuzo. A relação entre a escolha desta música especificamente não é aleatória, já que socialmente e também no meio gay há a avaliação dos afeminados como “exagerados” e, por consequência, uma desvalorização e hierarquização, tal qual se observa na letra da paródia transcrita abaixo. Certas associações indexicais são construídas para se selecionar uma música para a construção de uma paródia e traz elementos para entender que o processo de entextualização levou em consideração que estas avaliações para a escolha da música são relevantes para o processo de ressemiotização que a paródia faz.

Vale lembrar que uma paródia é a recriação de uma obra que já existe, partindo de um ponto de vista predominantemente cômico e, geralmente, utilizando-se de contestação, ironia e crítica. A escolha foi feita justamente com índices associados à performance de gênero. A paródia é acompanhada pelo vídeo que poderia ser nomeado como um clipe. No início desta paródia, há uma apresentação daqueles que aparecem no vídeo como os ‘afeminados’ e um personagem em contraponto que seria o único ‘não afeminado’, Allan

Victor. Este não-afeminado é caracterizado como “discreto no sigilo” na legenda que

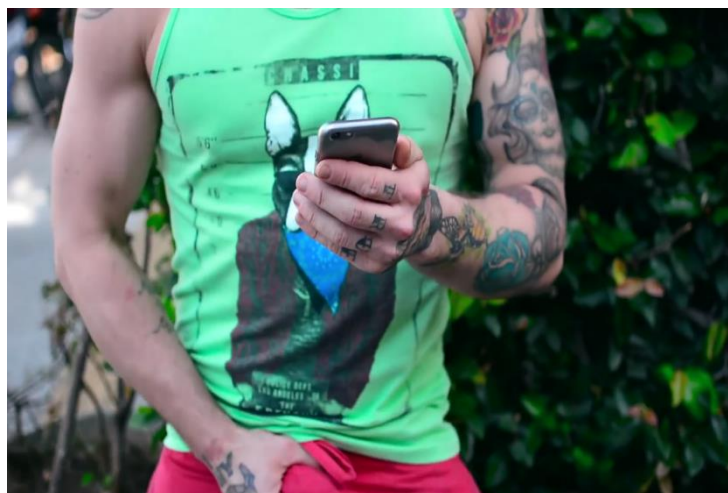


aparece no vídeo (Figura 3).

Fonte: Print de tela do vídeo “AFEMINADO” (2015).

Ele, o não afeminado, apresenta uma corporalidade e uma postura e gesticulação associada com um tipo de masculinidade considerada hegemônica, tal como ajeitar o pênis publicamente (Figura 4), e ao mesmo tempo é mostrado mexendo no celular, o que insinua que estaria usando aplicativos de pegação gay, nó de coerência com a legenda “discreto no sigilo”, pois este ambiente é um local com uma concentração alta de homens “no armário” ou que performam entextualizações que sugerem relações com determinado tipo de masculinidade hegemônica – ao se utilizar de registros linguísticos associados a ela - e, deste modo, com estar no armário.

Figura 4 – Allan Victor ajeita o pênis durante a cena



Fonte: Print de tela do vídeo “AFEMINADO” (2015).

Tal caracterização indicia uma associação indexical entre estar no armário e não ser afeminado e, por conseguinte, uma associação indexical entre adequação a padrões heteronormativos e se estar no armário ou manter uma vida homossexual “discreta e sigilosa”, isto é, relegada ao privado. Assim, como já apontam Miskolci (2013; 2014) e outros estudos sobre armário, mas sem se ater a uma análise mais sociolinguística, termos associados a discrição e sigilo, tal qual “ser fora do meio”, “não dar pinta”, “disfarçar”, **funcionam como índices de se estar no armário e também normalmente por meio de elos semióticos são associados a uma adequação a padrões heteronormativos, adquirindo função metapragmática de dar coerência a interações ou a formas de ser gay.** Esta associação é corroborada pelos versos destacados em negrito na letra desta paródia transcrita a seguir.

AFEMINADO (Paródia de Exagerado do Cazuza)

*Até por bicha sou gongado,
Porque dou pinta e não disfarço,
Já chego no salto,
Afeminado, eu sou mesmo afeminado,
Adoro um close bem dado,
Não sei andar, só desfilar,
Não tem como não me notar,
Mas sou mais macho que esses homens que só sabem julgar.
**Me perguntam por que não mudo,
Fazer a ‘linha’, disfarçar,**
Por tanta feminilidade, me “xoxam” mesmo os iguais
Afeminado, já ouvi demais,
Não sou nem curto afeminado
No Grindr eu sou bloqueado
Pensa comigo que absurdo,
Heteronormativo burro
Nenhum de nós somos iguais
Aceita, bi!*

*Me deixa em paz
Afeminado, com a cara no sol
Vou ser mesmo afeminado
Não vou viver dentro do armário
Pegam no meu pé com tanta feminilidade
O que tem de errado?
Diz que não é ou curte afeminado
Mas que falsiane! Miga, para que tá feio!
Eu sou sim afeminado!
Adoro!
(AFEMINADO, 2015, grifos meus)*

As complexas relações ideológicas entre público e privado (GAL, 2005) sedimentadas sócio-historicamente, estão entre as bases daquilo que Miskolci, tomando de Sedgwick (1990), chamou de dispositivo de controle de sexualidade homossexual, o armário gay. Os processos semióticos diversos pelos quais ocorrem, se propagam e indiciam estas relações entre público e privado, são, sem dúvida, interdiscursivos e metadiscursivos. Assim, em consonância com Foucault (1988), a sedimentação daquilo que se tem nomeado como heteronormatividade passa pela constituição do que se considera público ou privado, bem como ocorre com o inverso, isto é, os dois processos de sedimentação se constituem mutuamente. Estas relações, portanto, operam de maneira constitutiva para as metapragmáticas do armário. Desta forma, **o armário gay funciona a partir não somente de uma repressão e controle da homossexualidade em prol da heterossexualidade, mas também como uma forma de repreender/controlar não-conformidade de gênero.**

Tal funcionamento pode ser corroborado pela avaliação metapragmática presente nos seguintes versos da paródia: **“Até por bicha sou gongado/Porque dou pinta e não disfarço [...] Me perguntam por que não mudo/Fazer a ‘linha’, disfarçar”** (AFEMINADO, 2015). A paródia, principalmente os primeiros versos, indicia uma hierarquização de homossexualidades baseadas em padrões de gênero sendo que não-conformidade de gênero e uma aproximação ao gênero feminino, a “afeminação”, não são bem avaliadas e hierarquizadas como “menores”. **“Até por bicha sou gongado”** indicia que este tipo de avaliação e julgamento parte não somente de heterossexuais, mas também de homossexuais.

No entanto, a paródia, apesar de trazer índices de certos discursos e avaliações metapragmáticas sobre o armário e cumprindo seu papel enquanto gênero discursivo-textual, critica e ironiza justamente como ocorrem certas metapragmáticas do armário e, de maneira inter-relacionada, de gênero já mais “estáveis”/“sedimentadas”, as quais

inferiorizam os “afeminados”. E, além disso, indicia que há outras metapragmáticas que se contrapõem àquelas, as quais são defendidas, sendo elas as de que não há problema em ser afeminado, de que se negam em viver no armário e de que estas avaliações centradas em sua inferiorização são “burras” e não são as agenciadas pelos interlocutores afeminados do vídeo e, de forma geral, pelo canal, exemplificadas pelo trecho: *Afeminado, com a cara no sol/Vou ser mesmo afeminado/Não vou viver dentro do armário* (AFEMINADO, 2015).

Na paródia há vários indícios de feminilidade, por exemplo, em artefatos: “*Já chego no salto*”; e ações: “*Não sei andar, só desfilar*”. Eles cumprem a função metapragmática de associar características consideradas sócio-historicamente femininas a “ser afeminado”, redundando assim na criação de coerências entre feminilidade e um “tipo gay”, o “afeminado”. Além dessas associações, a seleção de quais aspectos são trazidos para mostrarem esta feminilidade é importante para delimitar a posição e avaliação deles em relação aos discursos metapragmáticos a que estão se referindo. São escolhidos aspectos associados a aparecer, que são relacionados de alguma forma a visibilizar (por exemplo, “desfilar”) e que são associados positivamente a sair do armário, a visibilizar sua homossexualidade. Os discursos metapragmáticos sobre sua afeminação são indiciados em trechos como: “*Por tanta feminilidade, me “xoxam” mesmo os iguais*”; “*Pegam no meu pé com tanta feminilidade*” e são contrapostos por uma defesa da afeminação, indiciada em toda a paródia, por trechos como: “*Mas sou mais macho que esses homens que só sabem julgar*”. Apesar de a paródia desvalorizar certas metapragmáticas e performances de masculinidades consideradas hegemônicas com uma exaltação positiva da afeminação, este último trecho indicia, ainda sim, a recuperação da masculinidade como um valor positivo que sugere uma preferência por “ser homem”, no caso “macho”. Há também, possivelmente, a função metapragmática desse verso de justamente uma ressemiotização do macho. Este macho que indicia coragem, bravura, força não seria o “discreto e fora do meio”, mas sim o afeminado. Nesse sentido, há uma subversão da ordem indexical que regimenta a categoria macho. Ambas as leituras não são mutuamente exclusivas.

Tais pontos apresentados na letra cantada são corroborados por suas performances durante o vídeo onde tais elementos aparecem em sua atuação, como sugerem as Figuras 5 e 6. **Os diversos elementos semióticos mobilizados para a produção de significados são calibrados principalmente por meio de uma forma de entextualizar que é organizada a partir da relação de se estar ou não no armário e quem pode ou não estar no armário.** Para tal, performances de gênero são acionadas para indiciar e dar coerência a estas relações que são metapragmaticamente construídas e avaliadas.

Figura 5 – Cena do vídeo associada à frase “chacota em qualquer idade”



Fonte: Print de tela do vídeo “AFEMINADO” (2015).

Figura 6 – Cena do vídeo associada à frase “porque eu dou pinta e não disfarço”



Fonte: Print de tela do vídeo “AFEMINADO” (2015).

Um processo semelhante de avaliação metapragmática ocorre no segundo vídeo, “AFEMINADOS – Põe na Roda Repórter” (2015). O “Põe na Roda Repórter” é um quadro de reportagens do canal que tem o formato adaptado a partir de e que, em certa

medida, satiriza o programa Globo Repórter, da Rede Globo de Televisão. Os integrantes do canal entrevistam afeminados e discutem afeminação durante um evento chamado “Primeiro Encontro das Afeminadas”, ocorrido em São Paulo. Durante a apresentação do que é o encontro, os gays afeminados são caracterizados de forma semelhante ao que é performado no vídeo acima, como expõe o seguinte excerto da fala de um dos apresentares do canal:

Pessoas que não fazem questão de serem discretas, que não têm essa babaquice de curto no sigilo, um lance na encolha, sou fora do meio (AFEMINADOS, 2015, 00min32seg).

Vale ressaltar que, ao final deste trecho, esta **avaliação metapragmática negativa** indiciada pela **relação de oposição entre afeminação e discrição**, igualando afeminação com não se estar no armário e não se conformar a regulações de gênero (BUTLER, 2014), é corroborada por meio da expressão facial, o rolar dos olhos, do apresentador que diz o excerto acima, reiterando a avaliação negativa deste uso do armário e da avaliação metapragmática que inferioriza os afeminados (Figura 7). Concomitantemente, deste modo, há também uma avaliação negativa destes comportamentos vinculados a quem está no armário, isto é, a busca de encontros e relações que sejam sigilosas e discretas.

Figura 7 – Apresentador faz expressão facial negativa para avaliar a “babaquice de curto no sigilo”



Fonte: Print de tela do vídeo “AFEMINADOS” (2015).

Em certa medida, os índices bem como as avaliações metapragmáticas feitas entre armário e gênero nestes vídeos e também em outros seguem uma linha baseada em

estereótipos de que gays são normalmente afeminados. No entanto, há uma tentativa de romper este tipo de estereótipo em outros momentos. É, por exemplo, o caso do vídeo “NAMORADO FEMININO? Ajuda, *Põe na Roda*” (2016). O “Ajuda, *Põe na Roda*” é quadro no qual os três apresentadores juntamente com o profissional identificado como sexólogo Cláudio Picazio respondem, por vezes com a presença de algum convidado, as perguntas e dúvidas sobre sexualidade enviadas por internautas que assistem ao canal. Neste vídeo específico, o internauta conta sua história de namoro com alguém que não queria o apresentar publicamente por ser afeminado e logo terminou. O sexólogo responde dizendo que muitos gays têm medo de conviver ou namorar afeminados, pois, segundo ele, estar com afeminado denuncia a sua homossexualidade e estar com um “bombadinho” disfarça a sua sexualidade. Então ambos os apresentadores e sexólogo afirmam que não há problema em ser afeminado e que é um tipo homossexual como outros, mas que também não devemos presumir que todos os gays sejam afeminados. Estas afirmações, que buscam romper com estereótipos, são reforçadas pelas seguintes legendas no vídeo: “Há quem force masculinidade na tentativa de esconder que é gay, mas vale lembrar que existem gays masculinos e afeminados” e “Vai dizer que nunca conheceu um hétero mais feminino? Cada um tem seu jeito. Isso não necessariamente revela a sexualidade”.

No mesmo caminho, por exemplo, destas relações descritas acima que se baseiam em associações indexicais entre estar no armário e heteronormatividade e estar fora do armário e se aproximar do feminino, é possível verificar **como (meta)discursos (como a heteronormatividade) circulantes em outros domínios (acadêmico, por exemplo) são mobilizados para compor uma avaliação do armário**. Isto é perceptível no uso da própria expressão “heteronormativo” em alguns vídeos, como são os casos da paródia (AFEMINADO, 2015) analisada acima e do trecho transcrito abaixo da reportagem feita no primeiro encontro das afeminadas em que apresentadores e um entrevistado encenam uma piada.

Apresentador 1: Como seriam os programas humor se a piada fosse feita com um heteronormativo e não com afeminado?

Apresentador 2: E aí, cara? Beleza, brother?

Entrevistado: Isso é um heteronormativo? Olha esse cabelinho de oco, esse rosto quadrado. Querida, põe um gloss, um blush. Não, não tá dando, não tá dando. Não aceito. Héteros, não. Machões, não. (AFEMINADOS, 2015, 05min56seg)

Reiterando a relação feita entre certos usos linguísticos e masculinidades hegemônicas, a expressão “E aí, cara? Beleza, brother?”, neste contexto, indicia uma

associação entre o uso desta expressão e heterossexualidade/heteronormatividade, pendendo para a prevalência da performance de gênero sob a de sexualidade, e, por conseguinte, aponta para sua função metapragmática que é a de auxiliar um determinado tipo de construção interacional e dar coerência aos usos linguísticos, conectando-os a uma categoria identitária, a uma forma de masculinidade. **A associação entre esta expressão e heterossexualidade faz parte uma sedimentação do uso, que gera certas formas de entextualizar, que criam elos pragmáticos-metapragmáticos entre usos linguísticos e categorias sociais.**

Aquilo que é mobilizado para dar coerência aos usos de maneira mais implícita a partir do uso desta frase é explicitado e avaliado, apontando para o discurso metapragmático associado a eles. Por outro lado, a avaliação do entrevistado sobre o uso anterior também indicia um distanciamento deste uso e homossexualidade. Ao mesmo tempo, são mobilizados índices que associam afeminação e homossexualidade. Os índices de afeminação são marcados por certos usos de recursos de marcação corporal, isto é, de construções da apresentação do corpo, como “gloss”, “blush”. Esta sobreposição de funções dos índices e suas avaliações revelam as diversas camadas semióticas contidas apenas neste pequeno trecho.

Este é um aspecto relevante da linguagem para as performances e construções identitárias (BUCHOLTZ; HALL, 2005) que ocorre em diversas ordens de fenômenos linguísticos e que deve ser discutido. A partir disso, pode-se dizer também que há uma sobreposição (*overlapping*) de metadiscursos, a qual pode ser associada à ordem de indexicalidade (cf. item 4.2). Desta maneira, **a construção de discursos metapragmáticos sobre o armário se vale de elementos de discursos metapragmáticos de outros campos**, como ocorre por exemplo a partir do uso do termo “heteronormativo”, o qual compõe metadiscursos acadêmicos e intelectuais sobre gênero e heterossexualidade. Tendo em vista a possibilidade de que o dispositivo de controle de sexualidade conhecido como armário gay funcione também como uma forma de repreender/controlar a não-conformidade de gênero, também é plausível que sejam mobilizados discursos metapragmáticos sobre gênero.

Tal qual é também plausível que eles sejam adotados como estratégia para resistência e avaliação metapragmática vinculada ao armário gay. Como propõe Blommaert (2014) ao discutir a noção de escalas sociolinguísticas, elementos indexicais

não ocorrem e nem operam de forma aleatória, mas expõem formas dinâmicas e complexas de “ordem”. **Os conjuntos indexicais de avaliação metapragmáticos presentes nestes vídeos e em outros analisados a seguir, operam conjuntamente de modo a criar/sugerir coerências socioculturais, criando certos enquadres de coerência semiótica que se relacionam com dinâmicas e ordem macrocontextuais**, isto é, sócio-históricas, por exemplo, a relação entre armário e gênero, mas que na maior parte dos enquadres sócio-históricos contemporâneos é considerada negativa, no sentido de se afeminar e sair do armário, é construída como positiva nos vídeos analisados.

Este enquadre simplifica o armário tornando-o enunciável e visibilizando aspectos positivos e que “devem ser seguidos”. Isto legitima e autentica formas de ser gay que estão associadas as performances de resistência que desafiam a heteronormatividade e as tornam coerentes dentro do cenário do canal e, de modo mais amplo, porém, em menor medida, socialmente. Salienta-se assim que este enquadre se sustenta porque há uma primazia da heteronormatividade.

Se pensarmos em ordens de indexicalidade, gênero é uma ordem importantíssima para se construir coerências, isto é, construir índices sobre o uso do armário. É por isto que seu uso nestes contextos em que o armário aparece, muitas vezes, exerce função metapragmática. Aspectos relacionados a gênero podem ser apontados como transversal no canal. Eles permeiam armário, gênero discursivo-textual, estratégia de humor. O humor é baseado em diversos vídeos em estereótipos de gênero, como na paródia analisada. Isto reforça estudos que fazem relação entre performances vinculadas a estar ou sair do armário e sua relação com performances de gênero, ou pelo menos como gênero influencia estas performances. Assim, **gênero pode ser considerado como um dos pontos que geraram a urgência que fez do armário um dispositivo de controle sexual e, da mesma forma, tem participado de todas as atualizações ou ajustes vinculados a este dispositivo e sua relação com construção de subjetividades e performances homossexuais.**

Nesse sentido, é importante notar a articulação entre “ideologias linguísticas” e “metapragmática”: as ideologias são perceptíveis a partir do discurso e o discurso metapragmático se torna o meio mais saliente para observar ideologias não só linguísticas, mas sócio-culturais, políticas etc. É o caso, por exemplo, do uso de aspectos linguísticos associados a feminino nos vídeos. Por exemplo, a fala afeminada para gerar humor ou para mostrar uma determinada postura ou performance associada a ser gay, o que aparece em

vários vídeos, seja por gays, seja por participantes heterossexuais (GAROTAS HÉTERO PERGUNTAM, 2014) ou sua performance “oposta”, uma fala considerada mais masculina para indiciar heterossexualidade.

Muitas vezes estas ideologias sobre linguagem não são imediatamente perceptíveis, mas o discurso metapragmático e função metapragmática as tornam mais salientes, não somente as ideologias linguísticas. Mulheres ou homens femininos “devem” falar de certa forma, por exemplo, e isso é usado em vídeos para construir um tipo de gay que não tem possibilidade de ficar no armário. Por outro lado, a fala afeminada também é usada em alguns vídeos para gerar humor. O que mostra que o uso deste recurso funciona de maneira ambígua e recebe valorações que ora mantém ideologias circulantes sobre linguagem, como é o caso da fala mais feminina de homens sendo usada para gerar humor, e ora para serem avaliadas e valoradas como positivas, como acontece nos momentos de discursos metapragmáticos de que os homens femininos têm mesmo que assumir sua homossexualidade.

4.3 Avaliações metapragmáticas binárias sobre armário

O canal *Põe na Roda* apresenta uma nítida uniformidade em torno do uso do armário, bem como em torno das orientações e avaliações sobre ele. Esta uniformidade é construída de diversas formas, mas principalmente de maneira binária. Assim, a avaliação metapragmática é negativa quando se está no armário e positiva após a saída dele. De maneira negativa, o estar no armário é avaliado como lugar de infelicidade; sofrimento; de falsidade/inautenticidade; de prisão; de insegurança; de rejeição. Por outro lado, de maneira positiva, a saída do armário é avaliada justamente como o contrário. Por exemplo, estas avaliações podem ser condensadas em dois vídeos opostos: “VIVENDO NO ARMÁRIO: GAYS NÃO ASSUMIDOS” (2014), que traz entrevistas com gays que não são assumidos falando sobre suas experiências dentro do armário, e “A VIDA FORA DO ARMÁRIO” (2014), que, ao contrário, traz entrevistas com gays assumidos.

Com relação ao vídeo “VIVENDO NO ARMÁRIO: GAYS NÃO ASSUMIDOS” (2014), as estratégias metapragmáticas adotadas para estas avaliações são variadas, mas são entextualizadas e contextualizadas de modo a se conseguir os sentidos necessários para a construção do armário como negativo. A primeira estratégia é a estrutura e edição do vídeo. Os entrevistados aparecem em uma sala escura na qual suas cabeças não são iluminadas e aparece apenas uma parte do corpo para que haja a descaracterização dos entrevistados, recurso de iluminação comum na TV para garantir anonimato de “testemunhas” e assegurando “proteção de identidades”. Esta estratégia, associada à trilha sonora usada, para eliciar emoção e empatia, um traço marcante de programas de auditório da televisão brasileira, funciona para caracterizar dramaticamente o armário como um lugar escuro, triste e de insegurança. Um traço a se destacar é que este é um dos únicos vídeos do canal em que o humor, uma das suas características mais fundamentais, não é utilizado, intensificando o tom de seriedade e negatividade de se estar no armário.

Esta insegurança pode ser corroborada pelo uso jornalístico comum deste formato para vítimas que são entrevistadas, mas se sentem inseguras de mostrarem suas identidades e temem represálias. A divisão da estrutura desse vídeo de gays que vivem ainda no armário em seções também é uma estratégia adotada para que aconteçam as avaliações metapragmáticas e também indiciam a utilização do armário gay, devendo ser entendida como um elemento com função metapragmática que ajuda a criar coerência com relação a seu uso. As seções são as seguintes: “Afinal, o que há dentro do armário?”; “Quando você se descobriu?”; “Como encarar a família?”; “Como foi enfrentar a escola?”; “Como conviver com a religião?”; e “Qual o próximo passo?”. Por fim, nesse vídeo bem como no vídeo daqueles que já se assumiram e em outros vídeos, as avaliações metapragmáticas mais explícitas do armário como um lugar de infelicidade, sofrimento, de falsidade/inautenticidade, de prisão, de insegurança e de rejeição se dão por meio das próprias falas dos entrevistados que caracterizam como podemos ver nos excertos selecionados de suas falas a seguir.

“Eu não sou assumido por medo da minha família, pelo pessoal da igreja” (VIVENDO, 2014, 00min40seg).

“Infelizmente, eu me importo muito com a opinião das outras pessoas sobre mim” (VIVENDO, 2014, 00min45seg)

“Por enquanto os meus pais, o medo que eu tenho de me assumir publicamente, do impacto que isso vai causar na minha família” (VIVENDO, 2014, 01min18seg).

“Eu tenho receio da forma que eu vou ser aceito ou não aceito pelo meu pai e isso me incomoda” (VIVENDO, 2014, 06min43seg).

“Eu tenho que me assumir e tirar um peso das costas” (VIVENDO, 2014, 14min10seg)

“Não basta eu me aceitar eu gostaria que as pessoas me aceitassem” (VIVENDO, 2014, 14min20seg).

Este conjunto de avaliação aparece em vários outros vídeos, mostrando sua produtividade no canal e em performances que levam isto como parte do desenvolvimento identitário gay:

“Então, depois daquele dia eu decidi que eu não precisava mais menti, que eu não precisava mais me esconder” (A VIDA, 2014, 02min44seg).

“Até um dia em que eu cansei, eu cansei de evitar assuntos com pessoas. Acho que fui vencido pelo cansaço porque é exaustivo viver no armário, é muito cansativo, é muito triste. E aí eu decidi que no meu próximo trabalho eu ia chegar falando que eu era gay e todo mundo saber. [...] Depois desse momento eu não escondi mais de ninguém e eu acho que isso me mostrou que é muito mais fácil viver fora do armário do que viver dentro do armário. Viver dentro do armário é horrível, tipo, é triste, é escuro, é solitário. Eu acho que boa parte do preconceito que você tem medo de sofrer na realidade é seu próprio preconceito, não que seja fácil, mas busque a sua hora de se assumir porque ela é bem importante, eu diria fundamental para que você possa ser feliz e ter uma vida plena” (24 PERGUNTAS PARA: PEDRO HMC, 2016, 06min30seg).

Cabe, então, relacionar como aqueles que estão no armário são vistos em momentos diferentes de formas diversas, mas que não são mutuamente exclusivas. Anteriormente, ao falar da relação entre armário, gênero e discricção, uma das avaliações metapragmáticas negativas foi a de que é uma “babaquice” se manter ou curtir ser discreto, sigiloso ou fora do meio e estes indivíduos são colocados de forma negativa e como agentes, isto é, participantes ativos nos comportamentos avaliados como negativos. Já neste outro vídeo (VIVENDO, 2014) há também uma avaliação negativa, mas não se foca nos indivíduos em si nem em sua agentividade. Eles são construídos como vítimas, ao contrário do que ocorre em outros vídeos. Isso revela uma tensão da caracterização e avaliação daqueles que estão ou preferem ficar no armário. Uma forma de se pensar isso seria distinguindo essa tensão como dois processos diferentes. Esta distinção está presente nos próprios vídeos do canal. Um caso seria classificado como um tipo do mundo gay ao lado dos ursos, barbies etc. Este fato é corroborado pelo fato de o quadro “*Põe na Roda Repórter*” ser centrado em reportagens sobre tipos gays, sendo que o primeiro foi sobre o “mundo das barbies” e o segundo sobre o “mundo dos ursos”. O outro seria parte de um susposto processo “em fases” pelo qual os gays passam durante seu desenvolvimento sócio-identitário-sexual, de modo semelhante ao que aparece em alguns estudos discutidos no Capítulo 1. De todo modo, ambas as avaliações metapragmáticas são negativas, o que

está em consonância com uma das ações do canal que é destacar como o armário é negativo e ruim para os gays. Pode-se dizer que esta é outra função de controle da sexualidade: a construção da saída do armário como uma ato moral. Ou seja, o canal, ao criticar o armário, também projeta certos sentidos universalizantes sem considerar aspectos individuais. A pressão moral de sair do armário também causa sofrimento e tem interferências reais na vida das pessoas.

Seguindo um caminho inverso, o vídeo “A VIDA FORA DO ARMÁRIO” (2014) começa com a luz sendo acesa, onde se podem ver os rostos dos entrevistados que não estão mais no anonimato, marcando uma contraposição à estratégia do vídeo anterior sobre a vida de gays no armário. Tal estratégia indicia uma percepção de que a saída do armário é como sair da escuridão, ir para um lugar em que há visibilidade, o que é seguido por uma avaliação positiva do processo de se assumir. De modo semelhante, a trilha sonora utilizada é bem mais positiva corroborando para a avaliação positiva da saída do armário. Assim como no vídeo daqueles dentro do armário a estrutura também deve ser entendida como um elemento com função metapragmática que ajuda a criar coerência com relação ao uso do armário gay: “Quando você percebeu?”; “Como você se assumiu?”; “E a reação da família?”; “Como foi contar para os amigos?”; “Como foi o período da escola?”; “Qual sua postura no trabalho?”; e “E, afinal, valeu a pena?”.

Neste vídeo sobre a vida fora do armário, a avaliação metapragmática apontada pelos entrevistados ratifica a relação de oposição dos dois vídeos. A saída do armário é tida como uma transição para a felicidade, para a aceitação, onde ocorre uma diminuição dos sentimentos de sofrimento e rejeição e um ganho no sentimento da autenticidade, de liberdade e de segurança do que se é, para um lugar em que se pode ser “verdadeiro” e no qual é “mais fácil viver”, bem como um ganho da sensação de satisfação. Tais aspectos são entextualizados em diversos níveis semióticos, tanto nos recursos sonoros, a luz acendendo, quanto nas avaliações verbais dos entrevistados.

“Então, depois daquele dia eu decidi que eu não precisava mais menti, que eu não precisava mais me esconder” (A VIDA, 2014, 02min44seg).

“E eu de saco cheio acabei falando a verdade para ela” (A VIDA, 2014, 02min44seg).

“Eu vou ser didático para você porque eu acho que é a única maneira que você pode entender. Imagina que a vida inteira eu comi brócolis e sempre amei comer brócolis. Um dia eu comi chocolate. Ele: ‘não vai dizer que chocolate é homem?’. E eu: é.” (A VIDA, 2014, 05min28seg)

“Primeiro de tudo, eu queria agradecer ao cara que foi na minha casa falar para minha mãe que eu era gay. A minha vida tirou um peso assim, eu sou muito mais feliz” (A VIDA, 2014, 07min52seg).

“Estar forma do armário é você se aceitar como você é” (A VIDA, 2014, 08min02seg).

“E eu me assumi gay por isso. Porque eu queria me sentir bem” (A VIDA, 2014, 08min07seg).

“A maioria das pessoas, pelo menos as que eu conheço, depois que eu me assumi, acho que me respeitaram mais” (A VIDA, 2014, 08min48seg).

“Eu fiquei muito mais popular ainda depois que eu me assumi gay” (A VIDA, 2014, 08min56seg).

Esta avaliação positiva também é indiciada em outros vídeos, como é o caso de Pepê, da dupla Pepê e Neném, ao responder a quarta pergunta do vídeo “24 perguntas para: Pepê e Neném” (2016): “Acham que é mais fácil ser uma celebridade assumida publicamente ou viver no armário?”. Para a qual ela responde: “Com certeza, assumida, com certeza. A pessoa assumindo, ela pode fazer o que ela quer. Nossa, ela faz tudo que ela deseja no sonho dela, tipo dançar, cantar, eu gosto disso. Para todo mundo saber mesmo”. Aqui há a avaliação que pressupõe que quando se está no armário existe uma limitação das ações, de como se pode agir ou sobre quem pode saber de nossos quereres ou desejos.

Como pudemos ver, o canal conecta os vídeos sempre de maneira binária (foraXdentro; bomXruim) e assim se dá em todos os momentos em que há uma metapragmática do armário explícita. É evidente que o canal tenta forjar uma unidade com relação à sua avaliação sobre o armário e seus usos. Isto é evidenciado pelos campos semânticos adotados para as avaliações binárias referentes ao armário. Assim, o armário aparece, no geral, em sentido único nos vídeos do canal (armário = ruim), pois há o cuidado no processo de entextualização para se evitar as contradições associadas a ele para assegurar homogeneidade. No entanto, socialmente isto é mais complexo e o uso do armário e sua avaliação apresenta várias nuances e contradições que alcançam diversos contextos.

Vários comentários (co-textos) reentextualizam esses binarismos apresentados nestes vídeos, complexificando-os e apresentando outras possibilidades de avaliação metapragmática. Eles são fundamentais para expandir a perspectiva sobre as metapragmáticas do armário, pois os comentários não são trabalhados para parecer algo, fogem ao controle das edições, mostram mais facilmente as contradições. Este é um ponto

que deve ser estudado posteriormente por ser importante para os processos interativo-discursivos de entextualização e co-textualização desta plataforma.

4.4 Usos de recursos semióticos e ordens de indexicalidade

Até este momento, foram analisadas relações entre metapragmáticas do armário gay que envolvem a criação de inteligibilidades vinculadas à gênero. Elas aproximam, na maior parte das vezes, se assumir a se aproximar do feminino e como o estar no armário é avaliado negativamente como um lugar de e infelicidade, sofrimento, de falsidade/inautenticidade, de prisão, de insegurança e de rejeição. Ao contrário, a saída é construída metapragmaticamente de maneira positiva como uma transição para a felicidade, para a aceitação, onde ocorre uma diminuição dos sentimentos de sofrimento e rejeição e um ganho no sentimento da autenticidade, de liberdade e de segurança do que se é, para um lugar onde se pode ser “verdadeiro” e no qual se é mais fácil viver.

Neste contexto, as **orientações/avaliações sobre estar ou sair do armário subvertem/desestabilizam regimes e regulações** (BORBA 2014a; BUTLER, 2014) sobre seu uso e suas metapragmáticas já mais estáveis em outros contextos. Em outros contextos, por exemplo, vigilância e a redução das relações homossexuais ao domínio do privado, do secreto, do sigilo (SEDGWICK, 1990; 2007; MISKOLCI, 2009; 2013; 2014; 2015; CAMARGO, 2012; 2013; ZAGO, 2013a; 2013b) bem como baseadas em padrões de masculinidade hegemônicos, continuam como regras nas construções das relações e interações, isto é, de performances identitárias gays.

Assim, se pode inferir ou relacionar as metapragmáticas presentes no canal com outros contextos/ambientes, como já abordado acima na discussão da paródia (AFEMINADO, 2015). Esta é uma estratégia recorrente para a construção das metapragmáticas presentes no canal, que indiciam outras metapragmáticas do armário como negativas e como passíveis de mudança. Entretanto, não se propõe com isso que não haja subversão ou desestabilização destas regulações ou metapragmáticas em outros contextos. Certamente, há. Tanto que em vídeos do próprio canal elas são narradas, o que é evidente no excerto abaixo também retirado do vídeo AFEMINADOS – *Põe na Roda* Repórter (2015), um trecho em que um entrevistado comenta negativamente como os

aplicativos de pegação funcionam e como os afeminados são geralmente inferiorizados neste contexto, isto é, uma avaliação sobre as metapragmáticas do armário gay nestes aplicativos.

“Eu, no meu perfil, eu tenho uma piada escrito ‘não gosto e nem curto machos e discretos’”. (AFEMINADOS, 2015, 04min43seg)

No trecho, o entrevistado explicitamente, ao avaliar negativamente certas metapragmáticas do armário gay nos aplicativos, comenta sobre como ele faz um uso subversivo que se contrapõe a certas regularidades encontradas neste ambiente, apontadas por exemplo por Miskolci (2014; 2015) e Padilha (2015). Um exemplo do uso subversivo destas metapragmáticas também vinculado a aplicativos e que podem ser usadas como uma avaliação metapragmática negativa do uso do armário é o vídeo “MÃES LEEM APPS DE PEGAÇÃO (Grindr, Tinder, Hornet)” (2015). O tom cômico em que as mensagens são lidas, incluindo um em que aparece alguém propondo um encontro “real com local no sigilo”, indiciam como tais dinâmicas metapragmáticas do armário são vistas como recorrentes, mas não bem avaliadas no vídeo. Outro exemplo sobre como estes vídeos indiciam como tais dinâmicas metapragmáticas do armário de outros contextos são acionadas está em 10 MOTIVOS GAYS PARA GOSTAR DA COPA (2014), no qual um dos motivos é a possibilidade de mostrar o rosto nos aplicativos, pois o país estaria lotado de gringos.

Nesse sentido, é relevante notar como o armário é recontextualizado/(re)entextualizado (BAUMAN; BRIGGS, 1990; BLOMMAERT, 2008) em diferentes contextos e como as relações entre estas diferentes formas compõem metapragmáticas distintas, por vezes se sobrepondo ou usando outras como base para que aconteçam avaliações e construções de discursos metapragmáticos que crie novas inteligibilidades a partir de diversas ordens indexicais.

“6 MANEIRAS DE CONTAR QUE É GAY” (2014), que é explicitamente metapragmático, apresenta em tom humorístico formas de se assumir a partir de coisas que tornaria isso “menos pior” para a família, amigos etc. Esse tipo de narrativa/sketch pressupõe certos índices sobre como sair do armário é normalmente avaliado como negativo socialmente e tenta mostrar que outras coisas podem ser consideradas piores. Neste vídeo, pode-se dizer que o canal tem a noção de que socialmente a saída do armário é avaliada como negativa, isto é, esta avaliação do armário é mais sedimentada. No

entanto, aqui ela é ironizada e, além disso, há uma tentativa de “desnaturalizar” isso de que sair do armário ser sempre uma situação dolorosa e trágica, como é marcado socialmente.

Este processo semiótico de desnaturalização (BUCHOLTZ; HALL, 2004; 2005) é uma estratégia recorrente no canal para a construção de metapragmáticas do armário gay nos vídeos. Por exemplo, há uma marcação da heterossexualidade, no sentido de desnaturalizá-la, como é possível ver nos vídeos “E SE SEU FILHO SE ASSUMISSE?” (2014) e “HETEROFOBIA NO FUTEBOL” (2014). Estes vídeos partem de uma inversão daquilo que é naturalizado ou sedimentado socialmente. Então, respectivamente, em vez de se naturalizar comportamentos homofóbicos de celebridades ao falarem de LGBTTs, são entrevistadas pessoas para quais é perguntado o que elas fariam se seus filhos se assumissem como tais celebridades homofóbicas e, em vez de se mostrar a homofobia como natural no futebol, se mostra como seria o cenário contrário.

Esta desnaturalização ocorre de maneira mais explícita e mais ampla por meio da sobreposição de metadiscursos sobre gênero e sexualidade no sketch de humor “MENINO OU MENINA? (com Oscar Filho e Mariana Armellini)” (2015) no qual há uma discussão/explicação, com recursos didáticos e identitariamente fixados, sobre se nasce ou não homem ou mulher e também gay, lésbica, transgênero e se diferencia identidade de gênero/sexual, conformidade de gênero/sexual e orientação sexual.

Outra estratégia de desnaturalização ocorre nos vídeos sobre gaydar: GAYDAR: É GAY OU HÉTERO (2015), LÉSBICA OU HÉTERO (TESTE SEU GAYDAR) (2016). Os vídeos fazem um teste nas ruas para saber se o gaydar realmente funciona. Para tal, escolhem mulheres e homens mais femininos ou masculinos (Figuras 8 e 9), baseando-se em vestuário, corpo, entre outros aspectos, para que as pessoas nas ruas adivinhem. O intuito do teste é mostrar que as percepções cotidianas não são acuradas e que são baseadas em estereótipos.

Figura 8 – Mulheres expostas à identificação “hetero” ou “lésbica” em vídeo



Fonte: Print de tela do vídeo “LÉSBICA OU HÉTERO (TESTE SEU GAYDAR)” (2016).

Figura 9 – Homens expostos à identificação “gay” ou “hétero” no vídeo



Fonte: Print de tela do vídeo “GAYDAR: É GAY OU HÉTERO” (2015)

Ao mesmo tempo em que “sistemas de significação se sobrepõem e se excluem mutuamente, trabalhando em uma lógica booleana que diz: ou se é homem ou se é mulher, sem espaços para contradições, deslizos, cisões e áreas borradas” (BORBA, 2014a), tal como acontece em metadiscursos/metapragmáticas sobre gênero, não é exatamente assim nos usos cotidianos, há também uma relação paradoxal/contraditória entre uma desnaturalização e uma naturalização da homossexualidade nos vídeos.

Isso ocorre, por exemplo, no sentido de legitimar/autenticar (BUCHOLTZ; HALL, 2004; 2005) o processo de se assumir como parte do desenvolvimento saudável ou caminho para a plenitude de uma identidade gay, o que remonta a uma tradição de estudos sobre armário da área de psicologia que promovem uma visão, muitas vezes, linear do processo de formação e desenvolvimento da identidade sexual gay. Tanto essa legitimação e autenticação presentes nas metapragmáticas do canal quanto estes estudos na área de psicologia e discursos dos movimentos gays corroboram aquilo que Sedgwick (1990) chamou de “epistemologia do armário”, isto é, uma forma de produzir conhecimento e

saber, inclusive identitários, que se baseia no armário e nas relações ideológicas entre público e privado e outros binarismos.

Isto mostra que há uma “tradição” ou um acúmulo/elemento histórico nestas avaliações e discursos metapragmáticos sobre armário, sedimentados por (meta)discursos interseccionados, nos quais se propõe uma naturalização de ser gay, uma espécie de biologização, isto é, não se torna/vira gay, mas se nasce assim e apenas se toma consciência disso, “se descobre”. É isto, por exemplo, que ocorre no vídeo “OPÇÃO SEXUAL?” (2014) no qual os apresentadores saem às ruas perguntando se as pessoas nasceram ou viraram heterossexuais ou homossexuais.

Neste caminho, a participação do psicólogo é fundamental por trazer uma voz de autoridade que apresenta conhecimento indiciado como científico-acadêmico sobre homossexualidade e corrobora as avaliações e orientações sobre o armário apresentadas nos vídeos do canal de um modo geral. Ele está presente sempre no quadro *Ajuda, Põe na Roda*, o qual é considerado um quadro um pouco mais sério. A utilização deste recurso discursivo dota o canal de uma perspectiva sobre o assunto que aparece em outros vídeos e é também utilizada por meio de vários recursos semióticos mencionados acima: performar como positiva a saída do armário e construir e iterar uma visão positiva de identidade gay, que se baseia enormemente na saída do armário, considerando isso como algo importante individual e coletivamente.

Esta saída do armário não é somente reiterada como o modelo a ser seguido, mas é também utilizada para construir relações com instituições, tais como igreja, escola, trabalho, que aparecem em vários vídeos. Isto indica que para falar sobre se assumir, estas instituições continuam sendo importantes e determinantes nas construções de nossas subjetividades. As relações entre estas instituições e o que o canal propõe em suas metapragmáticas do armário trazem imbricações nada simples. No entanto, em suas avaliações metapragmáticas, há uma tentativa de positivar estas relações ou dar certa unidade a elas, fazendo com que a saída do armário seja vista de forma mais linear, reduzindo-a assim a ações coordenadas e mais ou menos homogêneas.

Todos os recursos semióticos usados nos vídeos contribuem para uma ordem de indexicalidade que constitui uma unidade certa para uma metapragmática positiva da saída do armário, colocando-a como hierarquicamente superior a uma metapragmática que

colocaria “ser gay” no espaço privado e apagando estes discursos que circulam em outros contextos. Igualmente, há uma ordem de indexicalidade que gera uma relação entre armário e gênero que positiva a afeminação e a associa a se assumir como gay. Nestas ordens de indexicalidade projetadas no canal, a ausência de marcadores de raça na intersecção com as metapragmáticas do armário mostra como este é um elemento apagado neste contexto. Isto é um ponto a se refletir. Possivelmente, isso tem a ver com a homogeneização do armário que o canal produz. Todos os gays/lésbicas, independentemente de suas diferentes afinidades políticas, religiosas, raciais, etc. experimentam o armário de forma semelhante. Essa é a metapragmática que molda o armário produzido/projetado /reiterado pelo *Põe na Roda*. Este seria o principal rearranjos entre os efeitos pragmáticos do armário, as regulações produzidas por ele nos modos de subjetivação (homo)sexual dos seres que sentem desejo pelo mesmo sexo (mas não somente) e as táticas de resistência presentes nas ordens de indexicalidade apresentadas no conjunto de vídeos analisados, sendo que a tendência é a prevalência de aspectos que se conectam e reiteram heteronormas vinculada a projeções e forjamentos de identidades construídas e avaliadas a partir de binarismos redutivos.

Assim, vale destacar que estas ordens de indexicalidade são amarradas pelo fato de estar fora do armário é melhor, mais libertador e politicamente útil. Estar dentro do armário seria o oposto disso. Essas valorações são perigosas, pois esquecem que situadamente, pode-se escolher ficar no armário, de forma estratégica, como proteção de um ambiente hostil ou por outras razões. A heteronormatividade tem seus efeitos, o armário é um deles. Talvez um dos principais. O fato do canal apresentar esta política de “devemos todos sair do armário” é justamente um impacto da heteronormatividade que leva a formas de ser que forjem resistência a esse enquadramento social no qual se pressupõe uma heterossexualidade compulsória que se embasa numa forma retilínea entre conduta/desejo/afeto e, pior, uma hierarquização de outras formas de viver que destoam desta retilinidade.

Por fim, tendo em vista estas ordens de indexicalidade que se centram em binarismos, talvez uma forma de enfrentar o armário mais contundentemente seria minar essas categorias binárias, o que reorganizaria a função metapragmática do armários e seus discursos metapragmáticos. O poder de governo, vigilância e controle do armário está justamente nesses binarismos! Tornar-se *queer* é sair disso, do binário. É aceitar as contradições e os rearranjos que se apresentam e dar visibilidade a eles. Visibilidade nos

termos de Deleuze, isto é, torná-los dizíveis, pois é possível dizer muito mais do que esta dicotomização hegemônica nos subjetiva a ser e a viver.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O armário gay tem sido considerado um dispositivo de controle de sexualidade com pesquisas em diversas áreas do conhecimento. Esta é uma noção bastante produtiva, principalmente se tomamos a noção de Agamben (2005). Neste estudo, partimos de um ponto de vista dos estudos sobre linguagem, mais especificamente, metapragmático, para entender seu funcionamento. Para tal, por meio de uma abordagem etnográfica digital, buscou-se entender como ocorre o funcionamento metapragmático do armário gay por meio de sua indexicalização nos vídeos selecionados no canal *Põe na Roda*.

Tendo em vista a primeira pergunta de pesquisa - como são construídas, regimentadas e projetadas as metapragmáticas do dispositivo de sociabilidade/controlado de sexualidade conhecido como “armário” no canal do YouTube *Põe na Roda?*, pode-se dizer que o armário é um elemento importante nos processos de entextualização que ocorrem nestes vídeos. Ele também apresenta função e discursos metapragmáticos que são articulados a gênero e é avaliado metapragmaticamente de forma binária, sendo que estar fora dele é positivo e estar dentro dele, negativo.

Estes discursos e avaliações aparecem em todos os pontos e estão conectados para gerar certas coerências no canal *Põe na Roda*. As críticas e discussões feitas neste estudo não invalidam a posição do canal e muito menos implica dizer que sejamos contra o que tem sido feito no canal. O que tentamos mostrar é que isso não é tão simples e que estas metapragmáticas são regimentadas e podem ser interpretadas à luz de trajetórias discursivas, sociais e históricas de aspectos vinculados a homossexualidade, gênero e, especificamente, ao dispositivo conhecido como armário gay.

A partir da segunda pergunta - de quais formas os códigos de sociabilidade deste dispositivo, o armário, se constroem metapragmaticamente e se articulam e se relacionam com outros discursos metapragmáticos/metadiscursos e com outras esferas do público e privado construídas sócio-historicamente no Brasil para a (re)produção de diferença, desigualdade e resistência?; chegamos à conclusão que metadiscursos de gêneros e acadêmicos são bastante utilizados e que também as esferas de público e privado são definidas de forma a mostrar que estar fora do armário também é possível socialmente.

Para tal, o canal usa diversos recursos semióticos para construir seus discursos e avaliações metapragmáticas sobre o armário como um conjunto mais homogêneo e

simples. Tais estratégias indiciam uma série de acúmulos históricos que, além de ajudarem a organizar práticas vinculadas a performances e identidades gays, podem ser associados com determinadas formas de subjetivação homossexual e que apresentam certas cartografias comunicáveis sobre estes processos de subjetivação e sobre o que é possível dizer sobre o armário neste contexto específico. Cabe retomar que, devido ao recorte, no entanto, decidimos nos ater aos vídeos basicamente, porém, uma análise destes níveis de multimodalidade que amplia o leque de uso de recursos semióticos e a construção de discursos e avaliações metapragmáticas sobre o armário na plataforma é um ponto importante para futuras pesquisas.

Para responder à terceira pergunta de pesquisa - como este dispositivo cria e regimenta esferas de sociabilidade neste canal e como são construídas certas cartografias comunicáveis dentro dele?, podemos dizer que as funções, avaliações e discursos metapragmáticos sobre o armário gay que aparecem nos vídeos até aqui analisados são mobilizados para **construção de trajetórias narrativas coerentes vinculadas ao desenvolvimento de identidade gays** como um todo, seja de relações que se mantém como armário durante a vida em diversos âmbitos e contexto que somos expostos socialmente. Este processo é evidenciado pelas estruturações (como se percebeu, se assumiu, o processo de se contar para amigos, família etc.) e de como são tematicamente divididos (família, religião, trabalho, escola, amizade etc.) os vídeos sobre se estar no armário e sobre a vida fora dele, de ambos gays (VIVENDO, 2014; A VIDA, 2014) e lésbicas (LÉSBICAS, 2016).

Neste caminho, **as avaliações e discursos metapragmáticos mobilizados pelo canal contribuem para propiciar uma forma de estruturar/autenticar uma subjetivação coerente** (POVINELLI, 2016) vinculada à homossexualidade que seria baseada neste modelo de saída do armário e para qual ela seria essencial e extremamente positiva em contraposição à permanência no armário que é tida como negativa e ruim. Isso traz implicações para performances e construções identitárias gay tendo em vista a circulação do canal e de seus apresentadores, que possuem grande visibilidade e impacto na comunidade LGBT.

Esta forma de subjetivação se contrapõe a outras que podem acontecer socialmente. Como dito anteriormente, por exemplo, o fato de possivelmente o dispositivo de controle de sexualidade conhecido como armário gay funcionar a partir não somente de

uma repressão e controle da homossexualidade em prol da heterossexualidade, mas também como uma forma de repreender/controlar não-conformidade de gênero. Isso pode ser indício de uma forma de subjetivação, isto é, de uma forma de construção de pragmáticas íntimas que, por exemplo, tenha aceitado sua homossexualidade, mas não aceita a não-conformidade de gênero.

Tendo isto em vista, pode-se dizer que o armário, que em outros momentos históricos foi utilizado principalmente para forçar os indivíduos a não assumirem determinados tipos de sexualidade, hoje é usado, no contexto pesquisado, para que as pessoas assumam suas identidades sexuais. Assim, o que se fala ou diz do armário é o que o constitui. Mais ainda, elas podem existir mutuamente, sendo que sua valoração e avaliação será dependente do contexto de uso e de seus agentes. No caso do canal *Põe na Roda*, essas contradições tendem a ser apagadas.

De todo modo, percebe-se que há uma estruturação de subjetividades baseadas no armário como organizadoras das práticas vinculadas a identidade gay, o que não implica que não haja contradições. Uma das contradições do sair do armário é que ela implica em novas formas de controle, tais como se adequar a novas formas de ser que são valorizadas em comunidades gays, sendo que a não adequação pode, por exemplo, gerar discriminação dentro da comunidade gay.

Há de se pensar também no papel do armário como acumulador/sintetizador de uma história sobre orientações e avaliações sobre homossexualidade, mas há de se pensar nele como projetor também. Ele liga o passado e o futuro, principalmente por ser uma categoria com função metapragmática. Assim uma pergunta importante é: como este acúmulo é entextualizado/valorado pelo canal? O acúmulo é justamente utilizado para justificar um modo de estar no mundo, uma forma de se subjetivar que leva em conta expor sua sexualidade. Isto é a performance de dizer o que é importante para a construção de uma identidade sexual gay tanto individual quanto coletivamente.

Por fim, estas metapragmáticas identificadas sugerem construções identitárias/estruturas subjetivantes vinculadas à homossexualidade, as quais tem relações fortes com performance de gênero e revelam uma tendência a se binarizar entre positivo e negativo as avaliações sobre seu uso neste contexto. É possível, desta forma, entender como este dispositivo conhecido como armário cria certas integibilidades de interação e comunicação que constroem certas cartografias comunicáveis vinculadas a identidade

sexual gay neste. Isto é, o que é comunicável ao se assumir uma determinada posição político-ideológica com relação ao armário, sendo que a do canal é a que avalia a saída do armário como necessária e positiva. A noção de cartografias comunicáveis é, portanto, importante para entender como armário é usado socialmente e especificamente neste contexto, pois o canal faz exatamente isso:

Certos pontos de vista são mapeados como possíveis, necessário e naturais enquanto outros são negados ou apagados. Briggs localiza comunicabilidade em campos sociais particulares (Bourdieu, 1993). “Cartografias comunicáveis,” ele escreve, criam posições que conferem diferentes graus de acesso, agência e poder, recrutando pessoas para ocupá-las e as convida para construir práticas do fazer-se em seus próprios termos (Briggs, 2007^a:556) (SILVA, 2014, p. 09)³⁸.

É evidente que a interpelação para que os sujeitos se assumam/saiam do armário indica uma mudança cartográfica e uma subversão de uma lógica anterior vinculada ao armário que vem de uma noção de que as práticas e os sujeitos não-heterossexuais deveriam se manter na ordem do privado e indiciam um modo de se estruturar certa forma de subjetivação de uma identidade sexual gay.

³⁸ Certain viewpoints are mapped as possible, necessary and natural while others are denied or erased. Briggs locates communicability in particular social fields (Bourdieu, 1993). “Communicable cartographies,” he writes, “create positions that confer different degrees of access, agency and power, recruit people to occupy them, and invite them to construct practices of self-making in their terms” (Briggs, 2007a: 556). (SILVA, 2014, p. 09)

REFERÊNCIAS

ADAMS, T. E. Learning, living, and leaving the closet: Making gay identity relational. Graduate Theses and Dissertations. **Scholar Commons**, University of South Florida, 2008. Disponível em: <http://scholarcommons.usf.edu/etd/109>. Acesso em: ago/2017.

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo. Tradução: Nilcéia Valdati. **Outra Travessia**, Florianópolis, n. 5, 2005.

AGUILA, E. V. ‘God forgives the sin but not the scandal’: Coming out in a transnational context – between sexual freedom and cultural isolation. **Sexualities**, vol. 15(2), 2012, 207–224.

ALONGE, Wagner. Homossociabilidade midiática: do silenciamento aos relatos íntimos da auto-afirmação identitária em blogs gays. **Bagoas**, vol. 1, n. 1, 2007.

AMARAL, Adriana. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. **REVISTA USP**, São Paulo, n. 86, junho/agosto, 2010, p. 122-135.

BANNINK, A.; WENTINK, D. ‘I need to confess something’: Coming out on national television. **Discourse & Communication**, 2015, p. 1-25.

BARTON, Bernadette. How Like Perceives Like: Gay People on “Gaydar”. **Journal of Homosexuality**, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/00918369.2015.1091207>

BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles L. Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. **Annual Review of Anthropology**, vol. 19, 1990, p. 59–88.

BENOZZO, A. Coming out of the credenza: An Italian celebrity unveils his ‘new’ gay self. **Sexualities**, vol. 16(3/4), 2013, p. 336–360.

BIRNHOLTZ, J; *et al.* Identity, Identification and Identifiability: The Language of Self-Presentation on a Location-Based Mobile Dating App. **Proceedings of Mobile HCI 2014**, Toronto, Canada, September 23–26, 2014.

Blackwell, C.; *et al.* “Seeing and Being Seen: Co-Situation and Impression Formation in a Location-Aware Gay Dating App,” **New Media and Society**, n. 17 (7), 2015, p. 1117-1136.

BLOMMAERT, J. Social linguistics scales. **London: Working Papers Urban Language & Literacies**. London: King’s College, 2006.

BLOMMAERT, Jan. Contexto é/como crítica. In: _____. (org.) **Situar a linguagem**. São Paulo: Parábola, 2008, p. 91-115.

BLOMMAERT, Jan. **The sociolinguistics of Globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu** (UNICAMP. Impresso), v. 43, 2014a, p. 441-474.

BORBA, Rodrigo. **(Des) aprendendo a "ser"**: trajetórias de socialização e performances narrativas no Processo Transexualizador. 206 f. il. col. Tese (Doutorado) – Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014b.

BRIGGS, Charles. Mediating infanticide: Theorizing relations between narrative and violence. **Cultural Anthropology**, 22(3), 2007, p. 315-356.

BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Identity and interaction: a sociocultural linguistic approach. **Discourse Studies**, vol, 7 (4-5), 2005, p. 585-614.

BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Language and Identity. IN: BUCHOLTZ, M.; HALL, K. **Theorizing Identity in Language and Sexuality Research**. Language in Society, 2004, p. 369-394.

BUTLER, Judith. Regulações de Gênero. **cadernos pagu** (42), Campinas/SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu-Unicamp, 2014, p. 249-274.

BUTLER, J. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge, 1990.

CAMARGO, Wagner Xavier de.. **Circulando entre práticas esportivas e sexuais**: etnografia em competições esportivas mundiais LGBTs. 380 p. Tese (Doutorado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012

CAMARGO, Wagner Xavier de. Notas etnográficas sobre vestiários e a erotização de espaços esportivos. **Revista Ártemis**, Vol. XVII nº 1; jan-jun, 2014. p. 61-75.

CAMARGO, Wagner Xavier de. Circulação do Desejo: esporte, corpos atléticos e práticas de sexo. **Textura**, Canoas, n. 33, jan./abr. 2015, p. 110-138.

CAMERON, Deborah. Language, gender, and sexuality: current issues and new directions. **Applied Linguistics**, vol. 26/4, 2005, p. 482-502.

CERTEAU, Michel de. Práticas de Espaço. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHIRREY, D. A. 'I hereby come out': What sort of speech act is coming out? **Journal of Sociolinguistics**, vol 7 (1), 2003, p. 24-37.

_____. Formulating dispositions in coming out advice. **Discourse Studies**, vol. 13(3), 2011, p. 283–298.

_____. Reading the script: an analysis of script formulations in coming out advice texts. **Journal of Language and Sexuality**, vol. 1(1), 2012, p. 35-58.

CLARKE, V; SMITH, M. Not hiding, not shouting, just me: Gay men negotiate their visual identities. **Journal of Homosexuality**, número 62 (1), 2015, p. 4-32. Disponível em: <http://eprints.uwe.ac.uk/21153>

DAVIS, Alexander k. Epiphenomenology of the closet: Feeling and fashioning sexuality in everyday life. **Sexualities**, vol. 18 (8), 2015, p. 959-979.

DELEUZE, G. **Foucault**. 5ª edição. São Paulo, Brasiliense, 2005[1988].

DELEUZE, G. Rachar as coisas, rachar as palavras. IN: DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992, p. 105-117.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: . **O planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução de S. R. Netz. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-41.

FABRÍCIO, Branca F. The empire blogs back: Gendered and sexualized cultural “others” in superdiversified digital trajectories. **Discourse, Context and Media**, n. 4-5 (2014), p. 7–18.

FOUCAULT, M. Sobre a história da sexualidade. IN: _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, p. 243-276.

_____. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **A ordem do discurso**. 19ª ed. São Paulo: Loyola, 2009.

FREIRE, Lucas. Configurando Identidades: os múltiplos processos de construção de identidades homossexuais masculinas de jovens universitários no Rio de Janeiro. **Bagoas**, vol. 12, 2015, p. 217-239.

GAUDIO, R. P. (1994). Sounding gay: Pitch properties in the speech of gay and straight men. **American Speech**, n. 69, 1994, p. 30–57.

GUDELUNAS, David. There’s an App for that: The Uses and Gratifications of Online Social Networks for Gay Men. **Sexuality & Culture**, vol. 16, 2012, p. 347–365.

HERMAN, D. ‘I’m Gay’: Declarations, Desire, and Coming Out On Prime-Time Television. **Sexualities**, Vol 8(1), 2005, p. 7–29. DOI: 10.1177/1363460705049572.

HILIER, L.; HARRISON, L. Building Realities Less Limited Than Their Own: Young People Practising Same-Sex Attraction on the Internet. **Sexualities**, Vol 10(1), 2007, p. 82–100. DOI: 10.1177/1363460707072956

HINE, C. **Virtual Ethnography**. London, Sage, 2000.

HOLMES, Kwame. What’s the Tea: gossip and the production of Black gay social history. **Radical History Review**, n. 122, 2015, p. 55- 69.

HOLT, M.; GRIFFIN, C. Being gay, being straight and being yourself: Local and global reflections on identity, authenticity and the lesbian and gay scene. **European Journal of Cultural Studies**, Vol 6(3), 2003, p. 404–425.

IRVINE, J; GAL, S. Language ideology and linguistic differentiation. In: KROSKRITY, P. V. (Ed.) *Regimes of language: Ideologies, politics and identities*. Santa Fe, New Mexico: School of American Research Press, p.35-83. 2000.

JESUS, Diego S. V. de. O mundo fora do armário: teoria queer e relações internacionais. **Revista Ártemis**, Vol. XVII nº 1; jan-jun, 2014. p. 41-50.

KINTSCHNER, Fernanda. Software cultural: como o YouTube impactou o mundo e o Mato Grosso do Sul. **Anais do 5º Simpósio Internacional de Ciberjornalismo**, 27 a 29 de agosto de 2014, UFMS, Campo Grande/MS, 2014.

KROSKRITY, P. Language Ideology. In: DURANTI, A. (ed.) *A companion to linguistic anthropology*. Malden, MA, USA: Blackwell Publishing, 2004.

KULICK, D. Gay and Lesbian Language. **Annual Review of Anthropology**, vol. 29, 2000, p. 243-85.

LEAP, W. L; PROVENCHER, D. M. Language matters. **Journal of Homosexuality**. Vol. 58, Iss. 6-7, 2011.

LEPPÄNEN, S.; KYTÖLÄ, S. Investigating multilingualism and multisemioticity as communicative resources in social media. IN: MARTIN-JONES, M.; MARTIN, D. **Researching multilingualism: critical and ethnographic perspectives**. New York/London: Routledge, 2017.

LEVON, E. Hearing “Gay”: Prosody, Interpretation, and the Affective Judgments of Men’s Speech. **American Speech**, n. 81, 2006, p. 56-78.

LEVON, E. Sexuality in Context: Variation and the sociolinguistic perception of identity. **Language in Society**, n. 36, 2007, p. 533-54.

LIANG, C. Conversationally implicating lesbian and gay identity. In BUCHOLTZ, M; LIANG, A. C.; SUTTON, L (eds.), **Reinventing identities: the gendered self in discourse**. Oxford: OUP, 1999, p. 293-310.

MACK, S.; MUNSON, B. The influence of /s/quality on ratings of men’s sexual orientation: Explicit and implicit measures of the ‘gay lisp’ stereotype. **Journal of Phonetics**, n. 40, 2010.

MANNING, J. Coming out conversations and gay/bisexual men’s sexual health: A constitutive model study. In V. L. Harvey & T. Housel (Eds.), **Left out: Health care issues facing LGBT people**. Lanham, MD: Lexington Books, 2014a.

MANNING, J. Communicating sexual identities: A typology of coming out. **Sexuality & Culture**, 2014b.

- MANNING, J. Positive and Negative Communicative Behaviors in Coming-Out Conversations. **Journal of Homosexuality**, 00:1–31, 2014c.
- MARCUS, G. E. Ethnography in/of the world system: The emergence of multi-sited ethnography. **Annual Review of Anthropology**, n. 24, 1995, p. 95–117.
- MARSI AJ, Juan. P. Pereira. Gays ricos e bichas pobres: desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil. **Cadernos AEL: homossexualidade, sociedade, movimento e lutas**, Campinas, v. 10, n. 18/19, 2003, p. 129-145.
- MARTIN JR, A. L. **Trapped in a Generic Closet: Black-cast Television Sitcoms and Black Gay Men**. 259 f. Dissertation thesis. The University of Texas at Austin, 2015.
- MCGEE, P. L. Feminist Theology, Identity, and Discourse: A Closer Look at the ‘Coming Out’ of Sheryl Swoopes. **Feminist Theology**, vol. 19(1), 2010, p. 54–72.
- MELO, Glenda Cristina Valim de; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. “Você é uma morena muito bonita”: a trajetória textual de um elogio que fere. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n(54.1): 53-78, jan./jun., 2015.
- MELO, Glenda Cristina Valim de; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e homoerótico. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 14, n. 3, p. 653-673, set./dez. 2014
- MENDES, R. B. Diminutivos como marcadores de sexo/gênero. **Revista Linguística /Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Volume 8, número 1, jun, 2012.
- MENDES, R. B. What is ‘gay speech’ in São Paulo, Brazil. In: José Santaemília; Patricia Bou; Sergio Maruenda; Gora Zaragoza. (Orgs.). **International Perspectives on Gender and Language**. Valência: Universitat de València, 2007.
- MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 21, jan/jun. 2004, p 41-65.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10 ed. São Paulo: Hucitec. 2007.
- MISKOLCI, Richard. “Discreto e fora do meio” – *Notas sobre a visibilidade sexual contemporânea*. **Cadernos pagu** (44), campinas, janeiro-junho, 2015, p. 61-90.
- MISKOLCI, Richard. *Negociando visibilidades: segredo e desejo em relações homoeróticas masculinas criadas por mídias digitais*. **Bagoas**, n. 11, 2014, p. 51-78.
- MISKOLCI, Richard. *Machos e brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas online*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1) , janeiro-abril, 2013.

MISKOLCI, Richard. *O armário ampliado*: notas sobre a sociabilidade homoerótica na era da internet. **Gênero**, Niterói, v. 9, n. 2, 1º sem. 2009, p. 171-190.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. Em: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Organizador). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

NEVES JÚNIOR, Mário Martins. **A performatividade do gaydar no livro Cuidado! Seu príncipe pode ser uma cinderela. Guia prático para identificar um gay no armário** [manuscrito]. 183 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2012.

NOVELI, Marcio. Do *Off-line* para o *Online*: a Netnografia como um Método de Pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a Etnografia para a Internet? **Organizações em Contexto**, n. 12, julho-dezembro, 2010, p. 107-133.

PANFILI, Laura. "Vowel Duration and Perceptions of the Gay Accent" (2011). **Linguistics Honors Projects**, Macalester College, 2012, paper 7.

PINTO, Joana Plaza. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. **DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, vol. 23, São Paulo, PUC, 2007, p.1-26.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v.11, n.2, jul/dez. 2008. p. 263-274. Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/viewFile/5247/4295>. Acessado em 21 de julho de 2013.

PONTES, Herimatéia. A indexicalidade na construção discursiva de identidades sociais. **Revista do Gelne**, Piauí, v. 11, 2009, p. 27-40.

POVINELLI, Elizabeth. Pragmáticas Íntimas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 24(1): 406, janeiro-abril, 2016, p. 205-237. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n1p205>. Acesso em: Agosto/2016.

RAVEL, B.; RAIL, G. From Straight to Gaie? Quebec Sportswomen's Discursive Constructions of Sexuality and Destabilization of the Linear Coming Out Process. **Journal of Sport & Social Issues**, Volume 32, Number 1, 2008, p. 4-23.

RENDALL, Drew; VASEY, Paul L.; MCKENZIE, Jared. The Queen's English: An Alternative, Biosocial Hypothesis for the Distinctive Features of "Gay Speech". **Archives of Sexual Behavior**, n. 37, 2008, p. 188-204.

ROY, O. The colour of gayness: Representations of queers of colour in Québec's gay media. **Sexualities**, vol. 15(2), 2012, p. 175–190.

RULE, Nicholas O; AMBADY, Nalini. Brief exposures: Male sexual orientation is accurately perceived at 50 ms. **Journal of Experimental Social Psychology**, n. 44, 2008, p. 1100–1105

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos pagu**, Campinas, (28), janeiro-junho/2007:19-54.

_____. **Epistemology of the closet**. Berkeley/Los Angeles, California: University of California Press, 1990.

SEIDMAN, Steven. In the Closet. IN: _____. **Beyond the Closet: The Transformation of Gay and Lesbian Life**, Routledge, 2002, p. 22-59.

SIGNORINI, Inês. Metapragmáticas da Língua em uso: Unidades e níveis de análise. In: BLOMMAERT, J. (org.) Contexto é/como crítica. **Situar a linguagem**. São Paulo: Parábola, 2008, p. 117-148.

SILVA, Daniel. O texto entre a entextualização e a etnografia: um programa jornalístico sobre belezas subalternas e suas múltiplas recontextualizações. **Linguagem em (Dis)curso – L em D**, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, jan./abr. 2014, p. 67-84.

SILVERSTEIN, M. Language Structure and Linguistic Ideology. In: CLYNE, P.; HANKS, W.; HOFBAUER, C. (Eds.). **The Elements**. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1979. p.193-248.

SILVERSTEIN, M. The Secret Life of Texts. IN: SILVERSTEIN, Michael; URBAN, Greg. **The natural history of discourse**. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

SILVERSTEIN, Michael. Metapragmatic discourse and metapragmatic function. In: LUCY, J. (Org.) **Reflexive language: Reported speech and metapragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press. 1993, p. 33-58.

SILVERSTEIN, Michael; URBAN, Greg. **The natural history of discourse**. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

SMYTH, R.; JACOBS, G.; ROGERS, H. Male voices and perceived sexual orientation: An experimental and theoretical approach. **Language in Society**, n. 32, 2003, p. 329–350.

TEDESCO, S. As práticas do dizer e os processos de subjetivação. **Interação em Psicologia**, 2006, 10(2), p. 357-362.

URBAN, G. Entextualization, Replication, and Power. IN: SILVERSTEIN, Michael; URBAN, Greg. **The natural history of discourse**. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

URBAN, Greg. Metasemiosis and Metapragmatics. IN: **Encyclopedia of Language and Linguistics**, 2ª Ed., Vol. 8, 2006, p. 88-91.

VALENTOVA, J.; RIEGER G.; HAVLICEK, J.; LINSSENMEIER, J.A.W.; BAILEY, J.M. Judgments of sexual orientation and masculinity-femininity based on thin slices of behavior: A cross-cultural comparison. **Arch Sex Behav**, n. 40, 2011, p. 1145–1152.

VALENTOVA, J; HAVLÍČEK, J. Perceived Sexual Orientation Based on Vocal and Facial Stimuli Is Linked to Self-Rated Sexual Orientation in Czech Men. **PLoS ONE** vol. 8, n. 12, 2013, p. 1-6.

VANDERSTOUWE, C. J. “**Straight-ish**”: Constrained Agency and the Linguistic Constructions of Sexual Identities, Desires, and Practices among Men Seeking Men. 221 f. Tese de Doutorado. Santa Barbara: University of California, 2016.

VARIS, Piia. Digital Ethnography. **Tiburg Papers in Culture Studies**, Agosto, 2014. Disponível em http://www.productie.gx.uvt.nl/upload/c428e18c-935f-4d12-8afb-652e19899a30_TPCS_104_Varis.pdf. Acesso em: Novembro/2015.

VARIS, Piia; BLOMMAERT, Jan. Conviviality and collectives on social media: Virality, memes, and new social structures. **Multilingual Margins**, n. 2(1), 2015, p. 31-45.

WARD, J; WINSTANLEY, D. Coming out at work: Performativity and the recognition and renegotiation of identity. **The Sociological Review**, 53, 447–75, 2005.

WOOLARD, K. Language Ideology: issues and approaches. **Quarterly Publication of the International Pragmatics Association**. vol. 2, n. 3, 1992.

WOOLARD, K. A; SCHIEFFELIN, B. Language Ideology. **Annual Review of Anthropology**. Vol. 23, 1994, p. 55-82.

WOOD, K. Coherent identities amid heterosexist ideologies: deaf and hearing lesbian coming out stories. In.: BUCHOLTZ, M.; LIANG, A. C.; SUTTON, L. (eds.), **Reinventing identities: the gendered self in discourse**. Oxford:OUP, 1999, p. 46-63.

ZAGO, Luiz Felipe. "Armários de vidro" e "corpos-sem-cabeça" na biossociabilidade gay online. **Interface**, Botucatu, vol.17, n.45, 2013a, p. 973-986.

ZAGO, Luiz Felipe. “Caça aos homens disponíveis”: corpo, gênero e sexualidade na biossociabilidade gay online. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, n.13, 2013b, p. 83-98.

Zimman, L. “The other kind of coming out”: transgender people and the coming out narrative genre. **Gender and Language**, vol. 3(1), 2009, p. 53-80.

REFERÊNCIAS DOS VÍDEOS

(+18) A FEIRA DO SEXO: Erotika Fair (ft. Lorelay Fox e Fer Escarião). Apresentação, roteiro e edição: Pedro HMC. Produção e câmera: Gustavo Viotto. Publicado em: 23/03/2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=A3uq-nW1avk&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&index=45. Acesso em: 04/02/2017.

(+18) SÃO FRANCISCO: A CAPITAL GAY DO MUNDO - PÕE NA MALA. Reportagem: Pedro HMC e Fagner Carneiro. Edição: Pedro HMC. Publicado em: Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=oPFtlRfZ8Oc&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&index=3. Acesso em: 04/02/2017.

10 FILMES GAYS INCRÍVEIS PRA VOCÊ ASSISTIR. Publicado em: 13/03/2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yqSqfo3OZ3Y&index=4&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du. Acesso em: 04/02/2017.

10 MOTIVOS GAYS PRA GOSTAR DA COPA. Produtora: Canal *Põe na Roda*. Publicado em: 24/06/2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z1bGTBbUzz4>. Acesso em: 04/02/2017.

24 PERGUNTAS PARA: CATIA FONSECA. Produtora: Canal *Põe na Roda*. Publicado em: 13/12/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RpxCxmVEcTg&index=10&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du. Acesso em: 04/02/2017.

24 PERGUNTAS PARA: CONCHITA WURST | 24 Questions to Conchita Wurst. Produtora: Canal *Põe na Roda*. Publicado em: 12/07/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FkXAe_UGGfo&index=22&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du. Acesso: 04/02/2017.

24 PERGUNTAS PARA: INÊS BRASIL. Produtora: Canal *Põe na Roda*. Publicado em: 07/02/2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Cyot32mHkxE&index=6&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du. Acesso em: 04/02/2017.

24 PERGUNTAS PARA: LUBA. Produtora: Canal *Põe na Roda*. Publicado em: 29/07/2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cI0qtfCzKLY&t=15s>. Acesso em: 04/02/2017.

24 PERGUNTAS PARA: PEDRO HMC do *Põe na Roda*. Produtora: Canal *Põe na Roda*. Publicado em: 17/01/2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T7IS6D4i2qs&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&index=8. Acesso em: 04/02/2017.

24 PERGUNTAS PARA: PEPÊ E NENÉM. Produtora: Canal *Põe na Roda*. Publicado em: 24/04/2016. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=WFI3k7wsaDo&index=1&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du. Acesso em: 04/02/2017.

6 MANEIRAS DE CONTAR QUE É GAY. Direção: Eduardo Garcia e Nelson Sheep. Roteiro: Pedro HMC. Edição: Pedro HMC e Nelson Sheep. Produção: Tomada Produção e Maíra Rosin. Publicado em: 02/09/2014. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=iPKRoYyrQQs&index=40&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du. Acesso em: 04/02/2017.

ABUSO SEXUAL NA ESCOLA – Ajuda, *Põe na Roda* (LÉSBICAS). Produtora: Canal *Põe na Roda*. Publicado em: 27/05/2015. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=UMzMYdwjrcs&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&index=25. Acesso em: 04/02/2017.

A VIDA FORA DO ARMÁRIO. Direção: Felipe Abe, Nelson Sheep e Pedro HMC. Edição: Pedro HMC. Publicado em: 15/07/2014. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=A3uq-nW1avk&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&index=45. Acesso em: 04/02/2017.

AFEMINADO (Paródia de Exagerado do Cazuza). Edição: Nelson Sheep. Produtora: Canal *Põe na Roda*. Publicado em: 09/09/2015. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=QMMHgl0sNO8&index=17&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du. Acesso em: 04/02/2017.

AFEMINADOS - *Põe na Roda* Repórter. Produtora: Canal *Põe na Roda*. Publicado em: 20/05/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=590XXan-Y_Y&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&index=26. Acesso em: 04/02/2017.

APAIXONADO PELO AMIGO HÉTERO - Ajuda, *Põe na Roda*. Direção: Nelson Sheep. Edição: Pedro HMC e Nelson Sheep. Publicado em: 04/11/2015. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=6yTVPQDKh9w&index=12&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du. Acesso em: 04/02/2017.

COMO CONTAR QUE É GAY PRA CRIANÇAS? – Ajuda, *Põe na Roda*. Direção: Nelson Sheep. Edição: Pedro HMC. Publicado em: 13/02/2016. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=xvrdQnocGFA&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&index=5. Acesso em: 04/02/2017.

DAR PINTA, GRINDR, AMIGO NO ARMÁRIO - Glorinha KY. Direção: Nelson Sheep. Roteiro e edição: Pedro HMC. Publicado em: 26/08/2014. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=9G1vnZTGPrk&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&index=41. Acesso em: 04/02/2017.

DIA DO ORGULHO HÉTERO. Direção: Pedro HMC e Nelson Sheep. Roteiro: Pedro HMC. Edição: Pedro HMC e Nelson Sheep. Publicado em: 24/02/2015. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=JO9bTgpxKsU&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&index=33. Acesso em: 04/02/2017.

E SE FOSSE COM VOCÊ? (Por que criminalizar a homofobia?). Produtora: Canal *Põe na Roda*. Publicado em: 09/09/2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KXYtmju2mkw>. Acesso em: 04/02/2017.

E SE SEU FILHO SE ASSUMISSE...? Direção e Reportagem: Felipe Abe, Nelson Sheep e Pedro HMC. Roteiro: Pedro HMC. Edição: Nelson Sheep e Pedro HMC. Publicado em: 25/11/2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fwYDGcNYx0M&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&index=38. Acesso em: 04/02/2017.

FÉRIAS: RETROSPECTIVA PARTE 2. Direção, Roteiro e Edição: Pedro HMC. Publicado em: 06/01/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kBQvkBkQu9I&index=38&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du. Acesso em: 04/02/2017.

FÉRIAS: RETROSPECTIVA PARTE 3. Direção, Roteiro e Edição: Pedro HMC. Publicado em: 13/01/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4iMlvCxbzl8&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&index=37. Acesso em: 04/02/2017.

FILHOS COM DUAS MÃES – Ajuda, *Põe na Roda*. Produtora: Canal *Põe na Roda*. Publicado em: 27/05/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=k9cF9OtoMgc&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&index=24. Acesso em: 04/02/2017.

FIO TERRA, APAIXONADA PELA AMIGA, SEXO NO CASAMENTO - AJUDA, *PÕE NA RODA*. Produtora: Canal *Põe na Roda*. Publicado em: 18/02/2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sXQK68uWneE>. Acesso em: 04/02/2017.

GAROTAS HÉTERO PERGUNTAM (ft. Kéfera, Dani Calabresa e Rosana). Produtora: Canal *Põe na Roda*. Publicado em: 01/07/2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pAVyh4TKf08>. Acesso em: 04/02/2017.

GAYDAR: É GAY OU HÉTERO? Produtora: Canal *Põe na Roda*. Publicado em: 03/02/2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1Fn4yo1TzPw>. Acesso em: 04/02/2017.

GAYME: Mães e filhos gays. Direção: Pedro HMC e Nelson Sheep. Edição: Pedro HMC. Publicado em: 06/05/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_vLq2X68xEk&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&index=27. Acesso em: 04/02/2017.

GAYME: Pais e filhos gays. Produtora: Canal *Põe na Roda*. Publicado em: 05/08/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_Rx9BhQBkMA&index=19&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du. Acesso em: 04/02/2017.

GAYS DE IPANEMA. Publicado em: 04/11/2014. Produtora: Canal *Põe na Roda*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zS4k_0UMgSo. Acesso em: 04/02/2017.

G0Y (com Fábio Rabin). Publicado em: 29/04/2014. Produtora: Canal *Põe na Roda*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TfSaWOHLxbE>. Acesso em: 04/02/2017.

HERÓIS GAYS NA COMIC CON 2015 #CCXP. Roteiro: Pedro HMC. Edição: Nelson Sheep. Publicado em: 09/12/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CRuveXSYHVA&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&index=11. Acesso em: 04/02/2017.

HETEROFOBIA NO FUTEBOL. Direção: Maíra Rosin. Roteiro: Pedro HMC. Edição: Duh Abe. Publicado em: 03/06/2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xOE3j5t97GY&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&index=48. Acesso em: 04/02/2017.

HÉTÉROS RESPONDEM pt 1 (Divas Pop /Ativo ou Passivo? /Homofobia). Direção: Pedro HMC e Nelson Sheep. Roteiro: Pedro HMC. Edição: Pedro HMC e Nelson Sheep. Publicado em: 10/03/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hpjrBFty2DQ&index=32&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du. Acesso em: 04/02/2017.

HOMEM de Gelo Gay, Novo cenário do Jornal Nacional, Repórter Assaltada - Notícias de Quinta #5. Produtora: Canal *Põe na Roda*. Publicado em: 30/04/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=tbOAxjVR0jk&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&index=28. Acesso em: 04/02/2017.

LÉSBICA OU HÉTÉRO? (TESTE SEU GAYDAR). Direção e edição: Nelson Sheep e Pedro HMC. Roteiro: Pedro HMC. Publicado em: 06/01/2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ywlvd8RfdD0&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&index=9. Acesso em: 04/02/2017.

LÉSBICAS FORA DO ARMÁRIO. Direção e edição: Nelson Sheep e Pedro HMC. Roteiro: Pedro HMC. Publicado em: 06/01/2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RijrMFMmjtA&index=7&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du. Acesso em: 04/02/2017.

MÃE SEMPRE SABE? (Como é ter filho gay ou lésbica?). Direção: Pedro HMC e Nelson Sheep. Edição e roteiro: Pedro HMC. Publicado em: 06/05/2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=51szJQIwumw&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&index=49. Acesso em: 04/02/2017.

MÃES LEEM APPS DE PEGAÇÃO (Grindr, Tinder, Hornet...). Direção: Nelson Sheep. Edição: Pedro HMC e Nelson Sheep. Publicado em: 21/10/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=4i6ftC6-rMc&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&index=13. Acesso em: 04/02/2017.

MENINO OU MENINA? (com Oscar Filho e Mariana Armellini). Direção: Pedro HMC e Eduardo Garcia. Roteiro: Pedro HMC. Edição: Pedro HMC e Nelson Sheep. Publicado em: 14/04/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=VEqHtKVaxx8&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&t=10s&index=30. Acesso em: 04/02/2017.

NAMORADO AFEMINADO? - Ajuda, *Põe na Roda*. Direção e edição: Nelson Sheep. Publicado em: 30/03/2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ar3vIrOwddU&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&index=2. Acesso em: 04/02/2017.

NAMORO GAY DURA MENOS? Ajuda, *Põe na Roda*. Produtora: Canal *Põe na Roda*. Publicado em: 25/09/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yucNdwEseAk&index=16&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du. Acesso em: 04/02/2017.

NÃO BASTA SÓ SER PAI (Como é ter filho gay?). Direção: Pedro HMC e Nelson Sheep. Edição: Pedro HMC. Produção: Rick Dourado e Nelson Sheep. Publicado em: 05/08/2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eNErLUZcUAc&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&index=43. Acesso em: 04/02/2017.

NÃO É POR SER GAY QUE EU... Produtora: Canal *Põe na Roda*. Publicado em: 22/04/2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=f5E5U_LO2c4&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&index=50. Acesso em: 04/02/2017.

O QUE TEM NA PARADA GAY DO RIO? Produtora: Canal *Põe na Roda*. Publicado em: 19/11/2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TUKdNt-xJXo>. Acesso em: 04/02/2017.

OPÇÃO SEXUAL? Direção: Pedro HMC e Nelson Sheep. Edição: Pedro HMC. Publicado em: 19/08/2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LvwXq1cUHAM&index=47&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du. Acesso em: 04/02/2017.

PALAVRA DO SENHOR (A BÍBLIA E OS GAYS). Direção: Nelson Sheep. Roteiro: Pedro HMC. Edição: Nelson Sheep e Pedro HMC. Publicado em: 09/12/2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cBXmUi-Vk8A&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&index=40. Acesso em: 04/02/2017.

RELACIONAMENTO ABERTO – Ajuda, *Põe na Roda*. Produtora: Canal *Põe na Roda*. Publicado em: 14/10/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cM-S4BEAs-Q&index=15&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du. Acesso em: 04/02/2017.

SAINDO DO ARMÁRIO NO NATAL - Paródia de Então é Natal. Direção: Rapha Velles. Roteiro: Pedro HMC. Edição: Nelson Sheep e Pedro HMC. Publicado em: 23/12/2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HiI4i_w-q1g&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&index=36. Acesso em: 04/02/2017.

THE WALKING DRAG. Direção: Rapha Velles. Roteiro: Pedro HMC. Edição: Nelson Sheep e Pedro HMC. Publicado em: 28/10/2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=COZiZUW2dvU&index=39&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du. Acesso em: 04/02/2017.

TRAVESTIS NA TV - Sauna Justa: Travestis e Transexuais (parte 2). Produtora: Canal *Põe na Roda*. Publicado em: 13/08/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=muhsfV0xvVE&t=18s&index=18&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du. Acesso em: 04/02/2017.

TROCA-TROCA, CHUCA SAUDÁVEL, TAMANHO DO PÊNIS - AJUDA, *PÕE NA RODA*. Direção e edição: Nelson Sheep. Publicado em: 24/03/2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=d4gUkGHWyNc&index=30&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du. Acesso em: 04/02/2017.

URSOS - *Põe na Roda* Repórter. Produtora: Canal *Põe na Roda*. Publicado em: 10/02/2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9ftfLwPP9zA>. Acesso em: 04/02/2017.

VAMOS ROUBAR SUAS NAMORADAS. Produtora: Canal *Põe na Roda*. Publicado em: 10/06/2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hWBOFtOcsAA&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&index=47. Acesso em: 04/02/2017.

VENDE VIADO? (feat Rafinha Bastos e Gustavo Mendes). Direção e edição: Eduardo Garcia. Roteiro: Pedro HMC. Produção: Rick Dourado e Maíra Rosin. Publicado em: 22/07/2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_wr5RjxCgig&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&index=44. Acesso em: 04/02/2017.

VIRGINDADE, TIMIDEZ E GAYS AFEMINADOS - Ajuda, *Põe na Roda*. Produtora: Canal *Põe na Roda*. Publicado em: 15/10/2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JcWGmQ-f77M&index=14&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du. Acesso em: 04/02/2017.

VIVENDO NO ARMÁRIO: GAYS NÃO ASSUMIDOS. Direção e edição: Felipe Abe, Nelson Sheep e Pedro HMC. Produção: Maíra Rosin. Publicado em: 08/07/2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JfLFn345Cm0&list=PLtq3covp3qfh_x9ghcaCNM90tFdV9U-du&index=46. Acesso em: 04/02/2017.

XINGAR OS GAYS NÃO FAZ SENTIDO (com Nany People). Produtora: Canal *Põe na Roda*. Publicado em: 17/06/2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9EX0vyMIFRA>. Acesso em: 04/02/2017.

APÊNDICE

APÊNDICE A – TABELA DOS VÍDEOS

TABELA DE VÍDEOS (Todos os dados foram retirados do YouTube no dia 23/09/2016)									
Título	Data de publicação	Visualizações	Curtidas	Descu- rtidas	Quadro	Gênero	Tema	Descrição (abaixo) do vídeo no YouTube	Trecho sobre armário
(+18) SÃO FRANCISCO: A CAPITAL GAY DO MUNDO - PÕE NA MALA	23/03/2016	172.096	11.752	83	Põe na Mala	Reportagem	Viagem a São Francisco	São Francisco é a cidade da liberdade, onde você pode até andar pelado no meio da rua. O bairro de Castro é o reduto gay mais conhecido do planeta e o destino que o Põe na Mala escolheu pra te mostrar neste vídeo. Vem conhecer o lugar que revelou Harvey Milk, o primeiro político assumidamente gay eleito nos anos 70 e que mudou as nossas vidas para sempre.	Harvey Milk primeiro político assumidamente gay ser eleito; durante entrevista, pergunta se eram abertamente gay seus colegas gays
10 FILMES GAYS INCRÍVEIS PRA VOCÊ ASSISTIR - <i>Põe na Roda</i>	13/03/2016	348.094	18.581	141	Vlog ocasional	Vlog	Indicações de filmes	10 Filmes pra você que, assim como a gente - e diferente do Benedito Ruy Barbosa - adora histórias de bicha!	Ao contar as sinopses fala sobre assumir-se
10 MOTIVOS GAYS PRA GOSTAR DA COPA	24/06/2014	249.259	10.071	123	Sketch	Sketch	Gays na copa	Tá tendo Copa sim e saiba o porquê da gente gostar muito disso... =P BASTIDORES: http://youtu.be/PVAWz0tgwfm	Mostrar o rosto no aplicativo

24 perguntas para: Catia Fonseca - <i>Põe na Roda</i>	13/12/2015	141.627	11.417	68	24 perguntas	Entrevista	Entrevista geral	Rainha dos merchans e apresentadora do "Mulheres", Cátia Fonseca encarou todas as nossas 24 perguntas... até mesmo lypinc de Cher e desafio de um merchan surpresa e nada convencional... :o	Sobre tirar as pessoas do armário a força; o que faria se descobrisse que o filho fosse gay
24 Perguntas para: Conchita Wurst 24 Questions to Conchita Wurst	12/07/2015	206.157	10.633	117	24 perguntas	Entrevista	Entrevista geral	Depois de Preta Gil (https://youtu.be/WXt8wF89mZQ) e Harry Louis (https://youtu.be/-Utvsf6thKM) responderem às 24 Perguntas do <i>Põe na Roda</i> , chegou a vez da incrível Conchita Wurst, a drag-queen austríaca ganhadora do Eurovision 2014.	Conselho para alguém no armário
24 Perguntas para: Luba	29/07/2015	405.611	33.941	448	24 perguntas	Entrevista	Entrevista geral	Depois de Preta Gil, Harry Louis e Conchita Wurst, chegou a vez do Luba encarar as 24 Perguntas do <i>Põe na Roda</i> ! Sugira um próximo convidado nos comentários!	Sobre como foi se assumir
24 perguntas para: Pedro HMC do <i>Põe na Roda</i>	17/01/2016	212.891	16.568	147	24 perguntas	Entrevista	Entrevista geral	Como surgiu o canal? Que ajuda teve quando se descobriu gay? E você e o Nelson? E essa história de GGG? Qual vídeo mais emocionante? Pedro HMC, criador do canal <i>Põe na Roda</i> , respondeu 24 das perguntas feitas por VOCÊS!	Descoberta; o ato de assumir; etc.

24 perguntas para: Pepê e Neném - <i>Põe na Roda</i>	24/04/2016				24 perguntas	Entrevista	Entrevista geral	INSCREVA-SE NO CANAL: https://goo.gl/4J9r9d OUTROS 24 PERGUNTAS: https://goo.gl/SjzHbN Agradecimentos: Bruno Legítimo e Festa Megazord	Pergunta 2 – Por que vocês decidiram revelar ao público que são lésbicas? Pergunta 4 – Acha que é mais fácil ser uma celebridade assumida publicamente ou viver no armário? Pergunta 5 – Quem descobriu e se assumiu antes? Pergunta 6 – Qual foi a reação da família quando perceberam que as duas eram lésbicas?
6 MANEIRAS DE CONTAR QUE É GAY	02/09/2014	538.677	19.158	430	Sketch	Sketch	Sketch humorístico sobre como contar que é gay	Ainda não sabe como sair do armário? Aqui temos 6 sugestões! :P	Todo o vídeo

ABUSO SEXUAL NA ESCOLA – Ajuda, <i>Põe na Roda</i> .	27/05/2015	137.894	6.855	55	Ajuda, <i>Põe na Roda</i>	Programa semanal tira-dúvidas	O que fazer no caso de abuso na escola	Elas pediram e nós obedecemos! Está no ar a edição lésbica do "Ajuda, <i>Põe na Roda</i> ", que vai discutir as perguntas enviadas pela audiência. Desta vez, dividimos o programa em quatro partes, para facilitar a vida de todo mundo. Como sempre, nós contamos com as orientações de um especialista em comportamento humano e sexualidade, o Dr Cláudio Picazio.	Aconselha contar para mãe que sofreu abuso, mas não assumir
A VIDA FORA DO ARMÁRIO	15/07/2014	462.082	19.228	94	Reportagem	Reportagem	Entrevista com assumidos	Já falamos de quem vive no armário. Mas como é a vida de quem está fora dele? Entenda também porque chocolate é melhor do que brócolis.	Todo o vídeo
AFEMINADO (Paródia de Exagerado do Cazuza)	09/09/2015	215.039	12.025	420	Paródia	Paródia	Paródia - sobre afeminação	E se todo gay afeminado, que sofre com o julgamento de outros gays que se consideram machões, resolvessem se vingar...	Afeminados não vivem no armário
AFEMINADOS - <i>Põe na Roda</i> Repórter	20/05/2015	356.332	13.934	168	<i>Põe na Roda</i> Reporter	Reportagem	Entrevista com afeminados	Afeminados: Quem são? Como vivem? Como botam a cara no sol? O que tem a dizer pra os que dizem "Não sou e nem curto afeminados"? Gosto ou Preconceito? É o que fomos investigar na 4ª edição do <i>Põe na Roda</i> Repórter.	Associa-se ser feminino a estar fora do armário; fala-se em enrustidos

APAIXONADO PELO AMIGO HÉTERO - Ajuda, <i>Põe na Roda</i>	04/11/2015	248.030	11.495	102	Ajuda, <i>Põe na Roda</i>	Programa semanal tira-dúvidas	Apaixonar-se por amigo hétero	Ele é gay e se apaixonou perdidamente pelo melhor amigo hétero. E agora? Neste vídeo, recebemos a presença do Mateus Almada e Mauricio Barcellos, protagonistas do filme com temática gay "Beira-Mar", que estreia nos cinemas dia 5 de novembro de 2015.	Descobrir se o amigo é gay
COMO CONTAR QUE É GAY PRA CRIANÇAS? - Ajuda <i>Põe na Roda</i>	13/02/2016	143.412	12.447	64	Ajuda, <i>Põe na Roda</i>	Programa semanal tira-dúvidas	Como se assumir para criança	Matheus quer saber se deve ou não (e se sim, como?) contar para as sobrinhas crianças, que o tio delas é gay?	Todo o video
DAR PINTA, GRINDR, AMIGO NO ARMÁRIO - Glorinha KY	26/08/2014	327.125	16.475	204	Sketch	Sketch	Sketch com dicas	Dúvidas de etiqueta e comportamento? Agora você tem para quem perguntar! Porque chic é ser uma bitch inteligente.	Como dar menos pinta nos jantares de família (1:00) Amigo no armário: como proceder? Como fazer para ele sair? (4:35)
DIA DO ORGULHO HÉTERO	24/02/2015	419.207	28.994	462	Sketch	Sketch	Paródia sobre projeto de lei sobre heterofobia	Afinal, por que o projeto da criação do "Dia do Orgulho Hétero", do deputado, ativista e militante do movimento hétero, Eduardo Cunha, é tão fundamental?	Ator aparece como se estivesse no armário (1:00)
E SE FOSSE COM VOCÊ? (Por que criminalizar a homofobia?)	09/09/2014	447.875	28.470	218	Reportagem	Reportagem	Relatos de homofobia	Por que criminalizar? Sabia que até heterossexual já sofreu homofobia? Quantos gays são alvo de violência homofóbica no país? O que fazer? O por quê é tão preciso criminalizar este tipo de agressão. #ESeFosseComVoce	Início: se assumem como gays/hetero/trans

E SE SEU FILHO SE ASSUMISSE...?	25/11/2014	475.198	23.664	365	Sketch	Sketch	Sketch parodiando celebridades homofóbicas	Saímos pra perguntar e descobrimos muita gente que não aceitaria seus parentes se eles fossem desta forma... nem a Dani Calabresa!	Todo o vídeo é baseado nele
FÉRIAS: RETROSPECTIVA PARTE 2	06/01/2015	73.875	4.111	17	Retrospectiva	Retrospectiva	Comentam os vídeos do ano	Na segunda parte da Retrospectiva 2014, conversamos com a Nany People sobre sua participação no vídeo "Xingar os gays não faz sentido" e também entrevistamos o Luis, que se assumiu gay publicamente no vídeo "Final, o que tem dentro do armário" sobre o porquê tomou esta decisão e como foi a reação da sua família. Também trouxemos Fagner Carreiro, Tiago Marinho e Maíra Rosin pra falarem sobre suas participações nos vídeos "10 Motivos pra Gostar da Copa", "Vamos Roubar Suas Namoradas", "Mulheres Heterossexuais Perguntam" e "Heterofobia no Futebol"	Comentam videos em que o armário aparece

FÉRIAS: RETROSPECTIVA PARTE 3	13/01/2015	59.872	3.408	15	Retrospec tiva	Retrospectiva	Comentam os vídeos do ano	Na terceira edição da nossa Retrospectiva 2014, comentamos com convidados os vídeos “Não Basta ser Pai”, que emocionou tanta gente, “Vende Viado”, com participação de Rafinha Bastos, nossa primeira reportagem de rua em “Opção Sexual”, a primeira edição de “Glorinha KY”, o vídeo com gays assumidos “E dentro do armário”, além do “Coisas que Gays Cansaram de Ouvir”.	Comentam vídeos em que o armário aparece
FILHOS COM DUAS MÃES – Ajuda, <i>Põe na Roda</i> .	27/05/2015	136.381	4.842	102	Ajuda, <i>Põe na Roda</i>	Programa semanal tira- dúvidas	Casais de mães homossexuais	Elas pediram e nós obedecemos! Está no ar a edição lésbica do "Ajuda, <i>Põe na Roda</i> ", que vai discutir as perguntas enviadas pela audiência. Desta vez, dividimos o programa em quatro partes, para facilitar a vida de todo mundo. Como sempre, nós contamos com as orientações de um especialista em comportamento humano e sexualidade, o Dr Cláudio Picazio.	Filhos tem de assumir os pais; dúvida se é lésbica

FIO TERRA, APAIXONADA PELA AMIGA, SEXO NO CASAMENTO - AJUDA, PÕE NA RODA	18/02/2015	240.375	9.256	92	Ajuda, Põe na Roda	Programa semanal tira-dúvidas	Respondendo a perguntas dos internautas	Recebemos muitos e-mails com pedidos de ajuda de todo o Brasil. Sendo assim, decidimos criar este programa, onde nos propomos a ajudar, dando nossa opinião, além de contar com um especialista em comportamento humano e sexualidade, o Dr Cláudio Picazio.	"A gente recebe perguntas dos os dias sobre se assumir..." (1:30) "se apaixonar pelo amigo hétero é uma forma de não se assumir pra si/outros..." (13:00) "ele precisa contar pra ela..." (17:00) "Mas você sente que ele é gay..." (21:40)
GOY (com Fábio Rabin)	29/04/2014	747.630	21.536	218	Sketch	Sketch	Se assumir goy	"Mãe, eu sou g0y!" Sim, eles existem: http://www.superpride.com.br/2014/04/...	Início: mãe eu preciso te falar uma coisa... Mãe sempre sabe... Galãs de novela são goy (aliás, gay no armário)
GAROTAS HÉTERO PERGUNTAM (ft. Kéfera, Dani Calabresa e Rosana)	01/07/2014	645.672	24.077	294	Quizz	Quizz	Perguntas de mulheres hetero pra gay	Agora sanamos as dúvidas DELAS. Pq gays são lindos? (dúvida q + ouvimos na pesquisa com mulheres) Como sabem quem é ativo ou passivo? E +! Kéfera, Dani Calabresa, Rosana, Mayara Lepre e Maíra Rosin: aqui estão as suas respostas!	Pergunta: Qual o melhor jeito de saber se o cara é gay ou hétero?
GAYDAR: É GAY OU HÉTERO?	03/02/2015	590.546	18.730	179	Reportagem	Reportagem	Gaydar	GAYDAR LÉSBICAS: https://goo.gl/szBPBL Saímos às ruas para testar se essa história de GAYDAR é verdade ou mito... E você? Será que seu gaydar acerta quem é gay ou hétero? Comente abaixo seu resultado! ;)	Todo o vídeo

GAYME: Mães e filhos gays.	06/05/2015	274.869	12.990	77	GAYME	Quizz	Quizz sobre se conhecerem	A 1ª competição entre mães e filhos gays é o que você vai conferir na 1ª edição do Gayme Show, o novo game do <i>Põe na Roda!</i> Filho, quando sua mãe percebeu que você era gay? Mãe, quantos namorados seu filho já teve? Seu filho é ativo ou passivo? Uma disputa onde não basta apenas mostrar que aceita ou entende, mas sim quem sabe mais sobre sua mãe ou seu filho gay!	Pergunta se até ele contar que era gay, ela desconfiava. "Você nunca falou..."
GAYME: Pais e filhos gays.	05/08/2015	223.788	13.170	92	GAYME	Quizz	Quizz sobre se conhecerem	Depois dos gaymes de Dia dos Namorados (https://youtu.be/-qHw_pqOepM) e Dia das Mães (https://youtu.be/_vLq2X68xEk), chegou a vez de jogar com pais e seus filhos gays pra descobrir qual o pai mais lacrador do Brasil!	Pergunta se até ele contar que era gay, ele desconfiava. "Gostar de dar pinta..." "Até então era enrustido..."
GAYS DE IPANEMA	04/11/2014	517.460	15.152	218	Reportagem	Reportagem	Praia gay	Não é só a garota que chega mais linda, mais cheia de graça por Ipanema nos dias de hoje! Fomos conhecer a Praia de Ipanema e a Rua Farne de Amoedo, maior point gay do Rio de Janeiro, quiçá do Brasil! rs E olha só o que e quem encontramos por lá, com direito até a presença de famosos!	?
HERÓIS GAYS NA COMIC CON 2015 #CCXP - <i>Põe na Roda</i>	09/12/2015	158.686	10.239	101	Reportagem	Reportagem	Reportagem	A cobertura mais lacradora da Comic Con 2015! Os melhores Cosplay, descubra herói gay, lésbica e até trans nas HQ! Qual pior vilão? Você se dá bem no Gaydar Heróis? E afinal: o que rola entre Batman e Robin? Dá o play, curte e compartilha!	gaydar; super herois se assumindo gays
HETEROFOBIA NO FUTEBOL	03/06/2014	236.447	9.435	275	Sketch	Sketch	Inversão de padrões (homonormatividade)	BASTIDORES: https://www.youtube.com/watch?v=6W3wz... "Bicha", "Viado", "Ei, Galvão, vai tomar..."... E se esse jogo fosse ao contrário?	No meio do video: "deveria se assumir hetero"

HÉTÉROS RESPONDEM pt 1 (Divas Pop /Ativo ou Passivo? /Homofobia)	10/03/2015	455.030	18.818	173	Quizz	Quizz	Entrevista com temas gays	Você já foi homofóbico? Quem seria sua diva pop? Estas e outras dúvidas de gays são respondidas por heterossexuais na primeira edição de GAYS PERGUNTAM X HÉTÉROS RESPONDEM, com participações muito especiais de Mateus Verdelho, @LubaTV, além de Pedro Lemos, @RafinhaSanchezTV, @JBanguela e Bruno Sutter do @amadafoca	Relação entre ser homofóbico e não se assumir.
Homem de Gelo Gay, Novo cenário do Jornal Nacional, Repórter Assaltada - Notícias de Quinta #5	30/04/2015	86.734	5.865	120	Sketch	Sketch	Noticias	NESTA EDIÇÃO: Imposto de Renda /Homem de Gelo é Gay /Novo cenário do Jornal Nacional /Repórter da Globo Assaltada /Marta Suplicy sai do PT /E outras notícias!	Fala sobre o homem de gelo sair do armário;
LÉSBICA OU HÉTÉRO? (TESTE SEU GAYDAR) - <i>Põe na Roda</i>	06/01/2016	441.769	26.725	208	Reportagem	Reportagem	Gaydar	Será que aquela história de gaydar funciona com as garotas também?!	Video todo; aparece um cara não assumido ainda
LÉSBICAS FORA DO ARMÁRIO - <i>Põe na Roda</i>	06/01/2016	246.682	20.806	97	Reportagem	Reportagem	Entrevista sobre ser lésbica	Como lésbicas se assumiram perante a família, amigos, e trabalho? Relatos sobre preconceito, assédio, machismo e violência	Todo o video
MÃE SEMPRE SABE? (Como é ter filho gay ou lésbica?)	06/05/2014	653.259	21.995	252	Reportagem	Reportagem	Narrativa de mães se filhos sabiam ou não	ASSISTA AOS ERROS E BASTIDORES AQUI: http://youtu.be/3nwss0uIVzc MÃES PELA IGUALDADE: https://www.facebook.com/maes pelaigua... Especial de Dia das Mães http://facebook.com/poeraroda	Toda a primeira parte do vídeo
MÃES LEEM APPS DE PEGAÇÃO (Grindr, Tinder, Hornet...)	21/10/2015	336.868	16.421	109	Sketch	Sketch	Mães/apps	Já pensou sua mãe pega seu celular, abre o Grindr, fuça no Tinder, vê suas mensagens no Hornet e ainda vai tirar satisfação com você? Dê o play, se inscreva no canal e compartilhe com a sua mãe antes que ela te pergunte! :P	Aparece a questão do sigilo; da discricção; de não se expor;

MENINO OU MENINA? (com Oscar Filho e Mariana Armellini)	14/04/2015	252.248	18.257	446	Sketch	Sketch	Definição de gênero e sexualidade	Questionado sobre o sexo do bebê, um médico responde bem além do esperado. Participações especiais: Oscar Filho, Marianna Armellini e Victor Bittow.	Menciona a irmã no armário.
NAMORADO AFEMINADO? - Ajuda, Põe na Roda	30/03/2016	178.713	9.400	113	Ajuda, Põe na Roda	Programa semanal tira-dúvidas	Namorado afeminado	-	Ser afeminado é estar fora do armário; namorar afeminado é expor sua homossexualidade
NAMORO GAY DURA MENOS? Ajuda, Põe na Roda.	25/09/2015	214.476	6.626	124	Ajuda, Põe na Roda	Programa semanal tira-dúvidas	Discussão sobre duração de namoros gays	<p>ÚLTIMO PROGRAMA DA TEMPORADA!</p> <p>No terceiro vídeo deste especial, a gente vai falar abertamente sobre um dos maiores questionamentos da nossa audiência: namoro entre gays! Será que eles realmente duram menos? Por quê? Tem diferença entre os héteros?</p> <p>Como sempre, nós contamos com as orientações de um especialista em comportamento humano e sexualidade, o Dr Cláudio Picazio. Temos Beto Siqueira do TADENTRO (youtube.com/canaltadentro) como convidado.</p>	A família do namorado não sabe que ele é gay/"Durante muito tempo eu gostava de sair com pessoas no armário, eu achava que era uma quebra de barreira..."
NÃO BASTA SÓ SER PAI (Como é ter filho gay?)	05/08/2014	513.744	22.242	123	Reportagem	Reportagem	Pais falam sobre os filhos gays, respondendo perguntas.	<p>Pais falam sobre seus filhos gays: Desconfiavam? Infância? E o medo dos outros? Conselhos?</p> <p>Veja também o vídeo sobre mães: https://www.youtube.com/watch?v=51szl...</p>	Você já desconfiava? (0:3) E como ele se assumiu? (1:53)

NÃO É POR SER GAY QUE EU...	22/04/2014	1.849.350	49.890	649	Sketch	Sketch	Negação do estereótipo gay	INSCREVA-SE NO CANAL: https://goo.gl/4J9r9d NÃO É POR SER LÉSBICA: https://goo.gl/fovP0c NÃO É POR SER BISEXUAL: https://goo.gl/lwSJ6a	Está subentendido no que está sendo questionado
O QUE TEM NA PARADA GAY DO RIO?	19/11/2014	330.163	10.357	110	Reportagem	Reportagem	Parada gay e sua significação	Fomos à Parada LGBT do Rio, e fizemos um quiz pra saber se gays só querem saber de festa ou também de direitos. Ainda teve visita na casa da Narcisca Tamborindeguy, que garante que todo gay tem uma dela dentro de si! Eike absurdo! Eike loucura!	"Lugar que você pode ser você mesmo"
OPÇÃO SEXUAL?	19/08/2014	574.267	27.648	168	Reportagem	Reportagem	Entrevista sobre nascer ou virar gay	E você, nasceu ou virou?	Você consegue descobrir... (5:32)
PALAVRA DO SENHOR (A BÍBLIA E OS GAYS)	09/12/2014	372.624	23.512	1.079	Sketch	Sketch	Sobre a condenação religiosa aos homossexuais	Vamos seguir a palavra!	"Lembra daquela história de que você era gay..."
RELACIONAMENTO ABERTO - Ajuda, Põe na Roda	14/10/2015	215.250	6.227	149	Ajuda, Põe na Roda	Programa semanal tira-dúvidas	Relacionamento aberto	Chegou a hora de falar sobre relacionamento aberto. Gays são mais adeptos a esse tipo de namoro do que lésbicas, bissexuais...? Por quê? Como sempre, nós contamos com as orientações de um especialista em comportamento humano e sexualidade, o Dr Cláudio Picazio. Ah! Também temos Beto Siqueira do TADENTRO (youtube.com/canaltadentro) como convidado.	Namorar com alguém no armário;
SAINDO DO ARMÁRIO NO NATAL - Paródia de Então é Natal	23/12/2014	175.266	10.373	503	Sketch	Sketch	Paródia sobre estar no armário e natal	Cansado da festa de família com a tia perguntando "E as namoradinhas?". Corre que dá tempo de decorar e cantar na ceia da sua família!	Todo o vídeo

TEL AVIV PT 3 - PÕE NA MALA (Parque Aquático, Gay Center, Idosos Gays, Time de Futebol Gay)	22/07/2015	177.637	9.779	58	Põe na Mala	Reportagem	Viagem a Tel Aviv	Em nosso 3º e último vídeo mostrando Tel Aviv, conhecemos no Gay Center, uma comunidade de gays idosos, além de nos divertirmos em um parque aquático e também conhecemos o Rainball, time de futebol gay de Israel.	Idoso comentando sobre a importancia de se assumir; sobre a importancia de modelos positivos para se sair do armário; a vida no armário é ruim.
THE WALKING DRAG	28/10/2014	199.408	10.399	588	Sketch	Sketch	Sketch	Salvo por um Boa Noite Cinderela, ele acordou num mundo diferente e dominado por muito sangue, salto alto e cílios postiços. Neste Halloween, elas vão te dar... medo. Assista e saiba como se defender. Compartilhe e avise seus amigos!	"O único lugar seguro, gente, onde elas não conseguem entrar é dentro do armário" (3:01)
TRAVESTIS NA TV - Sauna Justa: Travestis e Transexuais (parte 2)	13/08/2015	73.412	4.039	19	Sauna Justa	Programa de entrevistas	discussão sobre transexualidade	Depois da 1ª parte, agora conversamos sobre a descoberta da transexualidade, o que acham da exposição de trans na mídia em programas como Sílvio Santos e Pânico, dentre outros, a questão do nome civil, e ainda, um "mea culpa" do <i>Põe na Roda</i> .	Se descobrir e se assumir como transsexual/travesti
TROCA-TROCA, CHUCA SAUDÁVEL, TAMANHO DO PÊNIS - AJUDA, PÕE NA RODA	24/03/2016	528.490	12.512	223	Ajuda, Põe na Roda	Programa semanal tira-dúvidas	Discussão sobre troca-troca, chuca e tamanho da do pênis	A gente continua recebendo centenas de e-mails com pedidos de ajuda de todo o Brasil (e mundo). Por isso, está no ar a segunda edição do "Ajuda, Põe na Roda", o programa onde nos propomos a te ajudar, dando nossa opinião, além de contar com as orientações de um especialista em comportamento humano e sexualidade, o Dr Cláudio Picazio.	Fazer sexo com homens não assumidos; pergunta de não assumido

URSOS - <i>Põe na Roda</i> Repórter	10/02/2015	383.733	11.942	165	<i>Põe na Roda</i> Reporter	Reportagem	Ursos	Depois da primeira edição, onde fomos conferir o mundo das Barbies (https://www.youtube.com/watch?v=J6fFz...), agora fomos ver de perto a vida selvagem dos ursos! Quem são? Como vivem? O abraço é realmente traiçoeiro? Confira!	"os ursos são discretos" (1:40)
VAMOS ROUBAR SUAS NAMORADAS	10/06/2014	336.603	15.946	136	Sketch	Sketch	Crítica a reclamarem de demonstração entre namorados homens	ASSISTA AQUI AOS BASTIDORES: http://youtu.be/I9u7WVm6_j4 Neste dia dos namorados... vamos roubar suas namoradas!	"agora a gente é obrigado a aguentar em público..."
VENDE VIADO? (feat Rafinha Bastos e Gustavo Mendes)	22/07/2014	333.679	12.006	466	Sketch	Sketch	Sketch que compara grinder a um cadarpio	Com Rafinha Bastos e Gustavo Mendes BASTIDORES: http://youtu.be/JpWQx_u960c	"Você tem que comer o enrustido..." (2:20)
VIRGINDADE, TIMIDEZ E GAYS AFEMINADOS - Ajuda, <i>Põe na Roda</i>	15/10/2015	233.551	10.858	103	Ajuda, <i>Põe na Roda</i>	Programa semanal tira-dúvidas	Respondendo a perguntas dos internautas	Com quantos anos você perdeu a virgindade gay? Acredite, tem muita gente que tem problemas com isso e nós vamos te ajudar!	Namorar com alguém no armário; fetiche com o homem no armário.
VIVENDO NO ARMÁRIO: GAYS NÃO ASSUMIDOS	08/07/2014	406.136	21.758	115	Reportagem	Reportagem	Entrevista com não assumidos	Como é a vida dos gays que vivem no armário? Como encarar a família, colegas da escola, faculdade, trabalho e até o pessoal da igreja.	Todo o vídeo
XINGAR OS GAYS NÃO FAZ SENTIDO (com Nany People)	17/06/2014	374.554	14.288	174	Reportagem	Reportagem	Crítica a homofobia	Tá cada vez mais difícil ser homofóbico! BASTIDORES: http://youtu.be/yqj_FCgzf98	Essa coca é fanta...